

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE MESTRADO EM TEOLOGIA**

LUCAS DOS SANTOS FERREIRA

**UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA EUCATÁSTROFE NA OBRA “O
SILMARILLION” DE J. R. R. TOLKIEN**

CURITIBA

2021

LUCAS DOS SANTOS FERREIRA

**UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA EUCATÁSTROFE NA OBRA “O
SILMARILLION” DE J. R. R. TOLKIEN**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Teologia da Pontifícia
Universidade Católica do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Villas Boas

CURITIBA

2021

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

F383u
2021 Ferreira, Lucas dos Santos
 Uma análise teológica da eucatástrofe na obra “O silmarillion” de J. R. R.
Tolkien / Lucas dos Santos Ferreira ; orientador: Alex Villas Boas. – 2021.
110 f. ; 30 cm

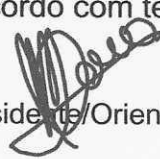
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2021
Bibliografia: f. 102-110

1. Teologia. 2. Mudança de atitude. 3. Providência divina. 4. Tolkien, JRR
(John Ronald Reuel), 1892-1973. Silmarillion. 4. Tolkien, JRR (John Ronald
Reuel), 1892-1973. I. Boas, Alex Villas. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 230

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 005.2021
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e quatro de dias fevereiro de dois mil e vinte um, reuniu-se às oito horas, por videoconferencia, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Alex Villas Boas, Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho, Prof. Dr. Rudolf Von Sinner, para examinar a Dissertação do mestrando **Lucas dos Santos Ferreira**, ano de ingresso 2019, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA EUCATÁSTROFE NA OBRA "O SILMARILLION" DE J. R. R. TOLKIEN**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 12h32. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.


Prof. Dr. Alex Villas Boas - Presidente/Orientador

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho - Convidado Externo

Prof. Dr. Rudolf Von Sinner - Convidado Interno:



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aquele que me ouviu nos momentos turbulentos de desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos meus familiares, que me apoiaram em todo esse trabalho, compreendendo os momentos de estudo e reclusão para escrita. Em especial, agradeço à minha amada esposa, Lais, e aos meus filhos, Bianca e Micael.

Agradeço também às Faculdades Batista do Paraná, instituição onde exerço a docência, e que compreendeu todas as minhas ausências, entendendo ser um investimento em minha vida profissional.

Agradeço à orientação do professor Alex Villas Boas, desde antes do processo seletivo. Estendo essa gratidão aos professores Rudolf von Sinner e Carlos Caldas Filho, que deram suporte em diversos momentos, bem como ao professor Jefferson Zeferino, que esteve sempre à disposição para auxiliar no que fosse necessário.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudos fornecida, a qual me permitiu me dedicar mais intensamente a esta pesquisa.

Agradeço, por fim, ao professor Tolkien, cuja obra fantástica me fascina, e me instiga a buscar experiências teológicas que priorizem o amor e a simplicidade da vida.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar teologicamente o termo *eucatástrofe*, cunhado por J. R. R. Tolkien. O foco da pesquisa é a análise a partir da obra *O Silmarillion*, destacando-se a história de Fëanor e de seus familiares, os Noldor. O objetivo principal é, a partir da conceituação de *eucatástrofe*, fazer uma ponte teológica com a providência divina. Essa associação ocorrerá através de uma análise biográfica do autor da obra, buscando identificar os principais fatores que o influenciaram na criação do termo, bem como das suas histórias. Também será feita uma apresentação dos principais contos de *O Silmarillion*, que apresentam a história dos Noldor, a fim de identificar nelas eventos *eucatastróficos* que podem se ligar à ideia de providência. Por fim, será feita uma associação entre as reviravoltas da história com a proposta de Paul Tillich e Alex Villas Boas a respeito da providência divina. A hipótese principal, portanto, é que há uma relação entre o conceito tolkieniano e o teológico. A metodologia utilizada para esta pesquisa será a análise bibliográfica dos livros de Tolkien, bem como de seus estudos. Além disso, serão consultados teólogos da área sistemática.

Palavras-chave: Tolkien; eucatástrofe; O Silmarillion; providência.

ABSTRACT

The present work proposes to analyze the term *eucatastrophe* theologically, coined by J. R. R. Tolkien. The focus of the research is the analysis based on the work *The Silmarillion*, highlighting the story of Fëanor and his family, the Noldor. The main objective is, from the concept of *eucatastrophe*, to make a theological bridge with divine providence. This association will occur through a biographical analysis of work's author, seeking to identify the main factors that influenced him in creating the term, as well as his stories. There will also be a presentation of the main lays of *The Silmarillion*, which present the history of the Noldor, in order to identify in them *eucatastrophic* events that may be linked to the idea of providence. Finally, an association will be made between the twists of history with the proposal of Paul Tillich and Alex Villas Boas regarding divine providence. The main hypothesis, therefore, is that there is a relationship between the tolkienian concept and the theological one. The methodology used for this research will be the bibliographic analysis of Tolkien's books, as well as his studios. In addition, systematic theologians will be consulted.

Key-words: Tolkien; eucatastrophe; The Silmarillion; providence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. J. R. R. TOLKIEN: O AUTOR, SEU CONTEXTO E SUAS OBRAS	11
1.1. BREVE BIOGRAFIA	12
1.2. SÍNTESE DO CONTEXTO HISTÓRICO E VISÃO ECLESIAL DE J. R. R. TOLKIEN	18
1.3. CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DAS OBRAS DE J. R. R. TOLKIEN ...	26
1.3.1. Influências históricas e literárias	27
1.3.2. <i>Subcriação</i> e fantasia	29
1.3.3. Recuperação e escapismo	37
1.3.4 Consolo: origem da <i>eucatástrofe</i>	39
2. O <i>SILMARILLION</i> : A OBRA E ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS	43
2.1. A CRIAÇÃO DE ARDA E AS DIVINDADES DO UNIVERSO DE J. R. R. TOLKIEN	46
2.2. O <i>QUENTA SILMARILLION</i>	51
2.2.1. A origem dos elfos e sua ida a Valinor	52
2.2.2. Sobre a confecção das <i>silmarils</i>	53
2.2.3. Sobre o roubo da <i>silmarils</i> e a condenação dos Noldor	55
2.2.4. O fim dos Noldor	60
2.3. ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS NO <i>QUENTA SILMARILLION</i> E EVIDÊNCIAS DE <i>EUCATÁSTROFE</i>	61
2.3.1 Fëanor e sua relação com Gênesis 3 e 4	62
2.3.2. A <i>eucatástrofe</i> sobre os Noldor	66
2.3.3. O fim da <i>silmarils</i>	69
3. 3. EUCATÁSTROFE E A DOUTRINA DA PROVIDÊNCIA	73
3.1. A PROVIDÊNCIA DIVINA E SEUS DECRETOS NA TEOLOGIA CRISTÃ	75
3.2. A PROVIDÊNCIA DIVINA SOB A ÓTICA DA TEOPOÉTICA	85
3.3. A <i>EUCATÁSTROFE</i> COMO UMA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO NA PROVIDÊNCIA	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A	107
APÊNDICE B	110

INTRODUÇÃO

J. R. R. Tolkien talvez seja um dos autores mais conceituados dos séculos 20 e 21. O *The Times*, inseriu-o entre os 50 melhores escritores britânicos desde 1945 (2008). O professor de filologia se destacou com a produção de obras de fantasia, as quais trazem um mundo onde há uma diversidade de criaturas fantásticas, como elfos, anãos¹, entre outros, convivendo com os seres humanos. Escreveu obras memoráveis, tratando de diversos conflitos do mundo real dentro do mundo imaginário que a fantasia propõe. Dentre suas obras, pode-se destacar *O Senhor dos Anéis*, possivelmente uma de suas obras mais conhecidas, a qual já vendeu entre 150 e 170 milhões de cópias no mundo, segundo o Diário do Estado (2020). Além disso, no início do século 21 foram produzidas três obras cinematográficas desta obra. Estima-se que o terceiro filme, *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*, lançado em 2003 nos cinemas, tenha arrecadado em bilheteria aproximadamente US\$1,190 bilhão, além de vencer em 11 categorias do Oscar de 2004, destacando-se como o melhor filme daquele ano, conforme o site Adoro Cinema informa (2014).

Além dos números acima, destaca-se a importância dos grupos que se dedicam a estudar Tolkien no Brasil, tanto de forma acadêmica, quanto simplesmente por deleite. A Tolkien Society, instituição que se dedica a promover Tolkien no mundo, e sediada na Inglaterra, reconhece que o primeiro grupo a estudar as obras do professor no Brasil foi fundado por Ronald Kyrmse, em 1989, e se chamava de A Ordem do Sul (KYRMSE, 2003, p. 126). Esse grupo não era acadêmico, embora, de fato, tenha produzido material para esse propósito. Hoje, no Brasil, a Tolkien Society reconhece dois grupos associados à entidade e que se dedicam a estudar Tolkien: A Toca, na cidade do Rio de Janeiro, e Imladris, sediada em São Paulo. Dentro da produção de conteúdo, pode-se destacar o canal do Youtube *Tolkien Talk*, liderado por Sérgio Ramos e

¹ O uso do termo “anãos” remonta a uma decisão do conselho de tradução das obras de Tolkien da editora HarperCollins do Brasil, detentora dos direitos de tradução da obra. A afirmação do conselho é que, assim como Tolkien, no inglês, optou por utilizar *dwarves* para o plural de *dwarf*, os tradutores também optaram por utilizar a palavra *anãos* para ser o plural de *anão*. A opção de Tolkien, à época, era de distinguir a raça da Terra-Média (anãos) dos humanos detentores de nanismo (anões). A entrevista em que o conselho de tradução concedeu essas informações ao canal Tolkien Talk pode ser acessada pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=rePPj2EF5BM&ab_channel=TolkienTalk (Acesso em 04/05/2021).

César Machado. O mesmo foi fundado em 2016, e já conta com 87 mil inscritos e mais de seis milhões de visualizações. O canal não se dedica a estudar o professor Tolkien de forma acadêmica, preferindo produzir vídeos com conteúdo que auxilie os diversos leitores a entender mais a respeito do vasto universo criado pelo professor. Destaca-se também o site *Tolkienista*, cuja contribuição que se pode destacar é a produção de um anuário onde são registradas as principais pesquisas a respeito de Tolkien no Brasil. No Anuário de 2020, destaca-se a publicação de cinco livros do professor traduzidos para o Brasil, bem como uma publicação literária a respeito dele; oito artigos acadêmicos, sendo um na área teológica e sete na área linguística/literária; e nove pesquisas e/ou disciplinas acadêmicas em andamento a respeito de Tolkien, sendo duas em nível de doutorado, três em nível de mestrado, duas em nível de graduação e duas disciplinas ministradas na Universidade Federal do Piauí. De fato, o autor e suas obras são muito estudados em solo brasileiro, e isso por si só justificaria a importância de se estudá-lo nas mais diversas áreas das ciências humanas.

O autor era um católico conservador, e demonstrando bastante piedade e fé em relação aos ensinamentos da Igreja. Mesmo não sendo um teólogo (sua formação era em filologia), trata em sua obra de diversas questões relacionadas à fé. Há o conflito entre o bem e o mal, e como seus personagens lidam com muitas escolhas que precisam tomar diante de diversas situações; há uma diversidade de virtudes sendo demonstradas pelos diferentes indivíduos que compõem as histórias; há uma busca por propósito, por resgatar algo que se perdera, pela luz que havia antes de as trevas surgirem, enfim, uma ressignificação para a vida. De fato, o autor trata de temas complexos, inicialmente para crianças, como é o caso de *O Hobbit*, e posteriormente expandindo o debate para adultos, como é o caso de *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*. Com certeza, Tolkien é um autor literário que possui um amplo nicho de pesquisa dentro do campo teológico.

Infelizmente, apesar de ser muito estudado nos mais diversos ciclos de estudo em território nacional, constatou-se com essa pesquisa a deficiência de produção literária acadêmica a respeito do autor dentro do campo da Teologia. A deficiência só aumenta quando se trata de obras teológicas que enfatizam *O Silmarillion*, possivelmente uma das obras mais fundamentais do autor. Conforme poderá se constatar ao final desse trabalho, a maior parte dos autores

identificados no estado da arte da pesquisa são da área linguística, da história e da filosofia. Dentro do campo da Teologia, somente conseguiu-se identificar os professores Carlos Caldas Filho e Ricardo Quadros Gouvêa; já nas Ciências da Religião, destaca-se a presença de Diego Genu Klautau. Portanto, entende-se que esse trabalho poderá contribuir para disseminar mais pesquisas teológicas a respeito de outras obras do professor Tolkien, indo além de *O Senhor dos Anéis*.

Desta forma, a presente dissertação visa compreender teologicamente o conceito de *eucatástrofe*, termo cunhado por J. R. R. Tolkien, dentro da obra *O Silmarillion*, enfatizando a história do elfo Fëanor e seus familiares, bem como a busca deles pelas *silmarils*, gemas de grande poder, criadas pelo habilidoso elfo ancião. A *eucatástrofe* é um termo que Tolkien utiliza, associando-a à ideia de consolo, sendo este um dos objetivos das histórias de fadas. O autor procura mostrar com este conceito que um dos grandes momentos consoladores desse tipo de história fantástica é a reviravolta que elas proporcionam, tornando finais trágicos em um possível “final feliz”. Para cumprir com este objetivo, buscou-se demonstrar as origens do pensamento de Tolkien a respeito do conceito de *eucatástrofe*, tomando como base sua breve biografia, bem como o contexto político e religioso em que ele estava inserido. Além disso, procurou-se apresentar a obra *O Silmarillion*, enfatizando-se a história de Fëanor e seus familiares, e procurando identificar as reviravoltas que surgiram na história, e possíveis relações teológicas que elas proporcionam. Por fim, buscou-se uma releitura da *eucatástrofe* a partir de uma perspectiva teológica.

A principal hipótese que surge para demonstrar as relações teológicas dentro da obra tolkieniana é a associação que pode ser feita com a providência divina, uma questão importante da teologia, a qual busca encontrar respostas teológicas para a ação de Deus no mundo, bem como o lugar da liberdade humana dentro desse campo de atuação divina. Em síntese, busca entender o efeito das decisões dos indivíduos em associação com os desígnios do transcendental. Acredita-se que essa seja uma hipótese viável, pois percebe-se nos contos de *O Silmarillion* que os efeitos das decisões individuais, bem como as intervenções das divindades, são preponderantes para que a *eucatástrofe* ocorra, demonstrando possíveis ligações com a ideia de providência.

No primeiro capítulo, é apresentada uma breve biografia do professor Tolkien, destacando pontos de sua história relevantes para o desenvolvimento de suas obras. Além disso, buscou-se resgatar o contexto histórico e religioso em que o mesmo estava inserido, e que foram decisivos para influenciar sua produção literária. Por fim, será feita uma exposição da principal obra teórica do autor a respeito das histórias fantásticas, *Sobre História de Fadas* (2010). Para este primeiro capítulo, além das próprias obras de Tolkien os principais teóricos consultados foram o biógrafo do professor, Humphrey Carpenter, um dos principais tradutores de Tolkien no Brasil, Ronald Kymse, e as pesquisas da área de história de Thiago Destro Rosa Ferreira e Emanuelle Garcia Gomes, bem como as pesquisas de Diego Klautau.

Já no segundo capítulo será feita uma análise da obra *O Silmarillion*, procurando destacar as histórias de Fëanor e seus familiares, os quais abrangem boa parte dos contos do texto. Os relatos apresentam questões *eucatastróficas* que podem se vincular à teologia, e por isso entendê-las é fundamental. É feita uma apresentação do panteão tolkienano, bem como a relação que se estabelece entre esses seres divinos e os elfos e humanos criados. Além disso, serão demonstradas as causas e consequências de diversas escolhas tomadas por Fëanor e seus familiares, assim como as reviravoltas que elas causam na Terra-média. Para esta parte da pesquisa, os principais autores analisados foram das linguistas Judith Tonioli Arantes e Fernanda da Cunha Correia. Além disso, as pesquisas de Diego Klautau, Carlos Caldas Filho e Jonas Filipe Matos de Souza auxiliam a entender alguns aspectos teológicos das histórias relatadas.

Por fim, no terceiro capítulo será feita uma exposição da providência divina, tomando por base os teólogos Paul Tillich e Alex Villas Boas. Além disso, tentar-se-á propor relações deste ramo teológico com a *eucatástrofe*, conforme se pode perceber nas contribuições de Jane Beal, Janet Brennan Croft e John Stanifer, entre outros articulistas da Tolkien Society.

Importante mencionar que metade do período dedicado a esta pesquisa transcorreu durante o período de calamidade pública proveniente da pandemia do Covid-19. Tal situação dificultou o acesso do autor do trabalho a diversas bibliotecas que contavam com obras fundamentais para uma melhor compreensão da temática estudada. Boa parte do material utilizado nesta pesquisa foi retirado de repositórios digitais ou comprado pelo autor do trabalho.

1. J. R. R. TOLKIEN: O AUTOR, SEU CONTEXTO E SUAS OBRAS

John Ronald Reuel Tolkien, conhecido simplesmente por J. R. R. Tolkien, nasceu em 3 de janeiro de 1892, na África do Sul (na época, colônia da Inglaterra), e faleceu em 2 de setembro de 1973, na Inglaterra. Foi professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra, lecionando nas áreas de filologia, com ênfase na língua anglo-saxônica, inglesa e literatura medieval. Em sua carreira, dedicou-se a escrever diversos trabalhos, sendo alguns poucos voltados para a área acadêmica, e a maioria deles voltadas para a literatura ficcional. Destacam-se, entre seus escritos, os romances épicos: *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954-1955) e *O Silmarillion* (1977), publicado postumamente por seu filho, Christopher Tolkien. As duas primeiras obras foram publicadas pelo próprio autor, e descrevem eventos ocorridos na Terra-Média, um mundo “subcriado” por Tolkien, e onde transcorre a maior parte de suas histórias. Já a última obra se destaca, pois em diversos momentos o filólogo britânico desejava publicá-la, mas ou seu pedido era rejeitado pela sua editora (CARPENTER, 2018, p. 283-284), ou então seu perfeccionismo exacerbado acabava o impedindo de enviar o livro para publicação (CARPENTER, 2018, p. 151). O próprio Tolkien expressou sua alegria em ver parte da obra aceita pelo seu editor (embora ainda não a ponto de ser publicada), numa carta enviada a Stanley Unwin, em 16 de dezembro de 1937:

Minha principal alegria vem por saber que o *Silmarillion* não é rejeitado com desdém. Tenho sofrido um sentimento de medo e privação, bastante ridículo, desde que iiberei essa tolice amada e particular [o manuscrito de um trecho de *O Silmarillion*]; e creio que se ela tivesse parecido uma tolice ao senhor eu me sentiria realmente arrasado. Não me importo com a forma em versos que, apesar de certas passagens virtuosas, possui defeitos graves, pois ela é para mim apenas o material preliminar. Mas agora certamente terei esperanças de um dia ser capaz, ou ter meios de publicar o *Silmarillion*! (TOLKIEN, 2006, p. 31).

Nesse primeiro capítulo, será apresentado uma breve biografia de J. R. R. Tolkien, a fim de se verificar as principais influências para o desenvolvimento de sua obra. Tomar-se-á por base a obra do biógrafo Humphrey Carpenter, principal referência na atualidade sobre a vida de Tolkien, além de Ronald Kyrmse, uma das principais referências no Brasil a respeito das obras de Tolkien. Além disso, escritos do próprio autor serão usados para fundamentar o contexto em que o autor está inserido. Também será feito um panorama do contexto

histórico e teológico em que o autor está inserido. É importante lembrar que o autor não é um teólogo, e que qualquer menção à teologia em seus textos surge de maneira indireta por conta das influências do contexto em que ele estava inserido. Depois, será feita uma breve apresentação das principais obras do autor que serão consideradas nesta dissertação, destacando-se os aspectos mais significativos para compreender o conceito de *eucatástrofe*. Por último, ainda nesse capítulo, será feito um breve levantamento sobre as principais ideias de Tolkien com relação à *eucatástrofe*.

1.1. BREVE BIOGRAFIA

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 03 de janeiro de 1892, na África do Sul. Por problemas de saúde, sua mãe o levou com menos de dois anos para a Inglaterra, mas seu pai, Arthur Tolkien, permaneceu trabalhando em África, onde, infelizmente, veio a falecer quando o pequeno Tolkien ainda era um bebê. No período em que viveu na África, tinha a lembrança de uma picada de tarântula, motivador principal para colocar aracnídeos como antagonistas em suas obras (KYRMSE, 2003, p. 4).

Mabel Tolkien passou a criar Ronald (como era chamado pelos familiares) e seu irmão, Hilary, sozinha na Inglaterra. Apesar de ser de origem anglicana, ao mudar para a Inglaterra, Mabel se converteu ao catolicismo. Humphrey Carpenter, biógrafo do filólogo britânico, fala sobre a importância do cristianismo para Mabel:

Desde a morte de seu marido, o cristianismo desempenhava um papel cada vez mais importante na vida de Mabel Tolkien e todos os domingos ela levava os meninos para uma longa caminhada até um templo da High Church. Então, certo domingo, Ronald e Hilary perceberam que percorria ruas estranhas e que o local de culto era outro: a igreja de Sant'Ana, na Alcester Street, no bairro pobre próximo ao centro de Birmingham. Era uma igreja católica romana. (CARPENTER, 2018, p. 37).

Carpenter, entretanto, não soube dizer diretamente os motivos que levaram a essa escolha. Fato é que ao se tornar católica romana, Mabel sofreu forte rejeição de seus familiares, os quais eram religiosos da Igreja da Inglaterra. Ronald e Hilary passaram a ser iniciados na doutrina católica, sendo orientados pelo padre Francis Morgan. A família passou por diversas mudanças de casa, e os meninos trocaram algumas vezes de escola. Um desses locais foi a aldeia de

Sarehole, uma região bucólica, a qual se tornou, para Tolkien, o “protótipo do Condado” (KYRMSE, 2003, p. 4).

Ronald Kyrmse apresenta também a influência da educação dada por Mabel ao autor sul africano como um fator fundamental para o surgimento da paixão pelo mundo da ficção:

Aos quatro anos, Tolkien já sabia ler. Foi a mãe quem lhe deu as primeiras lições, de caligrafia e idiomas, e sua influência fez-se notar também no pendor do menino pelo desenho, na apreciação das árvores e no gosto pelas histórias de aventuras. Muito mais tarde, já adulto, Ronald confessou: ‘Eu desejava dragões com um desejo profundo.’ Também seus sonhos estavam se tornando aventurecos. Envolviam uma onda enorme que avançava, impossível de ser detida, e tragava os campos, as árvores, tudo o que encontrava pela frente. Esse ‘complexo de Atlântida’ acompanhou-o por muitos anos, e foi sublimado quando Tolkien compôs seu próprio mito de uma civilização que submerge no oceano: a história da Queda de Númenor. (KYRMSE, 2003, p. 5)

Infelizmente, em 14 de novembro de 1904, Mabel faleceu de diabetes (na época, considerada uma doença incurável). A morte da mãe afetou completamente a vida de Tolkien. Carpenter, inclusive, considera que a morte dela foi o fator decisivo para o autor se ligar afetuosamente a religião, colocando-a como um substituto para aquela (CARPENTER, 2018, p. 47). Mabel deixou a tutela dos filhos ao padre Francis Morgan, a fim de garantir que os filhos continuariam tendo uma orientação católica (além do que, foi o religioso quem auxiliou Mabel a sustentar e a cuidar dos filhos após a família lhes dar as costas ao se tornarem católicos).

Em resumo, o religioso custeou os estudos de Ronald. Ele ingressou na Faculdade de Oxford, onde passou a estudar a língua inglesa, em especial o anglo-saxão. Foi durante seus estudos na faculdade que consolidou os primeiros sinais de amor pela criação de línguas:

Vinha trabalhando há algum tempo na língua [original que foi] influenciada pelo finlandês e, por volta de 1915, ela já havia adquirido algum grau de complexidade. Sentia que era “passatempo tão louco” e não esperava encontrar um público para ele. Ainda assim, às vezes escrevia poemas nela e, quanto mais trabalhava com a língua, mais sentia que precisava de uma “história” que lhe desse sustentação. Em outras palavras, um idioma não podia existir sem uma raça de pessoas que o falasse. Estava aperfeiçoando a língua; agora tinha de decidir a quem ela pertencia (CARPENTER, 2018, p. 108).

Tolkien sempre foi influenciado pela paisagem a sua volta, bem como por eventos que ocorreram no decorrer de sua vida pessoal. Ronald Kyrmse retrata um deles, que ocorreu durante uma viagem à Suíça, em 1911. As paisagens dos Alpes serviram de inspiração para a criação do relevo geográfico de suas obras.

Além disso, um cartão-postal com a figura de um espírito montanhês serviu de inspiração para a criação do personagem Gandalf (KYRMSE, 2003, p. 7). Durante seus estudos na faculdade, ao se debruçar sobre a língua anglo-saxônica, o autor recebeu a inspiração para a criação de seu primeiro personagem relevante para a Terra-Média, *Eärendil*, com base na citação de um personagem angelical no poema anglo-saxônico, *Crist*, chamado *Éarendel* (KYRMSE, 2003, p. 8). Klautau também defende que foi com o estudo de *Beowulf* que Tolkien encontrou a base criativa para o desenvolvimento da Terra-média (KLAUTAU, 2011, p. 86).

Foi durante a faculdade que Tolkien se casou com Edith, sua esposa de uma vida inteira, e grande amor de sua vida. O romance de ambos nasceu como algo proibido por Morgan, mas que apenas cresceu com a distância. O padre não aprovava a união, visto que a moça era anglicana. Além do que, na percepção do religioso, o casamento iria ser um empecilho aos estudos do jovem Tolkien. Permaneceram afastados até que fossem adultos, e então, mesmo com a desaprovação do religioso, resolveram seguir rumo ao matrimônio. Ambos se casaram durante a faculdade, antes de Tolkien ser convocado para a Primeira Grande Guerra. E foi na guerra que Ronald viveu experiências marcantes que influenciaram, inegavelmente, a sua obra. Foi durante esse período que ele perdeu dois de seus melhores amigos, Rob Gilson e G. B. Smith. Junto de Christopher Wiseman, eles formaram uma fraternidade durante a faculdade. A perda de ambos foi um grande peso para Tolkien, que, segundo Carpenter, também influenciou a criação de sua mitologia (CARPENTER, 2018, p. 127). Para o biógrafo, o filólogo desejava expressar na poesia usando suas línguas originais os mais profundos sentimentos que o inundavam nesse período tão conturbado em que os sentimentos estavam extremamente tumultuados. Além disso, Carpenter destaca o desejo que o autor tinha de criar uma mitologia original para a Inglaterra (CARPENTER, 2018, p. 127), pois a maior parte das lendas que eram contadas lá eram oriundas de outros lugares, como Islândia e Finlândia.

Apesar de não ter participado ativamente da Segunda Grande Guerra, a mesma também influenciou a Tolkien. Kyrmse cita que ele tinha uma particular rejeição àquilo que Adolf Hitler apregoava, em especial porque o mesmo estava

retirando o espírito pacífico que predominava na Europa, inspiração para que o autor britânico desenvolvesse suas histórias (KYRMSE, 2003, p. 13-14)

Tolkien, após se formar, passa a trabalhar na Universidade de Leeds. Mesmo após dedicar bastante tempo escrevendo, seu perfeccionismo exacerbado o impedia de se satisfazer, o que procrastinava a publicação de suas obras. Posteriormente, passará a trabalhar na Universidade de Oxford, onde permanecerá até se aposentar. Foi durante esse período que ele lançou suas principais obras, destacando-se sua mais conhecida: O Senhor dos Anéis.

A obra *O Hobbit* teve sua escrita iniciada em um momento desconhecido exatamente pelo próprio Tolkien, segundo Carpenter (CARPENTER, 2018, p. 241). O livro fora publicado em 1937, mas sua escrita deve ter iniciado entre os anos de 1920 e 1930, segundo o biógrafo (CARPENTER, 2018, p. 242). A história tem como protagonista Bilbo Bolseiro, um *hobbit*², que vive uma vida sossegada e tranquila, não gosta de mudanças abruptas em sua rotina, e vive tranquilamente em sua casa, no Condado, longe de aventuras (TOLKIEN, 2009, p. 1-2). Segue um breve trecho do livro, apenas para se ter um breve panorama da obra:

Esse hobbit era um hobbit muito abastado, e seu nome era Bolseiro. Os Bolseiros viviam nas vizinhanças da Colina desde tempos imemoriais, e as pessoas os consideravam muito respeitáveis, não apenas porque em sua maioria eram ricos, mas também nunca tinham tido nenhuma aventura ou feito qualquer coisa inesperada: você podia saber o que um Bolseiro diria sobre qualquer assunto sem ter o trabalho de perguntar a ele. Esta é a história de como um Bolseiro teve uma aventura, e se viu fazendo e dizendo coisas totalmente inesperadas. Ele pode ter perdido o respeito dos seus vizinhos, mas ganhou – bem, vocês vão ver se ele ganhou alguma coisa no final (TOLKIEN, 2009, p. 2).

Apesar de ser um trecho introdutório da obra apenas, percebe-se a proposta da mesma: contar a história de Bilbo Bolseiro, um hobbit que nunca tinha ido numa aventura, e como foi viver sua primeira experiência em uma, ao partir com uma comitiva de anãos³ retomar as riquezas deles, as quais haviam sido usurpadas pelo temível dragão Smaug.

² Segundo o próprio Tolkien, são um ramo dos humanos, não possuem poderes sobre-humanos, possuem uma estatura bem baixa, vivem em maior contato com a natureza. Além disso, são apresentados como pouco ambiciosos quando se trata de riquezas e poder. (TOLKIEN, 2006, p. 154).

³ Utiliza-se a palavra “anãos”, visto que Tolkien optou em suas obras em utilizar a expressão “dwarves” como o plural de “dwarf”, a fim de distinguir o povo dos anãos de humanos que sofressem de nanismo. Da mesma forma, as traduções da Harper Collins, para o português, têm optado por traduzir o plural de “anão” como “anãos” ao invés de “anões”, que seria a forma correta.

Ele destaca em uma de suas cartas, de 25 de outubro de 1958, o quanto alguns fatos de sua vida, diretamente ou não, influenciaram na sua escrita de tal obra. Nesta carta, em especial, destinada a Deborah Webster, ele se compara a um *hobbit*:

Sou de fato um *Hobbit* (em tudo, exceto no tamanho). Gosto de jardins, de árvores e de terras aráveis não-mecanizadas; fumo um cachimbo e gosto de uma boa comida simples (não-refrigerada), mas detesto a culinária francesa; gosto de, e ainda ousa vestir nestes dias sem brilho, coletes ornamentais. Gosto muito de cogumelos (tirados de um campo); possuo um senso de humor muito simples (que até mesmo meus críticos apreciativos acham cansativo); durmo tarde e acordo tarde (quando possível). Não viajo muito. [...]. (TOLKIEN, 2006, p. 275).

Segundo Carpenter, a obra foi escrita provavelmente, com muita rapidez (CARPENTER, 2018, p. 142), em especial devida a ausência de revisões no manuscrito original, além de aparente consistência na caligrafia e no discurso das ideias. A história era voltada para o público infantil (CARPENTER, 2018, p. 244). Inicialmente, ela fora feita para entreter os filhos, e não havia intenções sérias de publicá-la (CARPENTER, 2018, p. 245). Será apenas posteriormente, com indicação de uma ex-aluna que teve acesso ao manuscrito, que o mesmo será encaminhado à Allen & Unwin, editora que fará a primeira publicação em setembro de 1937. A primeira edição se esgotou em dezembro daquele mesmo ano, tamanho foi o sucesso da obra (CARPENTER, 2018, p. 248-249).

Após o estrondoso volume de vendas desta obra, Tolkien buscou publicar aquilo que já tinha escrito de *O Silmarillion*, sua “grande obra mitológica” (CARPENTER, 2018, p. 251). De fato, havia um interesse do editor Stanley Unwin para publicar uma sequência para *O Hobbit*, no entanto, a obra preterida por Tolkien não era a mais indicada pela sua complexidade e discrepância com o material de sucesso. O desejo da editora era uma sequência cujos protagonistas fossem novamente os *hobbits*. De fato, em dezembro de 1937, Tolkien envia uma carta a Unwin dizendo que já iniciara a escrita do primeiro capítulo da obra subsequente (CARPENTER, 2018, p. 254). O elo de ligação entre as duas histórias seria um capítulo inicial, contextualizado numa festa, e o anel, que surge em um dado momento da aventura de *O Hobbit*, e assumirá outras proporções em *O Senhor dos Anéis* (CARPENTER, 2018, p. 254-255).

Contudo, durante o processo de escrita, a obra assumiu “vida própria”:

“Histórias tendem a sair de controle”, Tolkien escreveu a seu editor algumas semanas mais tarde, “e essa tomou uma direção não premeditada.” Ele se referia à aparição, que não planejava, de um sinistro “Cavaleiro Negro” que evidentemente está procurando pelos

hobbits. Era na verdade a primeira de várias reviravoltas não premeditadas que a história sofreria. Inconscientemente, e normalmente sem antecipação, Tolkien desviara sua história do estilo jovial de *O Hobbit* em direção a algo mais sombrio e grandioso, e mais próximo em concepção ao *Silmarillion*. (CARPENTER, 2018, p. 255).

O filólogo buscou permanecer centrado em uma histórias sobre *hobbits*, e nos nomes engraçados que haviam despertado a atenção do público que adquirira a obra homônima. Entretanto, de fato a obra estava assumindo elementos literários mais próximos do épico *Silmarillion* (CARPENTER, 2018, p. 258). Infelizmente, a continuação da escrita passou por várias interrupções, dentre elas a Segunda Grande Guerra, e diversos compromissos e palestras que estavam sendo dadas pelo autor. Contudo, o principal problema era o perfeccionismo exacerbado de Tolkien (CARPENTER, 2018, p. 276-277). A obra fora concluída, finalmente, em 1949, e mandada para Stanley Unwin avaliar (CARPENTER, 2018, p. 280). Foram, ao todo, 12 anos de escrita. O processo de publicação também foi trabalhoso, por dois motivos, em especial: a situação econômica da Inglaterra no pós-guerra, e o desejo de Tolkien em publicar *O Senhor dos Anéis* como uma obra única (não dividida em três partes, como queriam as editoras, por questões de custo) a ser impressa juntamente de *O Silmarillion*. Após muitas discussões o autor se contentou em publicar apenas *O Senhor dos Anéis* dividido em três volumes. Finalmente, em 1954, fora publicado o primeiro volume da obra, *A Sociedade do Anel*. Em seis semanas, de venda, a obra teve que ser reimpressa por esgotamento (CARPENTER, 2018, p. 301). Alguns meses depois, no mesmo ano, fora publicado o segundo volume, *As Duas Torres*. Apenas em outubro de 1955 fora lançado o terceiro e último volume, *O Retorno do Rei*, acompanhado de diversos apêndices que auxiliavam na interpretação da obra.

Em *O Senhor dos Anéis*, há uma complexidade de tramas. Apesar disso, todas norteiam o Um Anel, que precisa ser destruído. Frodo Bolseiro, sobrinho de Bilbo, assume essa responsabilidade junto com alguns companheiros, que saem em uma jornada até Mordor, a fim de destruir o anel na Montanha da Perdição.

Devido ao seu perfeccionismo, muito do seu material produzido acabou não sendo publicado em vida. Christopher Tolkien, seu filho, postumamente editou e publicou os trabalhos do pai, além de cartas que davam algumas explicações para auxiliarem na interpretação das obras, bem como descreverem

o processo criativo usado nelas. A obra de Tolkien será muito elogiada desde o princípio, e muito bem recebida pelos públicos infantil e adulto.

É importante observar que o motivo que levou Tolkien a criar seu Mundo Secundário foi o desejo de criar um mundo onde suas línguas poderiam se desenvolver. A verdadeira paixão dele, como um filólogo, era as línguas que ele criara, mas ele sabia muito bem que para uma língua se desenvolver, era necessário haver uma cultura que lhe desse suporte, conforme afirmado por Kyrmse:

Um dos aspectos especialmente atraentes para muitos dos fãs de Tolkien são as línguas que ele elaborou para seu mundo subcriado – Arda. E é natural que esse seja um dos pontos mais bem trabalhados, pois Tolkien era primariamente um linguista. Na verdade, ele afirmou em uma carta de 1955 que suas histórias foram criadas para proporcionar um mundo às línguas, não o contrário. Ele percebia que uma língua, por si só, não é nada: ela precisa de uma cultura que a apoie. O idioma é a expressão dessa cultura, uma expressão moldada por séculos ou milênios de eventos sociais, políticos, artísticos; por contatos com outras línguas e as culturas que por sua vez lhes dão suporte. (KYRMSE, 2003, p. 41)

Após se aposentar de Oxford, ele se muda juntamente com Edith Tolkien para Bournemouth, e lá viverão até o falecimento dela, em 1968. O ambiente era mais tranquilo e sereno, longe da cidade, a qual o filólogo tanto rejeitava, devido à poluição produzida pelas fábricas, bem como o excesso de tecnologia que rompia com o ar bucólico que o autor tanto prezava (inclusive este será um tema muito pertinente e influenciador de sua obra, o conflito entre o desenvolvimento tecnológico e industrial e o bucolismo).

Após o falecimento de Edith, Ronald Tolkien volta a morar em Oxford, onde viverá uma vida ativa, dando palestras, recebendo honrarias, e continuando a escrever a respeito de sua mitologia. Até que em 02 de setembro de 1973 veio a óbito, por conta de uma infecção crescente, oriunda de uma úlcera tida alguns dias antes. Seu filho, Christopher Tolkien, será o herdeiro do legado literário do pai, e continuará dando sequência àquilo que Ronald havia começado, tentando ao máximo manter as ideias originais do pai para seu mundo secundário. Para tanto, contou com as cartas escritas por Tolkien, e muitos rascunhos espalhados em folhas e cadernos avulsos.

1.2. SÍNTESE DO CONTEXTO HISTÓRICO E VISÃO ECLESIAL DE J. R. R. TOLKIEN

A religião exerceu um elevado papel na vida do filólogo. Como já visto acima, teve uma participação muito intensa de padres em sua criação, tendo o próprio padre Francis Morgan assumido sua tutela após a morte de sua mãe. Sobre a importância da religião, Klautau afirma:

De fato, a religião, em Tolkien, sempre foi importante. A reflexão sobre a verdade religiosa está presente na produção de seu *legendarium* e também em seus escritos teóricos. A própria pesquisa do poema medieval *Beowulf* se encaminha para essa relação entre a tradição cristã, entendida como verdade de fé, revelada e acolhida, e as produções pagãs da mitologia e das lendas, que exaltavam virtudes e valores de uma determinada cultura, no caso de *Beowulf*, escandinava. (KLAUTAU, 2007, p.11).

Dentro dessa perspectiva, compreender aquilo que estava ocorrendo no mundo teológico e eclesial dos séculos 19 e 20 se torna fundamental para uma melhor compreensão das ideias do autor.

Tolkien cresceu num ambiente controverso e tumultuado, característico do final do século 19 e início do 20. Seu desenvolvimento religioso se dá entre o Vaticano I (1869-1870) e o Vaticano II (1962-1965), concílios ecumênicos promovidos pela Igreja Católica, a fim de promover debates sobre a doutrina diante de um mundo que estava num elevado estado de modernização. Além do mais, o humanismo, fruto do Iluminismo do século 18, trouxe novas perspectivas sobre a compreensão teológica do mundo. A respeito do Vaticano I, Bihlmeyer afirma:

A importância do concílio Vaticano I, do ponto de vista histórico-dogmático, jurídico-constitucional e político-eclesiástico é ingente. Do choque das várias correntes teológicas a mão da providência soube tirar um resultado benéfico para a Igreja. A definição dogmática da doutrina sobre a Igreja, o episcopado universal e a infalibilidade pontifícia era a conclusão natural de uma evolução secular: paralelamente a um *rigoroso empenho formal* ela apresenta uma sábia moderação entre os extremos. A unidade e a solidez da Igreja, a crescente autoridade moral do papado, a vigorosa consolidação da função do centro com a superação definitiva das tendências particularistas e episcopalistas, a centralização do governo eclesiástico nos órgãos da Santa Sé, encontram uma clara manifestação no concílio Vaticano I e na história que a ele se segue (BIHLMAYER; TÜCHLE, 1964, p. 522-523).

Percebe-se a importância das decisões tomadas nesse concílio num contexto em que o racionalismo e o materialismo “zelar pela doutrina cristã” diante do avanço da modernidade, segundo Bihlmeyer.

Segundo Klautau, as discussões da Igreja Católica Romana no final do século 19 serão pautadas pelos polos fé e razão, e Igreja e Estado (KLAUTAU, 2007, p. 172-173). Ambos os assuntos não eram novidade no campo de

discussão da Igreja, sendo debatidos em diversos momentos da história. Apesar de não ser uma discussão nova, o contexto em que ela se insere é novo, pois dessa vez a discussão surge numa resistência da Igreja Católica Romana em aceitar a modernidade e o que ela trazia de novo para a realidade eclesial.

Essa preocupação ganha destaque nos próprios documentos da Igreja Católica. Em dezembro de 1864, o papa Pio IX afirmou o seguinte na encíclica *Quanta Cura*:

Na verdade, Veneráveis Irmãos, vós sabeis muito bem que em nosso tempo há muitos que, aplicando à sociedade civil o princípio ímpio e absurdo chamado de naturalismo (como o chamo), ousam ensinar que “a perfeição do governo e o progresso civil exigem que a sociedade seja constituída e governada desconsiderando a religião, como se ela não existisse ou, pelo menos, sem fazer distinção entre religião falsa e verdadeira”⁴ (PIO IX, 1864, tradução livre).

O pontífice continua tecendo sua crítica à modernidade, afirmando mais à frente que a ausência da religião no Estado, proposta pela modernidade, não traria nenhum tipo de benefício, mas apenas afastaria mais ainda os homens da Verdade, que só a Igreja Católica poderia proporcionar.

Há, portanto, no Vaticano I e na encíclica papal uma tentativa apologética de manter protegida a fé católica diante de tantas propostas que o racionalismo e as revoluções sociais estavam proporcionando. Como ilustração disso, há um relato do próprio papa João Paulo II a respeito da importância do Vaticano I para o contexto em que a Igreja Católica estava inserida naquela época, em sua encíclica *Fides et Ratio*, de 1998:

Se a palavra do Magistério se fez ouvir mais frequentemente a partir da segunda metade do século passado, foi porque, naquele período, numerosos católicos sentiam o dever de contrapor uma filosofia própria às várias correntes do pensamento moderno. Daqui resultou, para o Magistério da Igreja, a obrigação de vigiar a fim de que tais filosofias não degenerassem, por sua vez, em formas errôneas e negativas. Acabaram assim censurados os dois extremos: dum lado, o fideísmo e o tradicionalismo radical, pela sua falta de confiança nas capacidades naturais da razão; e, do outro, o racionalismo e o ontologismo, que atribuíam à razão natural aquilo que apenas se pode conhecer pela luz da fé. Os conteúdos positivos deste debate foram formalizados na constituição dogmática *Dei Filius*, por meio da qual um concílio ecuménico — o Vaticano I — intervinha, pela primeira vez e de forma solene, sobre as relações entre razão e fé. A doutrina contida neste texto marcou, intensa e positivamente, a investigação filosófica de muitos crentes e constitui ainda hoje um ponto normativo de referência

⁴ “Infatti Voi sapete molto bene, Venerabili Fratelli, che in questo tempo si trovano non pochi i quali, applicando al civile consorzio l’empio ed assurdo principio del naturalismo (come lo chiamano) osano insegnare che “l’ottima regione della pubblica società e il civile progresso richiedono che la società umana si costituisca e si governi senza avere alcun riguardo per la religione, come se questa non esistesse o almeno senza fare alcuna differenza tra la vera e le false religioni”

para uma correcta e coerente reflexão cristã neste âmbito particular.
(JOÃO PAULO II, 52, 1998)

Apesar de tudo, não se deve observar a modernidade apenas como um empecilho para o desenvolvimento da humanidade e da própria teologia. Outros teólogos propõem novos caminhos para entender a modernidade. Dietrich Bonhoeffer, por exemplo, propõe uma nova releitura da relação entre modernidade de um “mundo adulto”⁵ e a fé cristã, sem olhar aquela de forma depreciativa. Nesta proposta, a hermenêutica bíblica precisa ser não religiosa e novas concepções de Deus, Cristo, Igreja e ser cristão, também devem ser desvinculados de aspectos religiosos. Aparentemente, em contrapartida ao temor da Igreja Católica, o teólogo alemão entende que pode haver uma boa relação com a modernidade, desde que se abra mão de conceitos religiosos a respeito da fé e da razão (GIBELLINI, 2012, p. 118-119)

Outro aspecto teológico relevante que permeou o fim do século 19 e início do 20 foi a chamada secularização. Esse conceito, em nível cultural, começou a ser aplicado no século 19 como referência ao processo de emancipação da cultura em relação à tutela da Igreja. Teologicamente, Gibellini entende duas vertentes da secularização: o mundo moderno saindo da tutela da Igreja Cristã (o mundo se tornando adulto, conforme dito acima); ou a Igreja contribuindo para que o mundo moderno se formasse diante de novas realidades (GIBELLINI, 2012, p. 123). Esse debate está muito associado ao de Bonhoeffer, visto anteriormente, e foi fundamental a fim de desvendar qual seria o novo lugar da Igreja Cristã no mundo moderno.

Outro evento importante vivenciado por Tolkien foi o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962, e finalizando em 1965. Sobre o contexto que redundou neste evento, Codina afirma:

A teologia era a escolástica e, no melhor dos casos, a neoescolástica, seguindo as orientações de Leão XIII na *Aeterni Patris*. Seu método era dedutivo, em forma de tese, em latim, com grande rigor lógico, porém completamente alheio à história e à cultura moderna. Era o que Rahner qualificaria como *Denzingertheologie*. (CODINA, 2005, p. 90).

Codina, mais a frente, demonstrará, em contrapartida, o que a modernidade estava trazendo naquele momento histórico:

Enquanto isso, a modernidade avançava: ilustração, técnica, progresso, a revolução russa de 1917 estendia-se pelo Leste europeu e em parte do Leste asiático, as duas guerras mundiais

⁵ Gibellini afirma que é um conceito kantiano, mas que, em Bonhoeffer, foi baseado em Dilthey, ou seja, um mundo que busca ser autônomo, independente de Deus.

ensanguentavam o horizonte, os países do chamado Terceiro mundo alcançavam autonomia e independência e faziam escutar sua voz. Novas filosofias e modos de pensar afastavam-se cada vez mais do pensamento cristão tradicional (CODINA, 2005, p. 90).

Além de tudo isso, havia, dentro do contexto teológico que antecedeu o Vaticano II, o surgimento de novos movimentos de interpretação bíblica, como o renascimento da patrística, houve novas propostas litúrgicas, além de um aumento dos diálogos no movimento ecumênico entre católicos, protestantes

Tolkien vive nesse contexto teológico. Apesar de a Igreja Católica não ter tanta força na Inglaterra, as consequências desse evento o alcançaram. Como um bom católico conservador, o autor inglês resistiu a muitas inovações propostas pelo mundo moderno em que estava inserido, inclusive as propostas modernas que chegavam com força. Em suas obras, não há, diretamente, nenhuma menção à religião. Já em suas cartas, Tolkien deixou claro alguns de seus posicionamentos com relação à Igreja Católica.

Em uma de suas cartas enviada ao seu filho Michael, o autor apresenta suas preocupações com os rumos que a Igreja Católica tomava. A criação de Tolkien foi bastante conservadora junto ao Padre Francis Morgan no oratório de Birmingham, onde o autor conviveu boa parte de sua infância e adolescência junto a outros religiosos. Portanto, as mudanças que acometeram a Igreja Católica durante o início do século 20, e redundaram no Vaticano II, trouxeram inseguranças diversas ao autor (STARK, 2017). Em um trecho da carta, escrita em 1967, mas que só foi enviada em 1968, o autor diz:

“Tendências” na Igreja são sérias, especialmente àqueles acostumados a encontrar consolo e “pax” em épocas de problemas temporais e não apenas outra arena de conflitos e mudanças. Mas imagine a experiência daqueles nascidos (como eu) entre o Jubileu Dourado e o de Diamante de Vitória. Os sentimentos ou ideias de segurança foram progressivamente tirados de nós. Encontramo-nos agora confrontando nus a vontade de Deus no que nos diz respeito e à nossa posição no Tempo [...]. “De volta ao normal” – apuros políticos e cristãos -, tal como um professor católico certa vez me disse, quando lamentei o colapso de todo o meu mundo que se iniciou logo após eu completar 21. Bem sei que, para você, como para mim, a Igreja, que antigamente parecia um refúgio, agora com frequência parece uma armadilha. Não há nenhum outro lugar para se ir! (me pergunto se esse sentimento desesperado, o último estágio da lealdade que persiste, não foi, com ainda mais frequência do que de fato é registrado nos Evangelhos, sentido pelos seguidores de Nosso Senhor no período de Sua vida terrena. Creio que não há nada a se fazer senão rezar, pela Igreja, o Vigário de Cristo, e por nós mesmos; e, enquanto isso exercer a virtude da lealdade, que realmente se torna uma virtude quando se está sob pressão para abandoná-la. (TOLKIEN, 2006, p. 372)

Percebe-se nesse trecho a decepção de Tolkien com as mudanças recentes que vinham sobre a Igreja. Mais à frente, na mesma carta, ele citará que algumas dessas decepções foram a tendência em tentar se aproximar de uma liturgia mais simples do culto, algo que o professor não via sentido, e usa como figura comparativa uma árvore: ele entende que Cristo deu uma semente para Pedro e os apóstolos, e que, ao lançarem esta semente, ela se desenvolveu, e se tornou uma frondosa árvore. Querer retornar à simplicidade da igreja primitiva, para ele, era retroceder todo o crescimento da árvore, desconsiderando todo o seu desenvolvimento (TOLKIEN, 2006, p. 372-373). Ele também não viu com bons olhos o uso de línguas vernáculas no lugar do latim nas missas, mudança proposta pelo Vaticano II a fim de tornar o culto mais atrativo e acessível (STARK, 2017), principalmente por admirar a língua, e estar acostumado àquele jeito de cultuar. No entanto, o autor já via com bons olhos questões ecumênicas:

Vejo-me simpático àqueles desenvolvimentos que são estritamente “ecumênicos”, isto é, que dizem respeito a outros grupos ou igrejas que chamam a si próprios de (e com frequência o são verdadeiramente) “cristãos”. Temos orado incessantemente pela reunião cristã, mas é difícil ver, caso se reflita, como isso possivelmente poderia começar a acontecer, exceto como o tem sido, com todos os seus inevitáveis absurdos menores. Um aumento na “caridade” é um ganho enorme (TOLKIEN, 2006, p. 373).

Importante ressaltar que Tolkien tinha dificuldades de relacionamento com a Igreja Anglicana, por exemplo, e com algumas vertentes do protestantismo. Vê-lo comentar com bons olhos sobre o ecumenismo demonstra uma evolução do pensamento do autor nesse sentido, mesmo estando inseguro com os rumos que a Igreja Católica ainda estava tomando.

Além das questões eclesiais, é inevitável que a maior influência que pairou sobre Tolkien foram as Guerras Mundiais. Tolkien participou da Primeira Grande Guerra e foi apenas um espectador da Segunda. Entretanto, mesmo não escrevendo uma alegoria, as influências desses conflitos estão muito presentes em suas obras. Um exemplo já citado foi o falecimento de dois grandes amigos de Tolkien, que despertaram sentimentos que só poderiam ser abarcados pela literatura. Além disso, nota-se o desejo do autor de expressar sua indignação com o progresso e positivismo. Ferreira destaca:

Embasado na fantasia e no mítico, o *Legendarium*⁶ propõe um mundo fictício aparentemente anacrônico com o século XX. Por meio de sua literatura, Tolkien acabou por se posicionar diante de um século no qual a percepção de que tudo se acelerava de maneira frenética e incessante era marcante; vestígios da crescente importância do ideal do progresso do século XIX, sobretudo de matriz positivas, eram cada vez mais notáveis, e as próprias relações pessoais começavam a adquirir novos contornos. Sendo assim, a partir de seus posicionamentos e de sua obra, Tolkien não poderia ser tido como apenas um deslocado, um descrente com o tempo em que viveu? Um acadêmico que projetava sua nostalgia em um glorioso passado fictício? (FERREIRA, 2013, p. 14).

Ferreira apresenta uma aparente incoerência de Tolkien. Contudo, deve-se notar que a intenção do autor, aparentemente, é se contrapor ao contexto em que está inserido, onde em prol do progresso há destruição da natureza (industrialização desenfreada, aumento dos recursos bélicos devido ao Imperialismo e às Guerras Mundiais), morte de pessoas inocentes (como nas Guerras Mundiais) e quebra dos princípios e valores do cristianismo escolástico e tradicional diante da modernidade. Ferreira explica mais sobre isso:

O “anacronismo” de Tolkien em relação ao seu próprio tempo era algo que ele mesmo reconhecia [...]. Marcado pela vivência de duas guerras mundiais, desconfortável em uma Inglaterra cada vez mais tomada pelas ‘maravilhas’ do maquinário moderno, das quais desconfiava seriamente, e adepto de gostos e valores literários considerados “excêntricos”, direcionados à fantasia e ao conto-de-fadas, Tolkien reconhecia seu deslocamento. Mas é justamente por isso [...] que talvez seu olhar tenha sido mais rigoroso com o seu tempo, e sua obra, por sua vez, contenha elementos importantes que responda aos anseios de nossa época (FERREIRA, 2013, p. 14).

Tolkien vive num mundo contemporâneo, onde prevalece uma crise sobre a efetividade da razão, ciência e progresso diante dos desafios do século 20, onde elas serão confrontadas com as Grandes Guerras, o elevado desenvolvimento bélico, a destruição dos recursos naturais em prol da industrialização (FERREIRA, 2013, p. 16).

⁶ O *Legendarium* é um conceito cunhado por Tolkien e que faz referência às obras produzidas entre 1910 e 1973, aproximadamente. Segundo Ferreira, seria composto pelas seguintes obras: *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), *As Aventuras de Tom Bombadil* e outros versos do *Livro Vermelho* (1962), *O Simarillion* (1977), *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média* (1980), *The History of Middle-earth* (1983-1996) e *Os Filhos de Húrin* (2007) (FERREIRA, 2013, p. 12-13). Outras obras foram lançadas em português posteriormente à pesquisa de Ferreira, como *A Queda de Gondolin* (2018) e *Beren e Lúthien* (2017). Importante mencionar que as obras publicadas após a morte do autor foram editadas pelo seu filho, Christopher Tolkien. Apesar de ter escrito muitos outros materiais ficcionais e não-ficcionais, nem todas as obras escritas do autor entraram no cânone do *Legendarium*. A definição para uma obra pertencer ou não a um *Legendarium* não é definitiva, e gera profundas discussões e análises das cartas escritas pelo célebre autor, e a interpretação adequada, a fim de garantir que a sua mitologia permaneça o mais próximo possível do que ele desejava.

Diego Klautau, faz menção de destacar que, mesmo sendo contrário a alegorias, a eclosão da Segunda Guerra Mundial deve ter influenciado, definitivamente, a escrita de *O Senhor dos Anéis*. Seu argumento se fundamenta no fato do filólogo inglês não conseguir manter a mesma linguagem infanto-juvenil que imprimiu em *O Hobbit*. Não é mais uma simples história para crianças. “A realidade de um conto familiar ainda está presente, porém agora uma reflexão mais aprofundada se exige. O debate sobre o mal, sobre a justiça e sobre como ler uma estória de fadas se instala” (KLAUTAU, 2011, p. 105).

Na mesma linha, de demonstração da posição de Tolkien num mundo moderno e entregue aos conflitos humanos e existenciais das guerras mundiais, Patrick Curry afirma:

O próprio Tolkien, é claro, era profundamente hostil, integralmente à modernidade – capitalismo (especificamente, as indústrias), ciência desenfreada, e um poder de estado incomparável. Para ele, eram ídolos cuja adoração resultou, em nosso século, na mais eficiente devastação da natureza e da humanidade. Uma vez, ele comentou: “Eu prenderia qualquer um que usasse a palavra Estado (em qualquer sentido que não seja o reino inanimado da Inglaterra e seus habitantes, uma coisa que não tem poder, direitos, nem mente) ...”. E ele descreveu a detonação da bomba atômica em 1945 como “a loucura total desses físicos lunáticos”. Mas essa não é uma observação muito original, e nem tão interessante ou significativa como o que aconteceu ao seu anti-modernismo, amorosamente e habilmente encarnado em um artefato literário, em tempos pós-modernos. Como ele mesmo disse, “é o uso particular em situação particular de qualquer motivo, seja inventado, deliberadamente emprestado, ou inconscientemente lembrado, que é a coisa mais interessante a se considerar”.⁷ (CURRY, 2012, p. 289, tradução livre)

A obra de Curry trabalha, em sua integridade, com a argumentação de que a obra do filólogo inglês é uma evidência anti-moderna em meio ao pós-modernismo. Apresenta Tolkien como sendo um reacionário do seu tempo, num protesto àquilo que estava ocorrendo, e apresentando uma história anterior à modernidade, a fim de tentar resgatar esse elemento idílico que parece ter se perdido com a modernidade.

⁷ “Tolkien himself, of course, was deeply hostile to modernity, root and branch – capitalism (especially industrialism), unrestrained science, and state power alike. For him, they were idols whose worship had resulted, in our century, in the most efficient ever devastation of both nature and humanity alike. He once remarked that “I would arrest anybody who uses the word State (in any sense other than the inanimate realm of England and its inhabitants, a thing that has neither power, rights nor mind) ...”. And he described the detonation of the atom bomb in 1945 as “the utter folly of these lunatic physicists”. But that is not a very original observation, and neither so interesting nor significant as what has become of his *anti-modernism*, lovingly and skillfully embodied in a literary artefact, in *post-modern* times. As he himself put it, ‘it is the particular use in a particular situation of any motive whether invented, deliberately borrowed, or unconsciously remembered, that is the most interesting thing to consider.’”

Klautau expande um pouco mais as ideias de Curry, ao demonstrar que, na verdade, o combate de Tolkien não era contra o advento da modernidade, mas sim com a matriz ideológica do modernismo que estava se desenhando naquele contexto histórico:

Enfim, a modernidade, enquanto projeto, cuja matriz ideológica era o modernismo, era fortemente recusada na formação de Tolkien, mostrou-se em seu desenrolar no século XX como grandes narrativas mentirosas. Ao menos em parte. E é justamente essa parte de falácia que Tolkien via. Uma realidade de guerras por ideologias nacionalistas e racistas, cobiça enlouquecida por expansão de máquinas destrutivas da natureza em nome da lógica do lucro, e o orgulho intelectual que contribuía para uma ciência que tratava o homem e a natureza como peças e engrenagens úteis, de uma grande máquina apta a ser controlada. Eis a modernidade que Tolkien observava na Europa no período entre as duas guerras. (KLAUTAU, 2010, p. 4)

Em síntese, percebe-se que Tolkien escreve uma ficção contextualizada com seu tempo, ao assumir um tom crítico com a modernidade vigente e seu progresso desenfreado. Há uma nostalgia em prol da vida, da moral e da natureza, um desejo por um mundo mais próximo aos princípios cristãos mais conservadores, os quais eram tão defendidos por ele.

1.3. CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DAS OBRAS DE J. R. R. TOLKIEN

Após entender o contexto histórico e teológico de Tolkien, faz-se necessário realizar um panorama pelas principais características presentes nas obras que compõem o *Legendarium* tolkieniano. Para Klautau, o filólogo desenvolveu uma teoria literária própria. Ele afirma:

Com uma criação literária que se estendeu por vários livros, poemas e contos, Tolkien propôs uma concepção de literatura fantástica que retomou perspectivas em ambientes pré-modernos de narrativa, fundamentalmente as narrações mitológicas gregas, romanas e escandinavas, os poemas épicos e as narrativas bíblicas (KLAUTAU, 2011, p. 83).

De fato, a obra de Tolkien resgata uma literatura fantástica em um tempo em que estas já estavam sendo solapadas pela literatura moderna. Seu resgate literário, contudo, trouxe características peculiares. Ronald Kyrmse, ao comentar sobre esse fascínio peculiar das histórias tolkienianas, caracteriza-a como tendo uma tridimensionalidade (KYRMSE, 2003, p. 24). A primeira dimensão seria a Diversidade, ou seja, o universo de Tolkien apresenta “assuntos muito heterogêneos” (KYRMSE, 2003, p. 25), desde povos, terrenos variados, costumes, línguas, calendários, e muitas outras questões diversas. Para

Kyrmse, parece que “nenhum tema foi desprezado por Tolkien: ele conhece a antropologia, a botânica, a geologia, a fauna e a flora, a história e os mitos, os idiomas, a ética, as crenças, as próprias formas de tratamento do mundo que nos mostra” (KYRMSE, 2003, p. 25-26).

A outra dimensão seria a Profundidade, ou seja, dentro dos diversos assuntos abordados pelo filólogo, todos são tratados em detalhes, e nunca de forma superficial (KYRMSE, 2003, p. 26). O exemplo dado por Kyrmse são as línguas da Terra-média, onde o autor cria gramáticas próprias para cada uma das línguas existentes, uma história dentro do desenvolvimento cultural de cada um dos povos onde elas nasceram e uma fonética própria para cada uma das línguas (KYRMSE, 2003, p. 26-27). Isso está entrelaçado com a terceira dimensão, que é o Tempo:

Se os personagens transpõem um rio, temos a certeza de que o curso de água não foi colocado ali apenas para servir de obstáculo ou transporte conveniente. Ele vem fluindo naquele lugar há milênios e é mencionado em mapas e relatos antigos. Serviu de palco a acontecimentos que, mesmo não relatados naquele trecho, poderão constar de outro texto de Tolkien. Os elfos – imortais enquanto não sofram abalos físicos ou emocionais impossíveis de suportar – são eles próprios a personificação do tempo. (KYRMSE, 2003, p. 28).

Percebe-se, pela perspectiva tridimensional proposta por Kyrmse, a tentativa de Tolkien de criar um universo plausível e real. Por isso, torna-se importante compreender as principais influências literárias na obra tolkieniana, além daquilo que o próprio autor registrou como sendo características peculiares de suas obras de ficção.

1.3.1. Influências históricas e literárias

Tolkien era um acadêmico da área da filologia, e, inevitavelmente, sua criação literária viria a sofrer influências de outras mitologias e línguas. Em princípio, pode-se identificar quatro matrizes mitológicas que serão utilizadas em, praticamente, toda criação literária do autor: a matriz céltica, a germânica, a grega e a judaico-cristã.

A matriz germânica se caracteriza pelas influências do poema *Crist* (datados entre os séculos 9 ou 10, com autoria de Cynewulf) e do poema *Beowulf* (datado do século 8). Aquele foi inspiração para o surgimento do primeiro personagem do *Legendarium* a ser criado: *Eärendil*. Já *Beowulf* exerceu tanta

influência no autor (CORREIA, 2019, p. 64), que o mesmo escreveu um vasto estudo crítico sobre a obra, o qual é utilizado até os dias de hoje pelos estudiosos da filologia anglo-saxã. Nele há a presença influente dos anões, dos anéis de poder, além da base necessário para a origem dos elfos e orques (KLAUTAU, 2019, p. 17-18)

A coletânea das Eddas foi a principal influência sobre o *Legendarium*. De matriz céltica, são contos islandeses, em verso e prosa, e oriundos dos séculos 11 e 13. Foram inspiração para alguns nomes, como Gandalf e Gimli. Há também diversas referências a dragões que guardam grandes tesouros, e a presença de um anel amaldiçoado. A língua céltica também contribuiu na criação das línguas faladas na Terra Média, como o élfico (KLAUTAU, 2019, p. 18-19).

A matriz grega já exerce muito mais uma influência teórica, como pode ser visto na construção dos poemas heroicos e na estrutura mitológica dos escritos de Tolkien. Chama a atenção, particularmente, a palavra *eucatástrofe*, a qual se origina nesta mitologia:

A própria eucatástrofe, cunhada por Tolkien em seu ensaio *On Fairy-stories*, dialoga também com uma das três características narrativas da tragédia: a catástrofe, segundo o capítulo XI da Poética aristotélica, juntamente com a peripécia e o reconhecimento. Para o filósofo grego, a catástrofe (ou acontecimento patético) é uma virada narrativa que gera sofrimento, um grande pesar ou algo muito doloroso acontece, enquanto para Tolkien a eucatástrofe é a bela reviravolta, quando tudo parece terrível e algo surpreendentemente bom acontece que, diferente de uma resolução absurda ou incoerente com o enredo, obedece aos princípios exigidos pela razão humana (os quais Tolkien denomina de consistência interna da realidade como requisito para estabelecer a crença secundária) na admiração de uma obra literária (KLAUTAU, 2019, p. 20).

Por último, há a influência da matriz judaico-cristã. Desta, o relato da criação em Gênesis talvez seja o principal contribuinte do *Ainulindalë*, capítulo de *O Silmarillion*. Em ambas há referência a um Deus único e onipotente que criou e sustenta sua criação com seu próprio poder; há seres celestiais, os quais estão em um nível intermediário entre Deus e a humanidade, como os *Valar* e os *Maiar*, os quais são uma clara referência aos anjos e outros seres celestiais presentes na religião judaico-cristã; há a experiência do Mal, através da liberdade de escolha de *Melkor*, muito semelhante àquela que Lucifer possuía quando habitava à presença de Deus, na tradição judaica; destaca-se também todo o problema da queda da humanidade, retratada em *O Silmarillion* através

da queda dos *Noldor* (KLAUTAU, 2019, p. 21), além de uma forte presença da providência divina.

1.3.2. Subcriação e fantasia

O conceito de subcriação é fundamental para se entender toda a obra do autor. Ele foi bastante desenvolvido numa palestra dada por Tolkien em 1938 na Universidade St. Andrews, a qual foi registrada com algumas alterações e posteriormente publicada na forma de um ensaio com o título, traduzido no Brasil, “Sobre Histórias de Fadas” (TOLKIEN, 2010). Nesta obra, o filólogo apresenta sua percepção sobre o que são Histórias de Fadas e sua relevância. Será feito, nesse tópico, uma breve síntese das ideias contidas neste ensaio, que pode ser considerado a principal obra de referência de Tolkien a respeito dos fundamentos teóricos aplicados em suas ficções.

Primeiramente, ele deixa claro sobre o que entende ser as Histórias de Fadas. Fugindo de qualquer conceito, ele entende que “a maioria das boas ‘histórias de fadas’ trata das aventuras dos homens no Reino Perigoso ou em seus confins sombrios” (TOLKIEN, 2010, p. 15). Nessa definição algumas coisas são importantes. Primeiro, o protagonista dessas histórias é o homem, e não as outras criaturas. Por mais que a história traga diversos personagens exóticos e interessantes, que podem voar, falar com animais ou serem imortais, o protagonismo sempre será do personagem humano. Outro conceito importante nesta definição é Mundo Perigoso, também chamado de Belo Reno ou *Fäerie*. Esse mundo é o pano de fundo de qualquer História de Fadas, e somente nesse universo o Mundo Secundário de uma História de Fadas pode se desenvolver. No entendimento de Klautau, Tolkien entende esses tipos de histórias como sendo “a narração de lugares, personagens e situações que, por estarem livres da contingência do tempo e do espaço, podem avançar na investigação das verdades que ainda estão presas neste mundo” (KLAUTAU, 2011, p. 106).

Em outro artigo, Klautau auxilia na interpretação do conceito de histórias de fadas, com base no ensaio de Tolkien. Para o autor, elas tratam do Reino Encantado, ou *Feéria*, lugar “onde seres humanos adentram e vivem experiências literárias próprias” (KLAUTAU, 2007, p. 11). Essa experiência do

humano é individualizada, e pode envolver a relação dele consigo mesmo, ou com a natureza, com outros seres humanos, ou com o próprio transcendente.

Klautau, partindo da ideia de Mundo Secundário e subcriação, entende que há uma relação entre as Histórias de Fadas, a mitologia e a religião. Ele afirma:

As histórias de fadas trazem a reflexão de feéria, em seus níveis de questionamento e de aprofundamento, que tragam a experiência humana em direção ao desconhecido e imprevisível. Segundo o próprio Tolkien, a natureza de feéria é indescritível, porém não é imperceptível, e nenhuma análise do tipo cartesiano poderá desvelar seus segredos. Logo, as histórias de fadas possuem uma tradição própria, que remontam a pessoas, lugares e criaturas que podem ser encontradas em diversos tempos e lugares. (KLAUTAU, 2011, p. 110-111).

Indo nessa sequência, Tolkien apresentará em seu ensaio algumas características que precisam estar presentes em uma autêntica História de Fadas. A primeira delas é satisfazer os desejos primordiais dos seres humanos, como a compreensão das profundezas do espaço e do tempo. Isso quer dizer que nas Histórias de Fadas, o ser humano se relaciona de alguma forma com o Belo Reino a fim de entender questões complexas sobre seus desejos mais profundos (TOLKIEN, 2010, p. 19). Indo nessa perspectiva, onde a experiência do ser humano é valorizada dentro do Mundo Encantado, Klautau diz:

[...] A utilidade das histórias de fadas é justamente a de proporcionar um novo olhar para o mundo. Essas histórias, por tratarem de um lugar, de um encontro entre os seres humanos e algo que está além deles, porém presentes em seu desejo, é um lugar de novidade, de assombro e de surpresa. É o espaço em que o mistério se apresenta com novas imagens, em que os dramas humanos são re-visitados e re-atualizados e reconhecidos. Eis Feéria, que novamente se re-encanta com o cotidiano da natureza. (KLAUTAU, 2007, p. 12)

Há, no argumento de Klautau, uma valorização da *Feéria* como sendo um ambiente onde predominam as virtudes, e o ser humano, quando a visita, as encontra e pode, enfim, experimentá-las a fim de serem utilizados no mundo real. Importante reforçar que essa é uma interpretação do pesquisador, a qual não está diretamente associada algum escrito de Tolkien. No entanto, é uma percepção plausível, e que pode ser considerada tomando por base os conceitos de Tolkien que ainda serão analisados.

Outra característica desse mundo é a comunhão com outros seres vivos. Sim, há seres fantásticos nesse tipo de história, e eles estão em comunhão entre si. Humanos, animais, elfos, anãos, todos estão se relacionando de alguma forma nesse tipo de história (TOLKIEN, 2010, p. 19).

Outra característica muito pertinente é que a História de Fadas não podem ser fruto de um sonho. Na concepção do autor, o sonho não tem o mesmo poder mágico da narrativa fantástica. O autor distingue a compreensão da imaginação desperta daquela produzida pela mente durante o sono. Para ele, o efeito imaginário não é o mesmo, embora o sonho possa, em alguns momentos, aproximar o sonhador das experiências da História de Fadas (TOLKIEN, 2010, p. 20). O maior problema dessa perspectiva, contudo, é que na concepção do autor, o sonho não é uma verdade, ao contrário da narrativa que acontece no Belo Reino. Dessa forma, ele simplesmente se torna uma simples ilusão.

A última característica fundamental para Tolkien neste tipo de história é que ela não pode ser exclusivamente de animais (indo na compreensão de muitos autores desse tipo de história). O autor entende que os animais são fundamentais, mas, como já dito anteriormente, eles não devem ser os protagonistas (TOLKIEN, 2010, p. 21-22).

Após falar sobre as características, Tolkien passa a falar das crianças, principal público para quem as Histórias de Fadas eram escritas. O autor fala de muitos estudiosos da literatura de seu tempo que consideravam impossível a criança ter uma crença literária, e justamente por isso, era mais fácil para ela simplesmente crer numa história fictícia que estava sendo contada. Isso era chamado de “suspensão voluntária da incredulidade”, estado mental em que a criança, mesmo sabendo que tudo o que está lendo na história é mentira, anula a sua incredulidade para crer em tudo o que está ali relatado. Partindo desse conceito, Tolkien desenvolverá a ideia de subcriação:

É claro que as crianças são capazes de ter crença literária quando a arte do criador de histórias é boa a ponto de produzi-la. Esse estado mental tem sido chamado de “suspensão voluntária da incredulidade”. Mas isso não me parece ser uma boa descrição do que acontece. O que acontece de fato é que o criador da narrativa demonstra ser um “subcriador” bem-sucedido”. Ele concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é “verdade”: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe; a magia, ou melhor a arte, fracassou. Então estamos outra vez no Mundo Primário, olhando de fora o pequeno Mundo Secundário malsucedido. Se formos obrigados a ficar por benevolência ou circunstância, então a incredulidade precisa ser suspensa (ou abafada), do contrário será intolerável ouvir e olhar. Mas essa suspensão da incredulidade é um substituto da coisa genuína, um subterfúgio que usamos quando nos deixamos levar por uma brincadeira ou um faz de conta, ou quando tentamos (mais ou menos voluntariamente) descobrir alguma virtude na obra de arte que fracassou para nós (TOLKIEN, 2010, p. 43-44).

Há, portanto, uma distinção de conceitos entre a suspensão voluntária da incredulidade e a crença na subcriação. A primeira, é um ato voluntário de acreditar numa mensagem, mesmo havendo indícios claros de incoerência desta mensagem com o contexto em que está inserida; já a última é uma crença numa mensagem, a qual encontra coerência com o contexto, o que demonstra ser um Mundo Secundário, onde as leis ali criadas são seguidas a fim de que a transmissão da mensagem possa ser bem sucedida.

O conceito de subcriação é de suma importância na compreensão do decorrer da obra. Klautau os relaciona com os objetivos propostos por Tolkien, que serão expostos abaixo (fantasia, recuperação, escape e consolo):

Tais utilidades das histórias de fadas se reúnem em um conceito central de Tolkien: a subcriação. A principal forma de as histórias de fadas atingirem seus objetivos, o encontro com Feéria, é a criação de um mundo fantástico. Cada subcriador se utiliza dos elementos do Caldeirão de Estórias, e serve sua sopa com determinados elementos já existentes. Porém é graças à atividade artística do subcriador que se consegue a medida para que os meios das histórias de fadas consigam produzir frutos (KLAUTAU, 2007, p. 12-13)

Percebe-se no trecho acima que a subcriação está relacionada com o mundo criado, que seria o mundo primário. Dele, o subcriador, que é o escritor da história de fadas, retira os elementos que irão compor sua obra. Portanto, a percepção do escritor influenciará naquilo que será selecionado para compor a ficção. Ainda nessa linha argumentativa, usa-se o termo “medida correta” (KLAUTAU, 2007, p. 13) para mensurar a subcriação necessária para alcançar os objetivos da história de fadas. Ela será bem sucedida quando “o leitor se permite acreditar em algo verossímil, coerente, mesmo que num ambiente sobrenatural, com divindades e seres muito além da realidade material” (KLAUTAU, 2007, p. 13)

Importante ressaltar que Tolkien não considerava sua subcriação como uma mera consequência da imaginação como popularmente é conhecida. Gouvêa afirma que o autor utiliza conceito de *inscape* (traduzido pelo próprio Gouvêa como “inscapar”) para explicar o aspecto imaginativo que sua subcriação deveria produzir. No *inscape*, o leitor, de maneira inspirativa, vai ao mundo subcriado, onde a intensidade permite uma melhor compreensão da vida (GOUVÊA, 2011, p. 29).

Ainda sobre esse conceito, é pertinente perceber o poder da linguagem na criação de mundos:

[...] é, então, a partir da linguagem que o homem altera a paisagem ao seu redor, recria tudo aquilo como uma nova realidade, cria uma segunda realidade, um mundo secundário perfeitamente possível. Dessa forma, esta nova realidade não nega nem o afasta do real. Assim, podemos concluir que tudo que é logicamente possível pode ser representado por um mundo secundário. (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 95).

A citação acima está dentro de um contexto que visa distinguir alegoria e subcriação. Tolkien deixa claro sua insatisfação com alegorias em alguns de seus escritos. A fim de exemplificar, apresenta-se um trecho da carta escrita a Milton Waldman, em 1951:

Desagrada-me a Alegoria – a alegoria consciente e intencional; todavia, qualquer tentativa de explicar o propósito dos mitos ou dos contos de fadas deve empregar uma linguagem alegórica. (E, é claro, quanto mais “vida” uma história tiver, mais facilmente ela será suscetível a interpretações alegóricas, ao passo que quanto melhor uma alegoria deliberada for feita, mais prontamente ela será aceitável apenas como uma história). (TOLKIEN, 2006, p. 142).

Gomes e Sylvestre, ao mencionarem o poder da linguagem na subcriação, afirmam que alegorizar as obras de Tolkien seria algo “extremamente empobrecedor” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 95), visto que a história possui uma “multiplicidade de temas como o mítico, o literário e o histórico” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 95).

As autoras ainda comparam o mundo subcriado com o “mundo possível heterocósmico” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 96), que nada mais seria do que um mundo possível do ponto de vista histórico, lógico e físico, mas que é apresentado artisticamente de outra forma. “O heterocósmico é inverossímil em nosso mundo, mas possível em si, ele possui uma configuração que não é válida no mundo dito real, mas que poderia ser válida em outro tipo de mundo” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 96). Elas ainda acrescentam outras características desse mundo heterocósmico, que não necessariamente divergem da percepção de Tolkien. Há personagens que tem a vida modificada após participarem de uma aventura, e o exemplo que ela dá na obra de Tolkien é Bilbo Bolseiro, um simples *hobbit* que vive uma vida pacata, mas após sair numa aventura, tem seus valores transformados (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 97). Há também, nesse mundo heterocósmico, a presença de diversas viagens, característica nos mitos e ficções, segundo a autora, desde as epopéias gregas e sumérias, e também presentes nas obras de Tolkien (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 98). A última características das histórias que se passam

nesse mundo seriam a presença de combates, guerras e batalhas, característica muito comum nas ficções épicas (GOMES; SYLVESTRE, p. 98-99).

No entanto, há uma distinção exclusiva de Tolkien que torna seu mundo secundário diferenciado, segundo a perspectiva das autoras, que é quando ele “converte os mundos imaginários em mundos reais, geralmente como forma de concluir a narrativa e buscar sentido para ela sob o conhecimento do que entendemos como realidade” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 102). Ou seja, Tolkien, além de criar um mundo possível, traz para o mundo primário meios de evidenciar sua história. Um exemplo dado é a língua élfica, a qual o autor confere qualidade linguística a fim de exaltar sua concretude. “Para além de manter uma coerência narrativa, é um trabalho adicional árduo, que atua profundamente na história e a enriquece (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 103).

Interessante contrapor a ideia de Gomes e Sylvestre a perspectiva de Ferreira, ao apresentar Tolkien como um tradutor, e não escritor da ficção:

Dessa maneira Tolkien recusa o papel de autor, e assume o de tradutor, recurso criativo esse que sustentará toda a literatura do autor, uma vez que, a partir dessa concepção, o *Legendarium* deve ser entendido como fruto do estudo e da tradução de antiquíssimos documentos advindos de uma era perdida da história. Inúmeros elementos e detalhes, fornecidos em abundância ao longo dos textos, enriquecem essa postura e demonstram a profundidade com que isso foi elaborado. (FERREIRA, 2013, p. 21).

Para Ferreira, isso não quer dizer que não há criação de um Mundo Secundário. Mas, a fim de tornar mais factível a história ficcional, o próprio Tolkien se apresenta no Mundo Primário como um tradutor da história, que, obviamente, não é real.

Após sua definição, Tolkien passa a se posicionar de maneira contrária à ideia de que as histórias de fadas são exclusivas às crianças. Na concepção dele, essa associação só é feita por três principais motivos (TOLKIEN, 2010, p. 49): por elas serem humanas, e, naturalmente, terem um gosto por histórias de fadas (embora isso não seja uma regra geral); porque os adultos da Europa rejeitaram esse tipo de literatura, e, acidentalmente, elas foram relegadas às crianças; e porque se acredita que as crianças têm o estado mental apropriado para ler essas histórias, um sentimento antinatural. Duriez, sobre essa questão, afirma:

Ao longo da história, estes contos foram recitados e apreciados por adultos. Mesmo fortes guerreiros os apreciam, festejando em seus momentos triunfantes, chorando nos eventos trágicos. Essas histórias dizem a eles importantes aspectos sobre a realidade – sobre quem eles

eram e o que o mundo era, e sobre o reino divino⁸. (DURIEZ, 2007, p. 273, tradução livre).

Em síntese, para o filólogo inglês, as histórias de fadas que se passam no Mundo Secundário possuem a capacidade de expor a “condição humana” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 103), indo muito além do que se espera que uma criança compreenda. Gomes e Sylvestre ainda afirmam:

Outro ponto interessante que Tolkien nos mostra em sua obra é que o poder seduz e corrompe a todos igualmente. Só os nobres e humildes são capazes de resistir. Tolkien mostra, ainda, que devemos agir como guardiões do mundo, seja ele natural, espiritual ou humano, pois depende de nós resguardá-lo para as gerações que virão. Qualidades como companheirismo, persistência, honestidade, amizade, entre outros podem e devem nos conduzir ao êxito de nossas buscas, mesmo com os percalços que o mundo nos impõem. Aprendemos, também, com os livros de Tolkien que acima de tudo é necessário ter esperança, pois a ajuda vem do lugar que menos esperamos encontrá-la. (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 106).

Há, portanto, uma busca de moralidade a respeito da condição humana, em buscar entender, através da imaginação e criatividade da arte, o “sentido moral da condição humana” (GOMES; SYLVESTRE, 2018, p. 104).

Partindo dessa percepção, Tolkien mostra que muitos objetivos das histórias de fadas são, na verdade, muito mais relevantes para os adultos do que para as crianças, e são eles: a fantasia, a recuperação, o escape e o consolo. Todas, em geral, são características não tão necessárias para as crianças, visto que elas já têm o necessário das mesmas. Essas quatro metas das Histórias de Fadas só cumprem com sua função se a subcriação for bem elaborada, ou seja, se a crença secundária permite acreditar naquilo que foi subcriado, mesmo em um ambiente sobrenatural (KLAUTAU, 2011, p. 114).

Para entender a fantasia, Tolkien propõe a distinção de três conceitos fundamentais, que se não forem bem diferenciados, podem gerar confusão: imaginação, arte e fantasia. Para ele, Imaginação é o “poder mental de criação de imagens”, o qual pode “variar em vivacidade, e intensidade” (TOLKIEN, 2010, p. 54). Já a Arte é a “realização da expressão, que confere (ou parece conferir) ‘a consistência interna da realidade’” realizando um “vínculo operativo entre a Imaginação e o resultado final, a Subcriação” (TOLKIEN, 2010, p. 54). Partindo

⁸ “Through much of history these were tales told and enjoyed by grown-ups. Even strong warriors enjoyed them, rejoicing in their triumphant moments, weeping at tragic turns of events. These stories told them important things about reality – about who they were and what the world was like, and about the realm of the divine.”

desses dois conceitos, Tolkien define a Fantasia como sendo a capacidade de tornar aquilo que a Imaginação criou em Arte. Falando sobre isso, ele diz:

Fazer um Mundo Secundário dentro do qual o sol verde seja verossímil, impondo a Crença Secundária, provavelmente exigirá trabalho e reflexão, e certamente demandará uma habilidade especial, uma espécie de destreza élfica. Poucos se arriscam a uma tarefa tão difícil. Mas, quando elas são tentadas e executadas em algum grau, então temos uma rara realização da Arte: na verdade, a arte narrativa, a criação de histórias em seu modo primário e mais potente. (TOLKIEN, 2010, p. 56).

Ainda sobre fantasia, Tolkien conclui que o mesmo é uma atividade natural, que não deve insultar a razão, mas, pelo contrário, procura aguçá-la para produzir uma melhor fantasia (TOLKIEN, 2010, p. 62). Ele diz ainda que “se os homens estivessem num estado em que não quisessem conhecer ou não pudesse perceber a verdade, então a Fantasia definharia até que eles se curassem” (TOLKIEN, 2010, p. 62). A fantasia, portanto, é fundamental para o desenvolvimento do intelecto, do desenvolvimento humano.

Nesse quesito da fantasia, Todorov entende o fantástico como sendo algo que surge no mundo real (o Mundo Primário de Tolkien), mas que não obedece às leis que o regem. Dessa forma, haveria duas soluções: entender que esse “algo que surge” é uma “ilusão dos sentidos” ou “fruto da imaginação” (TODOROV, 2017, p. 30), o que não afetaria as leis que regem o mundo real; ou então é, na verdade, algo real que é regido por leis desconhecidas. Para Todorov, o fantástico é esse momento do encontro com aquilo que foge às leis do mundo real, e que precisa de uma resposta. A escolha da resposta, conduz o indivíduo a adentrar “o estranho” (TODOROV, 2017, p. 30), que seria o equivalente ao Mundo Secundário de Tolkien.

Retomando a ideia tolkieniana, a característica fantástica parece estar muito associada ao espírito poético que predominava o autor. Segundo Gouvêa, esse espírito poético faz uso da imaginação para afirmar coisas que não podem ser ditas de forma tradicional (GOUVÊA, 2011, p. 22). Talvez, as verdades que Tolkien gostaria de expressar a respeito da vida só poderiam ser explicadas usando-se a linguagem poética num mundo fantástico.

C. S. Lewis também seguiu nessa mesma perspectiva, destacando a importância de utilizar-se de uma história fantástica, como as de Tolkien, para tratar de assuntos sérios do mundo real. Para ele, nos romances de ficção, as qualidades dos personagens estão retratadas com mais evidências em seu

próprio exterior, ao contrário dos seres humanos na vida real, os quais muitas vezes escondem suas características em seu próprio mundo interior, o que torna mais difícil a compreensão (LEWIS, 1955).

Para concluir sua definição sobre a fantasia, Tolkien diz que no mundo decaído em que se vive, até mesmo a fantasia sofre. Entretanto, mesmo assim ela “continua sendo um direito humano: fazemos em nossa medida e em nosso derivativo, porque somos feitos, e não somente feitos, mas feitos à imagem e semelhança de um Criador” (TOLKIEN, 2010, p. 63).

Essa associação com o Criador é um aspecto religioso que permeia toda a obra do autor britânico. Isso vincula o ato de subcriar ao próprio ato de fé. Sobre isso, Gouvêa afirma:

Quando o ser humano subcria (e, entenda-se, só é possível subcriar a partir da fé, pois, do contrário, o que se faz não é subcriação, mas, antes, mera “criação” artística humana), muitas coisas acontecem simultaneamente. Primeiro, ele experimenta uma empatia profunda com o Criador. Segundo, ele dá continuidade ao processo de criação, subcriando novos mundos e novas realidades a partir da criação. Terceiro, o genuinamente subcriar, o subcriador [...] lança luzes sobre o sentido mais profundo da criação divina. (GOUVÊA, 2011, p. 23)

Klautau destaca ainda essa semelhança entre Mundo Primário e Mundo Secundário proporcionada pela subcriação e retratada na fantasia, ao se transformar em arte:

Essa correspondência com a criação, o mundo no qual vivemos, passa pela realidade da divindade criadora. São as virtudes promovidas pela religião que estabelecem a correspondência, pois Deus nos indica como agir corretamente. Em suma: pode até existir um mundo com o sol verde, com árvores amarelas, porém deve obedecer a um parâmetro que permita uma explicação de que Deus, ou seus avatares, criaram o sol verde para expressar a gratidão da grama, e as árvores amarelas para mostrar a proteção do fogo quando usado para aquecer os seres humanos. Assim, como na religião do mundo primário, na criação, a arte subcriativa demonstra o cuidado de Deus com a natureza e com os seres humanos, e nisso existe a lógica religiosa real no mundo primário (KLAUTAU, 2007, p. 13).

De fato, a criatividade é uma das características comuns entre humanidade e o Criador. Ambos criam mundos possíveis de se acreditar através da imaginação. Entretanto, apenas Deus é capaz de fazer uma criação *ex nihilo*, enquanto o homem só consegue trabalhar com elementos do Mundo Primário, reordenando o mesmo, manipulando através da imaginação de diversas formas, a fim de torná-lo um Mundo Secundário (HART, 2007, p. 662).

1.3.3. Recuperação e Escapismo

Outra característica literária que Tolkien afirmou estar presente em suas obras é a recuperação. Ela se manifesta, segundo o autor, ao apresentar imagens do cotidiano de forma não trivial. Portanto, seria “a retomada de uma visão clara” (TOLKIEN, 2010, p. 65), ou seja, enxergar a vida de um ponto de vista diferente, de forma que assumam um novo aspecto. Um exemplo na obra de Tolkien são as árvores dos *Valar*, produzidas pelo canto de *Yavanna*. As duas árvores exerciam a função de iluminar o mundo, lá nos primórdios de *Arda*, como se fossem o Sol e a Lua. Dessa forma, o autor utiliza algo corriqueiro, que são as árvores, mas as coloca numa posição grandiosa, dando a elas uma outra perspectiva.

Outro aspecto relevante da recuperação é a própria ideia de um mundo organizado, mesmo diante do caos em que ele prevalece. Interessante perceber isso nos contos independentes da obra *O Senhor dos Anéis*. Ali, percebe-se que mesmo diante de tamanha morte, dor e sofrimento, mesmo diante das tentações propostas pelo Um Anel, há uma ordem no mundo que rememora no ser humano algo que se perdeu, uma ordem já esquecida no tempo e no espaço (RAPOSEIRA, 2006, p. 29). Há, portanto, nas histórias de fadas, um aspecto nostálgico que é despertado no leitor, de um tempo passado onde a ordem no mundo era diferente, parecia ser melhor do que o é no presente.

Já o escape é um conceito que deve ser muito bem analisado. Existe um escapismo que é a fuga da realidade da vida. Tolkien não acha que as histórias de fadas tratam desse tipo de escape, mas sim, como a fuga do tempo presente apenas, da maldade que foi perpetrada neste mundo presente por culpa das próprias escolhas humanas. Ele afirma:

Faz parte da enfermidade essencial desses dias – produzindo o desejo de escapar, não de fato da vida, mas sim de nosso tempo presente e da miséria que nós mesmos fizemos – estamos agudamente conscientes tanto da feiura de nossas obras quanto de seu mal. Assim, para nós o mal e a feiura parecem indissoluvelmente aliados. Achamos difícil conceber o mal e a beleza juntos. O temor da bela fada que perpassava as eras antiga quase nos escapa das mãos. Mais alarmante ainda: a bondade em si foi privada de sua beleza própria (TOLKIEN, 2010, p. 73).

Há outro aspecto do escapismo, que Tolkien apresenta como sendo a fuga nas histórias de fadas da maldade do mundo, como “fome, sede, pobreza, dor, injustiça, morte” (TOLKIEN, 2010, p. 74). Mas, ao mesmo tempo, há uma busca constante por antigas limitações que são sanadas nestas histórias, como

o desejo de falar com os animais, a visita a um mar profundo sem precisar de muitos recursos e a possibilidade de voar com asas.

O último aspecto do escapismo característico nas obras tolkienianas é o escape da morte. Para Tolkien, este é um dos grandes anseios da humanidade desde tempos remotos, e a história de fadas apresenta a imortalidade como uma possibilidade em diversos momentos. Talvez, a maior evidência disso em Tolkien esteja entre os elfos, seres imortais, que viam nos humanos, mortais, como dotados de uma dádiva. Essa aparente contradição entre as duas criaturas é proposital, e visa demonstrar como cada uma reage diante da finitude.

1.3.4. Consolo: origem da *eucatástrofe*

Finalmente, a última característica das obras literárias do autor é o consolo. Ele descarta a ideia de que o consolo seja a satisfação de antigos anseios. Ele afirma:

Muito mais importante é o Consolo do Final feliz. Eu quase me arriscaria a afirmar que todas as histórias de fadas completas precisam tê-lo. No mínimo diria que a Tragédia é a verdadeira forma do Drama, sua função mais elevada, mas o contrário vale para a história de fadas. Já que não parecemos possuir uma palavra que expressa esse contrário, vou chamá-lo de Eucatástrofe. O conto eucatastrófico é a forma verdadeira do conto de fadas, e sua função mais elevada (TOLKIEN, 2010, p. 76-77)

Para Tolkien, o consolo se manifesta no desfecho. Para tanto, ele faz a comparação entre o Drama e a História de Fadas. No primeiro, o desfecho é a Tragédia; já na segunda, seria a *Eucatástrofe*. O autor apresenta a *eucatástrofe* como uma “alegria gratuita”, ou seja, pode ser que ela nunca se repita (TOLKIEN, 2010, p. 77). Já Klautau a define como “boa catástrofe, a virada que permite que as virtudes que estão no mundo primário prevaleçam no mundo secundário” (KLAUTAU, 2007, p. 13). Essa alegria não se refere à ausência de pesar, pois o sofrimento é uma realidade necessária para a alegria proporcionada pela *eucatástrofe*, aquele momento da história em que tudo está caminhando para a tragédia, mas algo ocorre, algo pequeno, algo simples, mas que causa efeitos significativos que mudam o rumo de toda a história. Isso é *eucatástrofe*, o consolo de um final feliz mesmo após tanta dor e sofrimento. Essa é a consolação que as histórias de fadas podem proporcionar (KLAUTAU, 2007, p. 13).

Em uma carta de 1944, dirigida a seu filho Christopher, Ronald Tolkien fala um pouco mais sobre ela, fazendo, inclusive, referências a ao seu ensaio teórico sobre a literatura fantástica. Ele diz:

Para esse ensaio [Sobre Histórias de Fadas] cunhei a palavra “eucatástrofe”: a repentina mudança feliz em uma história que o atinge com uma alegria que o leva às lágrimas (que eu argumento ser o que os contos de fadas devem produzir como maior função). E lá estava eu, conduzido à visão de que ela produz seu efeito peculiar porque é um súbito lampejo de Verdade, toda a sua natureza encadeada em causa e efeito materiais, a cadeia da morte, sente um alívio repentino como se um membro principal deslocado repentinamente tivesse voltado ao lugar. Ela percebe – se a história possuir “verdade” literária no segundo plano (para o qual ver o ensaio) – que de fato é assim como as coisas realmente funcionam no Grande Mundo para o qual nossa natureza é criada. E eu concluí dizendo que a Ressurreição foi a maior “eucatástrofe” possível no maior Conto de Fadas – e produz aquela emoção essencial: a alegria cristã que produz lágrimas por ela ser qualitativamente tão parecida com o pesar, pois ela vem daqueles lugares onde Alegria e Pesar são um só, reconciliados, assim como o egoísmo e o altruísmo se perdem no Amor (TOLKIEN, 2006, p. 101)

Chama a atenção a maneira como Tolkien identifica a *eucatástrofe* através dos sentimentos que ela produz naquele que está imerso no Mundo Secundário. Assim como a tragédia provoca lágrimas pelo pesar que causa no leitor, da mesma forma a *eucatástrofe* provoca o choro, mas dessa vez pela alegria que desperta por um final feliz inesperado, mas factível de acontecer.

A importância em se entender a *eucatástrofe* afeta toda a compreensão do autor referente à presença de catástrofes em suas obras. Um exemplo claro disso está numa outra carta que ele envia a Christopher, também em 1944, enquanto seu filho servia na Segunda Grande Guerra. Nessa carta, o autor propõe uma reflexão sobre bem e mal no contexto em que estão vivendo, diante de famílias separadas e de um mundo que está se destruindo através da morte, da tortura e da injustiça. Tolkien diz:

Todas as coisas e atos possuem um valor em si mesmas, à parte de suas “causas” e “efeitos”. Homem algum pode estimar o que realmente está acontecendo na atual *sub specie aeternitatis*. Tudo o que sabemos, e isso em grande parte por experiência direta, é que o mal trabalha com um vasto poder e sucesso perpétuo – em vão, apenas preparando sempre o terreno para que o bem inesperado brote. Assim o é em geral e assim o é em nossas próprias vidas... No entanto ainda há alguma esperança de que as coisas possam ser melhores para nós, mesmo no plano temporal, na misericórdia de Deus. E embora precisemos de toda nossa coragem e atrevimento humanos (a vasta soma da coragem e resistência humanas é estupenda, não?) e de toda nossa fé religiosa para enfrentar o mal que pode se abater sobre nós (como se abate sobre outros, caso Deus assim o queira), ainda podemos orar e ter esperança. (TOLKIEN, 2006, p. 78)

Tolkien não nega que os homens são responsáveis pelas suas ações, ao fazer menção às causas e efeitos, e que, portanto, são dignos de receber os méritos pelo bem e também pelo mal que causam. No entanto, o autor deixa claro que há por trás de bem e mal, de causa e efeito, um vestígio de divindade, que ele chama de misericórdia, embora em seu ensaio literário ele chame de consolo e *eucatástrofe*. Este elemento conduz a história, pois o homem que causa bem e mal não entende aquilo que está ocorrendo num plano maior, mas Deus, o Autor da Vida, observa a história de um ângulo maior, e, de certa forma misteriosa, a conduz para o bem.

Ainda sobre a *eucatástrofe*, Diego Klautau aprofunda a relação entre ela e a ressurreição de Jesus Cristo:

A ideia de eucatástrofe se coloca ao lado da ressurreição. A diferença entre histórias de fadas, história e lenda é abolida. O Evangelho é a vida de Jesus Cristo, que se inicia na história enquanto homem, natureza e mistério. Porém é justamente a arrebentação desses limites que orienta a fé cristã. A ressurreição é verdadeira, por isso histórica. O mundo natural é vencido pelos milagres, curas e assombros que Jesus Cristo realiza, e finalmente a Glória cristã é a alegria do encontro com Deus que é Pai. Nesse sentido Feéria é um vislumbre do Reino de Deus no mundo, nostalgia do Paraíso perdido no relato bíblico. Feéria é o lugar de reencontro do ser humano com os anjos, e com os elfos. (KLAUTAU, 2007, p. 14)

Na concepção de Klautau, o Evangelho, através da Ressurreição, é que redime e religa o Mundo Primário com o Mundo Secundário. Esse evento sobrenatural e miraculoso que ocorreu na narrativa dos Evangelhos é real, é histórico, e demonstrou de forma perfeita a relação que há entre o mundo da narrativa e o mundo real.

Diante desse quadro panorâmico apresentado, nota-se o quanto o método de construção da ficção do professor Tolkien recebera influência de sua fé e do contexto em que ele estava inserido. De fato, quando se percebe o quanto ele relaciona as características de um mundo subcriado com aspectos bíblicos da fé cristã, essa influência se torna mais perceptível. Mesmo não escrevendo uma alegoria, de alguma se percebe o quanto o autor desejava, expressar suas opiniões e demonstrar suas emoções para um mundo que estava se destruindo. Talvez, diante de tantos conflitos que o início do século 20 trouxe, além de todas as questões familiares que o autor viveu, ao perder sua mãe, ao participar de uma guerra e depois ver seus filhos participarem de outra, entre outras dificuldades demonstradas em sua biografia, o filólogo desejava encontrar em seu mundo subcriado

Destacar-se-á nos próximos capítulos uma das obras do professor Tolkien, *O Silmarillion*, e procurar-se-á demonstrar como o autor inseriu em algumas partes dessa obra evidência do consolo que ele propõe na forma de *eucatástrofe*.

2. O *SILMARILLION*: A OBRA E ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS

A obra *O Silmarillion*, como já dito no primeiro capítulo, era a obra magna do professor Tolkien. Em uma carta destinada a Katherine Farrer, escrita em junho de 1948, o autor afirma que o início da escrita da obra deve ter ocorrido por volta de 1914 (TOLKIEN, 2006, p. 128). Nesta mesma carta, o autor expõe a paixão que possui pelo manuscrito, bem como a importância dele para um melhor entendimento de *O Senhor dos Anéis*. Infelizmente, o pedido para publicação foi rejeitado, em partes pela complexidade da obra, e outra pela incompletude, visto que o professor Tolkien não conseguiu finalizá-la antes de sua morte, cabendo a Christopher, seu filho, compilar os manuscritos do pai e dar um fechamento àquilo que havia sido proposto anteriormente. A título de exemplificação, segue um trecho de uma carta do filólogo ao seu editor, Stanley Unwin, datada de 1950:

Por mais ridículo e cansativo que o senhor pense que sou, eu desejo publicar ambos – *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis* – em conjunto ou em ligação. “Eu desejo” – seria mais sábio dizer “eu gostaria”, visto que não é muito provável que um pacotinho de, digamos, um milhão de palavras, de assuntos apresentados por extenso que os anglosaxões (ou o público falante de inglês) só conseguem aguentar de forma moderada, venha a público, mesmo se o papel estivesse disponível à vontade. (TOLKIEN, 2006, p. 134).

A obra foi publicada postumamente, por Christopher Tolkien, pela primeira vez em 1977. No próprio prefácio, republicado pela editora Harper Collins em 2019, Christopher fornece algumas informações relevantes sobre o seu pano de fundo. Considera-se o primeiro parágrafo deste prefácio:

O Silmarillion, agora publicado quatro anos após a morte de seu autor, é um relato dos Dias Antigos, ou a Primeira Era do Mundo. Em *O Senhor dos Anéis*, foram narrados os grandes eventos do fim da Terceira Era; mas as histórias de *O Silmarillion* são lendas derivadas de um passado muito mais profundo, quando Morgoth, o primeiro Senhor Sombrio, habitava na Terra-média, e os Altos Elfos fizeram guerra a ele para recuperar as Silmarils. (TOLKIEN, 2019, p. 11).

Aqui, no prefácio, Christopher Tolkien afirma que os manuscritos mais antigos da obra remontam a 1917 (TOLKIEN, 2019, p. 11). Caldas sugere alguns motivos para a não publicação do livro: talvez o perfeccionismo de Tolkien ou o medo em como a Igreja Católica Romana receberia um texto, cujo pano de fundo vinha de mitologias pagãs (CALDAS FILHO, 2003, p. 139). Fato é que o autor trabalhou nos manuscritos dessa obra por toda a sua vida. Christopher deixa claro no prefácio o árduo trabalho de compilação, visto ser a obra inacabada.

O título do livro é sugestivo, pois faz menção às *silmarils*, joias confeccionadas por Fëanor, um ancião élfico, tomando por base as luzes das Duas Árvores, Telperion e Laurelin (essas árvores, criadas pelas *Valier* Yavanna e Nienna, eram responsáveis por iluminar o mundo no princípio de Arda). Após a destruição dessas árvores por Morgoth, a única fonte da bela luz original repousava sob as três *silmarils*. Todo o enredo de *O Silmarillion* parte da disputa pelo poder dessas pedras preciosas.

A obra original é dividida em, pelo menos, cinco partes: o *Ainulindalë*, onde há o relato da criação dos *Ainur* (seres poderosos, equivalentes, talvez, aos arcanjos da mitologia judaico-cristã) e de Arda, que seria o mundo da narrativa tolkieniana. Tal criação foi promovida pelo pensamento de Eru, chamado em Arda de Ilúvatar. Após, há o *Valaquenta*, que seria uma espécie de descrição dos *Ainur* que escolhem habitar em Arda, e que serão chamados de *Valar*, os Poderes de Arda. A terceira parte, e também a mais extensa, seria o *Quenta Silmarillion*, onde há uma série de contos independentes que relatam as tramas por trás das *silmarils*. É nessa parte da obra que se tem acesso à origem dos elfos e humanos, a relação deles com os *Valar*, os conflitos promovidos por Melkor, chamado posteriormente de Morgoth, (um dos *Valar*, o qual se rebelou contra os princípios de Eru, e buscou destruir sua criação) contra os *Valar*, elfos e humanos. Após, há o *Akallabêth*, um conto da Segunda Era que apresentará a decadência dos humanos que habitavam a ilha de Númenor, e que acabaram dando ouvidos a Sauron, servo leal de Morgoth. Por último, há o conto intitulado *Dos Anéis de Poder* e da Terceira Era, que relatará sobre a criação dos anéis de poder, bem como o destino final de seus portadores, durante a Terceira Era. Christopher Tolkien fez alguns acréscimos, para auxiliar os leitores. No prefácio de 1977, afirmou que é de sua autoria o índice remissivo completo, um quadro com a nomenclatura dos diferentes povos élficos que haviam no início do mundo, uma nota de auxílio para as pronúncias dos nomes élficos, e um mapa (TOLKIEN, 2019, p. 13).

Já no prefácio da segunda edição, de 1999, Christopher inseriu uma carta de seu pai a Milton Waldman, onde fala um pouco sobre a criação de *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis*, datada do fim de 1951 (TOLKIEN, 2019, p. 17). Lá, o professor apresenta os motivos que o levaram a escrever as duas obras, sendo o principal, a necessidade de desenvolver uma mitologia própria

para a Inglaterra, sem necessariamente um fundo não-cristão (TOLKIEN, 2019, p. 18). A única história fantástica que lá havia era sobre as lendas do Rei Arthur. Entretanto, dois motivos eram fundamentais para ela não ser considerada mitologia, segundo Tolkien: a história ocorria em solo britânico, mas era de origem céltica; e a relação entre religião e a própria história era muito explícita, que como dito acima, não era algo que o filólogo via com bons olhos em uma mitologia (CORREIA, 2019, p. 65-66)

Caldas Filho apresenta diversos aspectos teológicos desta obra. Um deles é a relação que ela possui com o Gênesis (CALDAS FILHO, 2003, p. 140), visto que ambas apresentam relatos da criação do mundo e dos seres que nele habitam, ambas dão uma ênfase às árvores (no Gênesis, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, enquanto em *O Silmarillion* há Telperion e Laurelin), diversidade de relatos genealógicos e etiológicos, além de extensas descrições geográficas.

Outro aspecto teológico de destaque é a própria questão do mal. Para Caldas Filho, “*O silmarillion* é uma teodiceia, ou seja, a apresentação de uma resposta ao problema do sofrimento e do mal no mundo sem abrir mão da crença na bondade, na onipotência e na justiça de Deus” (CALDAS FILHO, 2003, p. 151). Ainda sobre o tema do mal, Caldas Filho faz uma análise de um evento no *Ainulindalë*:

É significativo por demais que, no *Ainulindalë*, mesmo após Melkor desafinar a canção entoada pelos Ainur, ela continua sendo exercida, pois faz com que a dissonância de Melkor seja de alguma maneira incorporada ao todo da canção. Isso revela uma visão agostiniana de Tolkien. Apesar disso, a visão de Tolkien é pessimista. (CALDAS FILHO, 2003, p. 151).

Nesse trecho do artigo, Caldas Filho está fazendo uma referência ao evento da criação do mundo. Eru fornece um tema para que os Ainur entoassem uma canção, e Melkor tenta a todo momento destoar o do tema. No entanto, mesmo com essa interferência, de certa forma ruim, Eru permite que a canção continue sendo entoada, e o fruto dela será Arda. De certa forma, portanto, Tolkien associa a criação do mal a uma certa permissividade do criador do mundo, o qual em nenhum momento recomeça a canção, mas integra a dissonância de Melkor à música original.

Considera-se importante compreender um pouco todo o aspecto mitológico do panteão tolkieniano, apresentando no *Ainulindalë* e no *Valaquenta*.

2.1. A CRIAÇÃO DE ARDA E AS DIVINDADES DO UNIVERSO DE J. R. R. TOLKIEN

Conforme indicado no *Ainulindalë*, no início de tudo havia apenas Eru, o Uno, que criou os Ainur (ou os Sacros) a partir do seu próprio pensamento. Os Ainur faziam companhia a Eru, sendo seres imortais. Alegravam o criador mediante canções, cujos temas eram dados pelo próprio Eru (TOLKIEN, 2019, p. 39). Em um dado momento, o Uno propõe um tema mais poderoso, o qual cada Ainur deveria transformar em uma canção. A proposta divina era que as canções fossem se harmonizando ao tema comum. A música que resultou desse processo era belíssima e sem falhas, até o momento em que um dos Ainur, o mais poderoso dentre eles, chamado de Melkor, começou a destoar da harmonia, colocando suas próprias ideias diante do tema de Eru, “pois ele buscava com isso aumentar o poder e a glória da parte designada a si própria” (TOLKIEN, 2019, p.40). A canção fora interrompida outras vezes, por Eru, até que a harmonia voltasse. No entanto, a dissonância de Melkor na canção traria consequências reais, pois o tema de Eru não visava apenas agradar a ele e os Ainur, mas sim criar um mundo através da música. Ao concluir, Eru declara:

Então, Ilúvatar falou, e ele disse: “Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso entre eles é Melkor; mas para que ele saiba, como todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas coisas que cantastes, eu mostrá-las-ei para que vejais o que fizestes. E tu, Melkor, hás de ver que nenhum tema pode ser tocado que não tenha sua fonte última em mim, nem pode alguém alterar a música à minha revelia. Pois aquele que tentar há de se revelar apenas instrumento meu para a criação de coisas mais maravilhosas que ele próprio não imaginou.” (TOLKIEN, 2019, p. 42).

Então, Ilúvatar revelou o resultado da canção aos Sacros, os quais viram quão belo era o mundo que fizeram, obra de suas canções. Apenas os elfos e homens não faziam parte ainda deste mundo, pois foram concebidos pelo próprio Ilúvatar, e só seriam revelados na hora certa aos Ainur (TOLKIEN, 2019, p. 43).

Contudo, o mundo ainda era apenas uma visão, e não era habitável. O desejo de habitar aquele lugar era forte em alguns dos Ainur, e por isso, Eru decretou “Eä!”, e tudo se fez com o poder da Imperecível Chama (no universo de Tolkien, a Imperecível Chama é exclusiva de Ilúvatar, e está associada com seu poder criador) (TOLKIEN, 2019, p. 45).

Aqueles Ainur que desejaram habitar em Arda, foram chamados de Valar, os Poderes de Arda. A eles coube dar sequência ao mundo criado por Eru, preparando-o para os filhos de Ilúvatar, que seriam os elfos e os homens (TOLKIEN, 2019, p. 48). Tolkien explica em uma carta a Milton Waldman, como os Valar poderiam ser comparados a seres angelicais, ou até mesmo aos deuses de outras mitologias

Estes últimos [os Valar] são o que chamaríamos de poderes angelicais, cuja função é exercer uma autoridade delegada em suas esferas (de domínio e governo, *não* de criação, fazer ou refazer). São “divinos”, isto é, originalmente estavam “fora” e existiam “antes” da criação do mundo. Seu poder e sua sabedoria são derivados de seu Conhecimento do drama cosmogônico, o qual perceberam primeiramente como um drama (ou seja, de certo modo como percebemos uma história composta por outra pessoa) e posteriormente como uma “realidade”. Pelo lado do simples artifício narrativo, isso assim se dá, é claro, para proporcionar seres da mesma ordem de beleza, poder e majestade que os “deuses” de uma mitologia maior que ainda assim podem ser aceitos – bem, digamos grosseiramente – por uma mente que creia na Santíssima Trindade. (TOLKIEN, 2006, p. 143).

Nessa citação, apesar de terem uma natureza divina, Tolkien reforça o fato de os Valar não serem, de fato, criadores, e nem objeto de adoração (TOLKIEN, 2006, p. 187). Inclusive, em todos os contos presentes em *O Silmarillion*, eles apenas exercem o domínio sobre Arda, mas qualquer aspecto de decisão com efeitos cósmicos, deveria passar pelo crivo de Eru. Portanto, no universo tolkieniano, prevalece um monoteísmo, e não um politeísmo (CALDAS FILHO, 2003, p. 141).

Ferreira chama a atenção para algumas características dos Valar, as quais são importantes destacar (FERREIRA, 2013, p. 56-57). Primeiramente, eles são “essencialmente bons” (FERREIRA, 2013, p. 56). Com exceção de Melkor, de fato, não há nos Valar nenhuma tendência ao mal, nem variações de humor, algo mais comum nas mitologias gregas, por exemplo (RICOEUR, 2013, p. 234-235). Apesar de tudo, o fato de Melkor se posicionar contrariamente aos desígnios de Eru demonstra que tal natureza boa poderia ceder espaço a uma discordância dos desígnios do criador. Outra característica que ele destaca é o fato de o número dos Valar sempre ser o mesmo desde a criação de Arda, o que remete a ideia de que eles não se reproduziam, mesmo sendo apresentados como casais em diversos momentos (FERREIRA, 2013, p. 57). Isso, para o autor, destaca o fato de que só Eru seria capaz de criar outros seres como os próprios Poderes de Arda. A última característica que ele destaca é o fato de que

as descrições de temperamento e de gênero estão mais ligadas a aspectos espirituais do que físicos, visto que eles não se apresentam com uma forma física fixa e específica, apenas fazendo-o quando estritamente necessário.

A fim de uma melhor ilustração destas divindades, apresentar-se-á abaixo uma breve descrição dos Valar, conforme a ordem em que são apresentados no “Valaquenta”. Os nomes serão apresentados com traduções do élfico em raiz *quenya* (Tolkien desenvolveu outro ramo da língua élfica, o *sindarin*, sendo que o *quenya* era falado pelos Altos Elfos que habitavam Valinor, junto aos Valar, enquanto o *sindarin* era o élfico falado entre os elfos que nunca foram a Valinor, e continuaram habitando a Terra-média):

- Melkor: inicialmente, era para ser o mais poderoso dos Ainur (TOLKIEN, 2019, p. 52). Mas, ao se rebelar contra Eru, perdeu essa posição para seu irmão, Manwë. Seu nome significa “Aquele que se ergue em poder” (FERREIRA, 2013, p. 156). Em Arda, demonstra afeição pelo artesanato e por manipular coisas materiais, criando sua própria cidadela em Utumno e Angband, para se refugiar nas batalhas que empreenderá contra os Valar (RUFO, 2016, p. 28). Demonstra também uma certa proximidade com o elemento do fogo, sendo este bastante presente nas descrições de sua fortaleza.
- Manwë: também é chamado de Súlimo, e é o irmão de Melkor. Foi nomeado “senhor do reino de Arda e regente de todos os que nele habitam” (TOLKIEN, 2019, p. 52) pelo próprio Eru. Seu nome, significa “bom, abençoado, imaculado”. (FERREIRA, 2013, p. 155). Seu domínio são as regiões do ar, e se deleita nos ventos e nas nuvens. Seus principais mensageiros são as águias, símbolos, inclusive, da *eucatástrofe* em diversos momentos (MENDE, 1986, p. 38). Habita em Taniquetil, a montanha mais alta do mundo, junto com Varda, sua esposa.
- Varda: também chamada de Senhora das Estrelas, seu domínio são a luz e as estrelas. Seu nome significa “estrela” (FERREIRA, 2013, p. 160), e é a mais reverenciada entre os elfos (TOLKIEN, 2019, p. 52). É apresentada como potencializadora dos poderes de Manwë, que é capaz de enxergar mais longe quando ela está ao seu lado (TOLKIEN, 2019, p. 52).
- Ulmo: chamado de Senhor das Águas, vive sozinho em seu domínio, que é o mar (embora seu poder se estenda sobre toda água do mundo,

inclusive aquela que está dentro do organismo dos seres vivos) (TOLKIEN, 2019, p. 53). Era o mais próximo dos elfos e humanos, sempre procurando favorecê-los e protegê-los de alguma forma (TOLKIEN, 2019, p. 53). É apresentado como o segundo em comando dos Valar após Manwë.

- Aulë: terceiro em poder, após Manwë e Ulmo. Assim como Melkor, amava o artesanato, e seu domínio era a terra e os minerais produzidos por ela. A diferença entre os dois estavam na intenção de suas obras: Aulë sempre buscava usar a terra para criar aquilo que estava nos planos de Eru, ao contrário de Melkor (TOLKIEN, 2019, p. 54). Foi responsável por criar os anões, um drama particular, e que é destacado em um dos contos do *Quenta Silmarillion*. Sua esposa era Yavanna.
- Yavanna: chamada de Provedora dos Frutos, e de Kementária, a Rainha da Terra. Seu domínio era tudo o que crescia na terra e todas as formas de vida que a habitavam, envolvendo flora e fauna (TOLKIEN, 2019, p. 54). É colocada, juntamente com Varda, como uma das mais poderosas senhoras entre os Valar (FERREIRA, 2013, p. 161). Ela é esposa de Aulë e irmã de Vána.
- Námo: irmão de Irmo e Nienna, habita em Mandos, e por isso é muitas vezes chamado desta forma. Mandos está a oeste de Valinor, a casa dos mortos, e sobre eles exerce seu domínio (TOLKIEN, 2019, p. 54). É o único que é apresentado como sendo onisciente, além de ser apresentado como juiz dos Valar (FERREIRA, 2013, p. 155). Sua esposa é Vairë.
- Vairë: chamada de Tecelã, é responsável por tecer a história de Arda nos Salões de Mandos (TOLKIEN, 2019, p. 55). Seu marido é Námo.
- Irmo: irmão de Námo e Nienna, habita em Lórien, como também é conhecido. É apresentado como o “mestre de visões e sonhos” (TOLKIEN, 2019, p. 55). Lá é onde os espíritos cansados, e os próprios Valar, vão descansar de seus fardos. É marido de Estë.
- Estë: conhecida como a Gentil, é aquela que dá o descanso àqueles que estão se sentindo aflitos e exaustos com seus fardos (TOLKIEN, 2019, p. 55). É esposa de Irmo.

- Nienna: irmã de Námo e Irmo, é apresentada como aquela que “é experimentada na dor e pranteia cada ferida que Arda sofreu na maculação causada por Melkor” (TOLKIEN, 2019, p. 55). Seu lamento visa ensinar a piedade e a esperança, e por isso, ela, que habita “sobre as fronteiras do mundo” (TOLKIEN, 2019, p. 55), visitava com frequência somente o Salão de Mandos, a fim de levar força aos espíritos dos que morreram. Assim como Ulmo, vive só.
- Tulkas: chamado também de Astaldo, o Valente, seu domínio é a força e as batalhas corpo a corpo (TOLKIEN, 2019, p. 55). É apresentado com a seguinte forma: “Cabelo e barba são dourados, e suas carnes, coradas” (TOLKIEN, 2019, p. 55). É casado com Nessa.
- Nessa: irmã de Oromë, e esposa de Tulkas, e se caracteriza como uma grande velocista e dançarina, além de amar os cervos (TOLKIEN, 2019, p. 56). É esposa de Tulkas.
- Oromë: Tulkas é apresentado como sendo o mais forte, enquanto Oromë é apresentado como sendo o mais furioso. Amava a Terra-média, e a visitava com frequência, sendo, inclusive, aquele que achará os elfos, após seu despertar. “Ele é um caçador de monstros e de feras cruéis, e avalos e mastins são seu deleite; e a todas as árvores ama [...]” (TOLKIEN, 2019, p. 56). Sempre é apresentado com seu cavalo, Nahar, e com sua trompa, Valaróma. É irmão de Nessa e esposo de Vána.
- Vána: chamada de a Sempre-jovem, ama as flores e as aves (TOLKIEN, 2019, p. 56). É irmã de Yavanna e esposa de Oromë.

Quinze, portanto, foram os Ainur que vieram a Arda, tornando-se os Valar. Habitavam em Valinor, a oeste do mar, com exceção de Morgoth, que habitava na fortaleza que ele mesmo criou na Terra-média.

Além dos Valar, havia também os Maiar, apresentados como espíritos criados por Eru, mas num grau inferior aos Valar (TOLKIEN, 2019, p. 57). São apresentados como cumpridores de missões designadas pelos Valar, tanto em Valinor, como também na Terra-média (TOLKIEN, 2019, p. 58).

Com uma melhor compreensão do panteão, e compreendendo um pouco o princípio de Arda, pode-se adentrar agora nos contos do *Quenta Silmarillion*, e

apresentar uma das principais histórias a ser analisada neste trabalho, chamada aqui de A Queda dos Noldor.

2.2. O QUENTA SILMARILLION

O *Quenta Silmarillion*, como já dito, abrange os contos mais extensos da obra *O Silmarillion*. É composto de vinte e quatro contos independentes, mas interligados entre si pela mesma trama. Para os fins deste trabalho, verificar-se-ão trechos da obra que tratam do surgimento dos elfos, como que estes foram conduzidos para Valinor, as terras habitadas pelos Valar, a criação das *silmarils* por Fëanor, filho de Finwë, as quais eram três pedras valiosas que possuíam dentro de si a luz das grandes árvores que iluminavam o mundo, Laurelin e Telperion. Também serão vistos nesses trechos o relato do roubo dessas joias por Melkor, e o sentimento de vingança que nascerá nos Noldor, sob liderança de Fëanor, a tal ponto de estarem dispostos a retornar à Arda e retomá-las, sem levar em consideração os meios que serão necessários para cumprimento de tal empreitada.

2.2.1. A origem dos elfos e sua ida a Valinor

Os elfos, assim como os humanos, são chamados de filhos de Ilúvatar. A vinda deles era muito esperada pelos Valar, visto que elfos e homens haviam sido inseridos na canção que deu origem ao mundo pelo próprio Ilúvatar, e não por nenhum dos outros Ainur. Eles teriam sido levantados do “sono de Ilúvatar” (TOLKIEN, 2019, p. 80) no lago Cuiviénen. Lá, foram encontradas pelo valar Oromë, o qual com frequência ia às terras de Arda para cavalgar.

Importante mencionar que os elfos são imortais, são bons artesãos, e criaram durante a história de Arda, muitas coisas belas. No entanto, eles podem morrer por ferimento ou tristeza ou simplesmente cansaço do mundo, e quando isso ocorre, vão aos salões de Mandos, e caso desejem, podem retornar a Arda posteriormente (CORREIA, 2018, p. 89)

Assim foi que os Valar acharam enfim, como se fora por acaso, aqueles a quem tinham tanto esperado. E Oromë, contemplando os Elfos, encheu-se de assombro, como se eles fossem seres repentinos e maravilhosos e imprevistos; pois assim sempre há de ser com os Valar. Pois de fora do mundo, embora todas as coisas possam ser

pressagiadas em música ou previstas em imagem de longe, para aqueles que entram em verdade em Eä, cada coisa, a seu tempo, há de ser encontrada de repente, como algo novo e não pronunciado. (TOLKIEN, 2019, p. 81).

Até aquele momento, havia uma divisão de poderes no mundo. Na ilha de Valinor, a oeste do mar, habitavam os Valar, enquanto que na Terra-média, a leste do mar, o domínio pertencia a Melkor. Apesar de com frequência os Sacros visitarem estas terras, as evidências do mal perpetrado por Melkor eram notadas. Diante disso, Manwë, rei dos Valar, resolve liderar uma batalha contra Melkor, a fim de proteger os elfos de sua influência maligna. A razão da batalha nunca foi esquecida, e por conta disso, Melkor sempre nutriu um desejo de vingança contra os filhos de Ilúvatar recém despertados (TOLKIEN, 2019, p. 83).

Após a batalha, com vitória dos Poderes de Arda, houve um debate sobre o que fazer com os elfos. A conclusão foi que eles deveriam ser convocados a irem habitar com os Valar em Valinor. “Dessa convocação vieram muitas tristezas que depois se deram” (TOLKIEN, 2019, p. 84). Havia três representantes dos elfos, que atuavam como seus líderes: Ingwë, Finwë e Elwë, os quais conduziram boa parte de seu povo para Valinor (foram chamados, dessa forma, de Eldar). Aqueles que não quiseram ir, ficaram conhecidos como Avari (TOLKIEN, 2019, p. 85). Durante a viagem, alguns acabaram abandonando a marcha, permanecendo em outras regiões de Arda. Em Valinor, alguns preferiram permanecer no litoral, enquanto outros seguiram para Aman, capital dos Valar. Desses três líderes, surgiram as diferentes linhagens élficas. Focar-se-á nos Noldor, linhagem de Finwë e seus seguidores, considerados “bem-amados de Aulë” (TOLKIEN, 2019, p. 94), o Poder que se destacava pelas obras manuais que envolvem as pedras e rochas. Com as habilidades aprendidas do Valar, os Noldor “foram os primeiros a descobrir as gemas da terra, e eles as trouxeram à luz em miríades incontáveis; e criaram ferramentas para cortar gemas e lhes dar forma, e as entalharam de muitos feitios” (TOLKIEN, 2019, p. 95).

Finwë teve três filhos: Fëanor, filho de Míriel Serindë, e Fingolfin e Finarfin, filhos de Indis. Destes, destaca-se o primogênito:

Fëanor era o mais poderoso na habilidade com palavras e com as mãos, com mais conhecimento que seus irmãos; seu espírito ardia como uma chama. Fingolfin era o mais forte, o mais resoluto e o mais valente. Finarfin era o mais belo e o mais sábio de coração; e, mais tarde, tornou-se amigo dos filhos de Olwë, senhor dos Teleri, e tomou

por esposa Eärwen, a donzela-cisne de Alqualondë, filha de Olwë. (TOLKIEN, 2019, p. 95).

Fëanor é destacado na história, visto ser ele o artífice responsável pela confecção das *silmarils*. O nascimento dele exigiu um elevado consumo espiritual de sua mãe, a tal ponto que ela veio a falecer por cansaço (TOLKIEN, 2019, p. 99). Por conta disso, Finwë acabou dando todo o seu amor a ele (TOLKIEN, 2019, p. 99). Sobre ele, é feita a seguinte descrição:

Era alto, e belo de rosto, e dominador, com seus olhos de um brilho penetrante e seu cabelo negro como o corvo; ao perseguir todos os seus propósitos, ávido e resolutivo. Poucos alguma vez mudaram seu curso por conselho, ninguém pela força. Tornou-se, entre todos os Noldor, então ou depois, o de mente mais sutil e o de mãos mais hábeis. [...]; e foi ele que, primeiro entre os Noldor, descobriu como gemas maiores e mais brilhantes que aquelas da Terra podiam ser feitas por arte. As primeiras gemas que Fëanor fez eram brancas e sem cor, mas, postas sob a luz das estrelas, chamejavam com fogos azuis e prateados mais brilhantes que os de Helluin; e outros cristais ele também fez, nos quais coisas distantes podiam ser vistas, pequenas, mas claras, como que com os olhos das águias de Manwë. Raramente estavam as mãos e a mente de Fëanor em repouso (TOLKIEN, 2019, p. 99-100).

Nesse meio tempo, Melkor foi libertado do cativeiro em que fora inserido desde a última batalha. Achevou-se aos Poderes, implorando por perdão, o qual foi concedido com a condição de ele permanecer habitando em Valinor, sob os olhos dos Valar (TOLKIEN, 2019, p. 101). Entretanto, “o amor partira dele para sempre” (TOLKIEN, 2019, p. 101). Provavelmente, enquanto esteve preso, alimentou dentro de si mais ódio e orgulho, apenas aguardando a oportunidade correta para confrontar os Valar e os elfos recém chegados a Valinor (CORREIA, 2018, p. 93). Vivendo entre os Valar e os Eldar, aproximou-se em especial dos Noldor, os quais “tinham deleite no conhecimento oculto que era capaz de lhes revelar; e alguns deram ouvido a palavras que teria sido melhor para eles jamais ter escutado.” (TOLKIEN, 2019, p. 102). Inclusive, foi de Melkor que Fëanor mais aprendeu muitas artes e segredos da arte da confecção.

2.2.2. Sobre a confecção das *silmarils*

Os planos de confecção das *silmarils* surgem de um “novo pensamento, ou pode ser que alguma sombra de presságio tenha vindo a ele sobre a sina que estava próxima; e ponderou como a luz das Árvores, a glória do Reino Abençoado, poderia ser preservada de modo imperecível” (TOLKIEN, 2019, P.

103). Com esse intento, de preservar perpetuamente a luz de Arda, Fëanor confeccionou três grandes joias. Sobre elas, diz-se:

Semelhante ao cristal de diamantes parecia e, contudo, era mais forte que adamant, de modo que nenhuma violência podia maculá-la ou quebrá-la dentro do Reino de Arda. Contudo, aquele cristal era para as Silmarils não mais do que o corpo é para os Filhos de Ilúvatar: a casa de seu fogo interno, que está dentro dela e, contudo, em todas as partes dela e é a sua vida. E o fogo interno das Silmarils Fëanor fez com a luz mesclada das Árvores de Valinor, a qual vive nelas ainda, embora as Árvores há muito tenham definhado e não brilhem mais. Portanto, mesmo na escuridão do mais profundo salão de tesouro, as Silmarils, de sua própria radiância, brilhavam como as estrelas de Varda; e, contudo, como se fossem elas de fato coisas vivas, regozijavam-se na luz e a recebiam e devolviam em tons mais maravilhosos do que antes. (TOLKIEN, 2019, p. 103-104).

As joias causaram temor em todos os habitantes de Valinor, e Melkor as cobiçou, e começou a procurar meios de adquirir tais objetos. A atitude dele era de manipulação pelas palavras, as quais eram tão bem estruturadas que os ouvintes acreditavam que tinham “surgido de seu próprio pensamento”, e não do inimigo dos Valar. Com essa teia de mentiras manipuladoras, passou a induzir os Eldar de que havia um plano escuso dos Sacros ao trazerem-nos a Aman (TOLKIEN, 2019, p. 104).

Assim, antes que os Valar percebessem, a paz de Valinor foi envenenada. Os Noldor começaram a murmurar contra eles, e muitos se tornaram cheios de orgulho, esquecendo quanto do que eles tinham e sabiam viera a eles como dádiva dos Valar. Fortíssima queimava a nova chama do desejo por liberdade e reinos mais dilatados no coração ávido de Fëanor; e Melkor riu em seu segredo, pois àquele alvo dirigira suas mentiras, odiando Fëanor acima de todos e cobiçando sempre as Silmarils. Mas delas não permitiam que ele se aproximasse; pois, embora em grandes festas Fëanor as usasse, luzindo em sua frente, em outras horas eram guardadas de perto, trancadas nas fundas câmaras de seu tesouro, em Tirion. Pois Fëanor passou a amar as Silmarils com um amor avaro e se recusava a mostrá-las a todos, salvo a seu pai e a seus sete filhos; raramente lembrava agora que a luz dentro delas não era sua. (TOLKIEN, 2019, p. 105).

A ação de Melkor não era apenas por conta de sua cobiça, e de certa forma, inveja do trabalho majestoso de Fëanor. Não se pode esquecer do desejo de vingança que ele tinha, por conta da última batalha, em que fora derrotado pelos Valar, e aprisionado (ARANTES, 2016, p. 131).

Com o temor desperto entre os Noldor, em especial entre o criador das valiosas gemas, Melkor espalhou mais mentiras que provocaram mais aflição entre os Eldar. Afirmou que havia uma trama de Fingolfin e Finarfin para tomarem os objetos valiosos de seu irmão (TOLKIEN, 2019, p. 105-106), além de começar a induzi-los à confecção de armas, desnecessária em Valinor, visto que ali havia a proteção dos Poderes (TOLKIEN, 2019, p. 106). Diante de tudo isso, Fëanor

começa o discurso de rebelião, vindo na possibilidade de retorno ao leste a melhor opção diante do que tem presenciado nas terras dos Valar (TOLKIEN, 2019, p. 106). Sua ira era tanta, que até mesmo ameaçou seu meio-irmão, Fingolfin, quando este tentava convencer o pai a tentar conter os impulsos do primogênito (TOLKIEN, 2019, p. 107).

Arantes chama a atenção, que mesmo na queda de Melkor, nos primórdios do Tempo, e na queda dos Noldor, que começa a se desenlaçar, prevalece o sentimento de orgulho e de desejar ser superior a um outro ser que, naturalmente, o é. Deseja-se mais poder, mais conhecimento, a fim de tentar se tornar gradativamente maior do que o próprio Eru (ARANTES, 2016, p. 132).

Melkor espalhava os boatos de forma discreta, a tal ponto que os Valar, apesar de verem que algo estava ocorrendo entre os Noldor, não sabiam que isso ocorria por conta dos rumores espalhados. Diante disso, Fëanor é convocado a comparecer diante dos Poderes de Arda, e ao prestar esclarecimentos sobre o ocorrido, cita as mentiras criadas por Melkor (TOLKIEN, 2019, p. 108). Este, já prevendo o que ocorreria após o julgamento, fugira de Valinor para não ser encontrado. Fëanor, e seus filhos, são condenados ao degredo por doze anos. Eles se estabelecem em Formenos, fora de Aman, para onde levarão suas gemas. Finwë, rei dos Noldor, acompanha o primogênito, tamanho é seu amor por ele, e o governo dos que permanecem na capital é entregue a Fingolfin (TOLKIEN, 2019, p. 108). Melkor ainda tenta manipulá-lo com mentiras, mas é frustrado, pois dá a entender a Fëanor que, na verdade, seu maior interesse está nas gemas do elfo, e não em, de fato, ajudá-lo contra a opressão dos Poderes de Arda (TOLKIEN, 2019, p. 109).

2.2.3. Sobre o roubo das *silmarils* e a Condenação dos Noldor

Passou-se um breve tempo da fuga de Melkor. Este fora para o sul, onde encontrara Ungoliant, uma criatura com forma de aranha, tão antiga quanto a criação de Arda, e que estava em constante fome. Sua fome era tão voraz, que se alimentava até mesmo da luz, a fim de tentar saciar essa constante necessidade de seu organismo (TOLKIEN, 2019, p. 112). Junto desta criatura, Melkor planejou seu retorno a Aman, visando invadir a cidade e destruir as árvores que iluminavam o mundo, Telperion e Laurelin

Faz-se importante dedicar um espaço à origem de Telperion e Laurelin, a fim de se entender a importância delas para Arda. Inicialmente, os Valar habitavam na Terra-média, convivendo junto a Melkor. Eles estavam organizando o mundo, dando sequência àquilo que já havia sido criado por Eru. Para iluminar o mundo, havia duas grandes lamparinas: Iluin, que ficava ao Norte, e Ormal, ao sul. Portanto, não havia dia e noite, pois o mundo estava sempre iluminado. Contudo, Melkor, aproveita uma oportunidade para executar seus planos de domínio sobre Arda, e ao fazer isso, destrói as duas lamparinas (TOLKIEN, 2019, p. 64-65).

Foi a partir desse momento que os Poderes de Arda partem da Terra-média, e estabelecem seu reino em Valinor. Entretanto, era necessário iluminar o mundo de alguma forma, e esse processo coube, espontaneamente, a Yavanna e Nienna.

Diante de seu portão oeste havia um teso verde, Ezellohar, que também é chamado Corollairë; e Yavanna o consagrou, e se sentou longamente sobre a relva verde, e cantou uma canção de poder, na qual foi posto todo o seu pensamento de coisas que crescem na terra. Mas Nienna meditou em silêncio e agudou o solo com lágrimas. Naquela hora, os Valar estavam reunidos todos juntos para ouvir a canção de Yavanna e se sentaram em silêncio em seus tronos de conselho no Máhanaxar, o Círculo do Julgamento perto dos portões dourados de Valmar; e Yavanna Kementári cantou diante deles, e eles observaram. E, conforme observavam, sobre o teso ergueram-se duas mudas esguias; e havia silêncio sobre todo o mundo naquela hora, nem havia qualquer outro som além do cântico de Yavanna. Sob sua canção, as mudas cresceram e se tornaram belas e altas e vieram a florescer; e assim despertaram no mundo as Duas Árvores de Valinor. De todas as coisas que Yavanna fez, elas têm o maior renome, e à volta da sina delas todos os contos dos Dias Antigos estão tecidos. (TOLKIEN, 2019, p. 67).

Essas duas árvores iluminavam o mundo conforme suas flores desabrochavam. Foram chamadas de Telperion, aquela que iluminava o que pode ser chamado de Hora Inicial; em um determinado momento, ela cessava de florescer, e nesse momento, quem passava a iluminar era Laurelin. Foi dessa forma que os Valar passaram a contar o tempo dos dias.

Percebe-se, portanto, a importância dessas árvores. Elas não eram apenas os luminares do mundo, mas foram a maior das obras de Yavanna e Nienna. Eram belíssimas, e traziam grande alegria aos Valar. Além disso, Arantes destaca o fato de elas simbolizarem “aquilo que é sagrado, representam poder e renovação de vida” (ARANTES, 2016, p. 129).

Enquanto Melkor se organizava para invadir Valinor e destruir Telperion e Laurelin, celebrava-se um festival em louvor a Eru. Era uma festa diferente naquele momento, pois Manwë planejava utilizar o evento para aliviar as dores dos Noldor de qualquer mal que tenha prevalecido dos conflitos anteriores (TOLKIEN, 2019, p. 113). Fingolfin tentou se reconciliar com seu irmão, Fëanor, que aceitou o perdão apenas “em palavra” (TOLKIEN, 2019, p. 114). Enquanto todos festejavam, Melkor cumpriu seu propósito, invadindo a cidade em segredo e destruindo completamente as árvores. Ele, as destruiu com sua lança, enquanto Ungoliant sugou toda a luz. Com isso, veio o obscurecer sobre Valinor (TOLKIEN, 2019, P. 113-114).

Diante dessa nova situação, os Valar solicitaram a Fëanor que concedesse as *silmarils* a eles para que a luz pudesse ser replicada através delas, visto que Yavanna não conseguiu restaurar as árvores novamente utilizando seu poder. A resposta dele foi negativa, visto que seu zelo por elas era tamanho a ponto de não abrir mão delas, nem mesmo visando a luz de Arda (TOLKIEN, 2019, p. 117-118). No mesmo instante, Fëanor fica sabendo que Melkor e Ungoliant foram a Formenos, e lá mataram Finwë, e roubaram as valiosas gemas que guardavam a luz de Arda (TOLKIEN, 2019, p. 118). Fëanor amaldiçoou Melkor, chamando-o de Morgoth, o Sombrio Inimigo do Mundo, além de amaldiçoar todos os Valar, visto que eles o convocaram à cidade, desejaram tomar as *silmarils*. Diante desse novo quadro, permeado pela amargura de perder o pai e suas valiosas joias, Fëanor convocou os elfos de Aman, e os incitou a se rebelarem contra os valar. Seu discurso foi:

“Por que, ó povo dos Noldor”, gritou, “por que deveríamos ainda servir aos invejosos Valar, que não conseguem manter a nós, nem mesmo a seu próprio reino, a salvo do seu Inimigo? E, embora ele seja agora adversário deles, não são eles e Morgoth uma só gente? A vingança me chama a sair daqui, mas, mesmo que fosse de outra maneira, eu não habitaria mais na mesma terra com a gente do assassino de meu pai e do ladrão de meu tesouro. Contudo, não sou o único valente neste povo de valentes. E será que vós todos não perdestes o vosso Rei? E o que mais não perdestes, presos aqui, numa terra estreita entre as montanhas e o mar? Aqui antes havia luz, que os Valar negavam à Terra-média, mas agora o escuro iguala a todos. Havemos de prantejar aqui, inertes para sempre, um povo de espectros, assombrando a bruma, derramando lágrimas vãs no mar ingrato? Ou havemos de retornar ao nosso lar? Em Cuiviénen doces corriam as águas sob estrelas livres de nuvens, e vastas terras havia em volta, onde um povo livre podia caminhar. Lá elas ainda estão e aguardam a nós que, em nossa insensatez, as deixamos. Vinde embora! Que os covardes fiquem com esta cidade!” (TOLKIEN, 2019, p. 123).

Seu discurso surtiu grande efeito, e conseguiu instigar muitos dos Noldor a participarem de seu princípio de rebelião. No entanto, o ápice deste evento ocorrerá com o juramento feito por ele e seus sete filhos, os quais “ninguém há de quebrar, e ninguém devia fazer, pelo nome mesmo de Ilúvatar, invocando a Escuridão Sempiterna sobre si próprios se não o cumprissem” (TOLKIEN, 2019, p. 124). O juramento teve Manwë e Varda, reis dos Valar, como testemunhas, e tinha como teor “perseguir com vingança e ódio, até os confins do mundo, Vala, Demônio, Elfo ou Homem ainda não nascido, ou qualquer criatura, grande ou pequena, boa ou má, que o tempo houvesse de gerar até o fim dos dias, a qual tivesse ou tomasse, ou guardasse uma Silmaril, privando-os da posse dela” (TOLKIEN, 2019, p. 124).

Sua mensagem conseguiu incitar a maioria dos elfos a busca da liberdade em retornar ao outro lado do mar, às terras que viveram outrora. De fato, apenas Fëanor e seus filhos tinham como razão para o retorno a retomada das silmarils, não importando o custo. Aos outros Noldor, interessava muito mais a chance de ter mais liberdade e de viver novas aventuras no leste (TOLKIEN, 2019, p. 124-125). Houve contenda e divisão entre os Noldor, sobre a liderança desse retorno, bem como sobre as razões para ele acontecer, no entanto, mesmo em grupos separados, de fato eles partiram rumo ao seu destino. Manwë enviou um de seus mensageiros para alertá-los sobre essa ação impulsiva que estavam tomando, a qual somente traria muitas tristezas (TOLKIEN, 2019, p. 126). O discurso do arauto também fazia menção de destacar que “assim como cá vistes livremente, livremente haveis de partir” (TOLKIEN, 2019, p. 126). Até aqui, o único exilado que não poderia mais retornar a Valinor seria Fëanor (TOLKIEN, 2019, P. 126).

Os Noldor continuaram sua marcha rumo ao mar, e resolveram pedir apoio aos Teleri, elfos que permaneceram habitando o litoral de Valinor. Seu auxílio seria de grande valia, visto que possuíam navios. Era liderados por Olwë, irmão de Elwë, e tinham grande apreço pelos Noldor (TOLKIEN, 2019, p. 127). Entretanto, o mesmo se negou a prestar auxílio, visto que amavam seus navios e suas terras, além de ainda terem fé nos Poderes de Arda. A resposta de Fëanor foi severa:

Depois disso, Fëanor o deixou e se sentou absorto em pensamentos sombrios, além dos muros de Alqualondë, até que sua hoste se reuniu. Quando julgou que sua força era suficiente, foi até o Porto dos Cisnes e ordenou que invadissem os navios que estavam ancorados lá e os levassem embora à força. Mas os Teleri os enfrentaram e lançaram

muitos dos Noldor no mar. Então espadas foram desembainhadas, e uma luta amarga se deu sobre os navios, e ao redor dos ancoradouros e pilares iluminados por luzes do Porto, e até mesmo no grande arco de seu portão. Três vezes o povo de Fëanor foi rechaçado, e muitos foram mortos de ambos os lados; mas a vanguarda dos Noldor foi socorrida por Fingolfin, os quais, ao chegar, encontraram uma batalha em curso e sua própria gente tombando e entraram na luta antes que soubessem direito a causa da desavença; alguns pensaram, de fato, que os Teleri tinham tentado emboscar a marcha dos Noldor a pedido dos Valar. Assim, afinal, os Teleri foram sobrepujados, e grande parte de seus marinheiros que habitavam em Alqualondë foi cruelmente, e morta. Pois os Noldor haviam se tornado ferozes e desesperados, e os Teleri tinham menos força e estavam armados, em sua maior parte, apenas com arcos leves. Então os Noldor tomaram seus navios brancos e manejaram os remos da melhor maneira que puderam, remando para o norte ao longo da costa. (TOLKIEN, 2019, P. 128-129)

O fratricídio não fora impedido pelos Valar, no entanto, Uinen, uma Maiar, ao chorar pelo crime cometido, elevou as ondas do mar, de tal forma que muitos navios foram sobrepujados, e vários Noldor encontraram a morte. Mas, aqueles que sobreviveram, persistiram em sua jornada (TOLKIEN, 2019, p. 129).

Como consequência dos assassinatos e do roubo realizado de forma hedionda contra os Teleri, uma figura misteriosa surge no caminho dos elfos. “Alguns dizem que era o próprio Mandos, e nenhum outro arauto menor de Manwë” (TOLKIEN, 2019, p. 129). Este ser prenuncia aquilo que será chamado de Profecia do Norte e Condenação dos Noldor, e segue na íntegra abaixo:

“Lágrimas inumeráveis haveis de derramar; e os Valar fecharão Valinor diante de vós e trancar-vos-ão para fora, de modo que nem mesmo o eco de vossa lamentação haja de passar pelas montanhas. Sobre a casa de Fëanor a ira dos Valar jaz do Oeste até o extremo Leste e sobre todos os que os seguirem também há de fazer. Seu Juramento há de atíça-los e, ao mesmo tempo, traí-los, sempre arrancando deles os próprios tesouros que juraram buscar. Um fim maligno hão de ter todas as coisas que eles começarem bem; e por traição de parente por parente, e pelo medo da traição, isso há de ocorrer. Os Despossuídos eles hão de ser para sempre. Derramaste o sangue de vossa gente iniquamente e manchastes a terra de Aman. Pelo sangue pagareis com sangue e, além de Aman, habitareis sob a sombra da Morte. Pois embora Eru tenha estipulado que não morrêsseis em Eä e que nenhuma doença vos assaltasse, podeis, porém, ser mortos e mortos haveis de ser: por arma, e por tormento, e por tristeza; e vossos espíritos sem lar hão de vir então a Mandos. Lá, longamente haveis de morar, e ansiar por vossos corpos, e achar pouca piedade, ainda que todos os que matastes possam interceder por vós. E aqueles que resistiram na Terra-média e não vierem a Mandos hão de ficar cansados do mundo, como de um grande fardo, e hão de esvanecer e se tornar como sombras de arrependimento diante da raça mais jovem que virá depois. Os Valar falaram”. (TOLKIEN, 2019, p. 129-130).

A condenação era severa, mas era a última chance que estava sendo dada aos Noldor para se arrependerem, e voltarem a Valinor, em busca do perdão dos Sacros. E, de fato, alguns farão exatamente isso, como foi o caso de

Finarfin (TOLKIEN, 2019, p. 130). Contudo, os demais continuaram a sua marcha para o oeste.

Eles buscavam uma passagem no Norte, em Helcaraxë. O frio era intenso, mas era possível atravessar as camadas de gelo, ou tentar cruzar com os poucos navios remanescentes. Mas, a decisão de Fëanor foi, de certa forma, cruel. Ele decidiu pegar os navios e rumar para o leste com seus filhos, e deixar Fingolfin e os demais para atravessarem Helcaraxë por conta própria, enfrentando o terrível frio (TOLKIEN, 2019, p. 132). Ao chegar no leste, queimou os navios, a fim de garantir que ninguém retornaria para buscar seus parentes. Fingolfin ficou numa situação conflitante, ao se ver entre o julgamento dos Valar de um lado e traição de seu irmão de outro. Ainda assim, o rei dos Noldor desejou rumar para a Terra-média, e assim o fez, a custo de muitas perdas (TOLKIEN, 2019, p. 133).

2.2.4. O fim dos Noldor

No decorrer do *Quenta Silmarillion*, segue-se uma série de relatos independentes, mas que possuem como contexto geral as *silmarils* e o que acontece com aqueles que a perseguem ou a possuem. Por trás desse pano de fundo, o autor apresenta a própria história da formação da Terra-média, o surgimento de cidades, e suas sucessivas destruições, e assim por diante.

Interessante perceber que a Condenação dos Noldor, decretada por Mandos, concretizou-se. No decorrer da história, acompanha-se o fim de Fëanor e de seus sete filhos, e percebe-se um ponto em comum: as *silmarils*, as quais trouxeram a eles apenas dor e sofrimento. Fëanor, aquele que mobilizou todo o seu clã para viajar até a Terra-média a fim de retomar as gemas roubadas, morrerá logo após a primeira batalha empreendida contra Morgoth, denominada *Dagor-nuin-Giliath*, traduzida como Batalha-sob-as-estrelas, sem nem ao menos contemplar as *silmarils* novamente (FOSTER, 1978, p. 176). No relato de sua morte, diz-se que tamanho era o fogo da ira que tinha contra Morgoth, que assim que a vida saiu de seu corpo, ele virou cinzas (TOLKIEN, 2019, p. 156). A história também diz que seu espírito nunca mais retornou dos Salões de Mandos (TOLKIEN, 2019, p. 156), como em geral ocorria com os elfos.

Quanto aos seus sete filhos, seus destinos seguiram o sofrimento previsto também na profecia de Mandos. Amrod e Amras, os gêmeos caçulas de Fëanor,

faleceram num ataque empreendido contra Elwing, a qual portava uma das *silmarils*, conquistada por seu ancestral, Beren, como uma prova de amor exigida por Thingol, pai de sua amada Luthien (TOLKIEN, 2019, p. 328). O ataque foi cruel, e demonstrou a frieza dos filhos de Fëanor em procurar adquirir as joias sem medir esforços. Celegorm, Caranthir e Curufin tombaram no Cerco de Doriath, onde uma das *silmarils* se encontrava sob o poder de Thingol. Os três morreram sem conseguirem tomar as gemas novamente para si (TOLKIEN, 2019, p. 317). Os últimos a morrerem, dos descendentes diretos de Fëanor, foram Maedhros, o primogênito, e Maglor, seu segundo filho. Ambos retomaram as valiosas joias, após a batalha empreendida pelos Valar contra Morgoth, chamada de a Guerra da Ira. Eönwë, arauto dos Valar que estava no comando da batalha, ao ver o roubo das gemas, não permitiu nenhum ataque de seu exército contra os Noldor, deixando-os sofrerem a punição prevista por Mandos àqueles que com intenções más tomavam-nas para si:

Mas a joia queimou a mão de Maedhros com dor insuportável; e ele percebeu que era como Eönwë tinha dito, e que o seu direito se tornara nulo, e que o juramento era vão. E, estando cheio de angústia e desespero, lançou-se em um grande abismo cheio de fogo, e assim morreu; e a Silmaril que trazia consigo foi levada para o seio da Terra. E conta-se de Maglor que não podia aguentar a dor com a qual a Silmaril o atormentava; e lançou-a, enfim, ao Mar e depois disso vagou sempre pelas costas, cantando em dor e arrependimento à beira das ondas. Pois Maglor era poderoso entre os cantores de outrora, atrás apenas de Daeron de Doriath; mas nunca mais voltou ao meio do povo dos Elfos. E assim veio a acontecer que as Silmarils acharam seus últimos lares: uma nos ares do céu, uma nos fogos do coração do mundo, e uma nas águas profundas. (TOLKIEN, 2019, p. 336-337).

A *silmaril* que foi para o céu fora aquela que estava na posse de Elwing, a qual fora entregue aos Valar, e Varda a enviou para se tornar uma estrela, e dessa forma não ser mais objeto de cobiça.

2.3. ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS NO *QUENTA SILMARILLION* E EVIDÊNCIAS DE EUCATÁSTROFE

A trágica história dos filhos de Fëanor desperta nos leitores os mais diversos sentimentos e reflexões. Poder-se-ia pensar em diversas releituras e aplicabilidades sobre o ato impulsivo de Fëanor e seus filhos, que lhes acarretou sofrimentos até o fim de suas vidas. Nesse capítulo, serão feitos alguns

destaques do relato de Fëanor, e possíveis aplicações teológicas que evidenciaram a presença da *eucatástrofe* nesse recorte da história.

2.3.1. Fëanor e sua relação com Gênesis 3 e 4

Uma relação possível de ser feita é entre Fëanor e Caim, o primeiro assassino da Bíblia Sagrada. Arantes faz algumas relações, tomando como base as teorias da intertextualidade e da interdiscursividade de Bakhtin (ARANTES, 2009, p. 620-621). Ao comparar-se os intertextos, ou seja, os textos que se assemelham nos relatos de *O Silmarillion* e de Gênesis 4, percebem-se algumas pontes possíveis de diálogo. Há de se relevar, nessa análise, as limitações temporais peculiares a cada relato. Em Tolkien, o relato é mais extenso e detalhado, trazendo descrições das personagens e mais detalhes em relação às causas que levaram aos fins já expostos acima, da Condenação dos Noldor. Já em Gênesis 4, os fatos acontecem sem tanta exposição das possíveis causas (ARANTES, 2009, p. 623). Nessa intertextualidade, há a presença de dois irmãos, (ou grupo de irmãos): Caim e Abel, e os Noldor e os Teleri, onde Caim e os Noldor são os empreendedores do homicídio contra seus respectivos parentes. Mas talvez a evidência de diálogo mais pertinente ao campo da teologia seja a semelhança entre o relato do degredo: tanto Caim quanto Fëanor são exilados por um ser divino: Javé condena Caim ao exílio, afastando-o de sua família por conta do crime; já Mandos é responsável pela condenação dos Noldor, condenando-os ao exílio (ARANTES, 2009, p. 624). Contudo, nota-se aqui uma peculiaridade que evidencia um primeiro elemento de *eucatástrofe*: a Condenação dos Noldor é definitiva, mas dá margem para arrependimento. Em oposição ao texto de Gênesis, Mandos afirma que se houvesse arrependimento naquele exato momento em que Fëanor e seus parentes ouvem o decreto dos Valar, eles poderiam voltar a Valinor para serem julgados pelos Poderes de Arda. E, como se constata na história, muitos aceitam a proposta, e retornam em busca de perdão. Entende-se, com base nessa comparação intertextual, a busca por um “final feliz” mesmo em meio à tragédia que havia sido empreendida no relato histórico de Fëanor e seus parentes.

Indo para o campo da interdiscursividade, pode-se notar a semelhança entre os discursos presentes nos dois relatos, onde, talvez, possa se destacar o

mesmo discurso que expõem as consequências de uma decisão equivocada, como o fratricídio de inocentes (ARANTES, 2009, p. 625). Em *O Silmarillion*, Mandos decretou que a consequência pela rebelião dos Noldor e a morte que empreenderam contra os Teleri seria o exílio, bem como o advento de traições no próprio contexto familiar. Em seu decreto, portanto, há a condenação na própria estrutura familiar de Fëanor e seus filhos. Já em Gênesis, a condenação do SENHOR fora apenas sobre Caim. Contudo, mesmo seus descendentes não sendo condenados, eles também sofrem as consequências do pecado de seu ancestral, conforme se observa no próprio relato de Lameque em Gênesis 4.23-24:

Disse Lameque às suas mulheres: “Ada e Zilá, ouçam-me; mulheres de Lameque, escutem minhas palavras: Eu matei um homem porque me feriu, e um menino, porque me machucou. Se Caim é vingado sete vezes, Lameque o será setenta e sete (BÍBLIA SAGRADA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, 2000, p. 5).

Nesse relato, Lameque aparece como neto de Caim, e nota-se que a condenação de seu avô ainda é presente na tradição oral de sua família, e de certa forma influenciou as ações de Lameque a tal ponto que este provoca mais assassinatos gratuitos, e os justifica lembrando a memória de seu ancestral.

A partir dessa perspectiva, Arantes propõe um discurso comum tanto em *O Silmarillion* quanto no relato de Gênesis, demonstrando que em ambas as passagens é demonstrado que crimes hediondos como a morte de irmãos, os quais não são acompanhados de arrependimento, trarão consequências não apenas sobre o homicida, mas também sobre seus familiares. Para Arantes, essa releitura de um texto milenar da Bíblia Sagrada em uma obra do século 20 expõe o valor de tal conteúdo, bem como a eficácia da mensagem central, a qual permanece a mesma (ARANTES, 2009, p. 627).

Outro aspecto interessante é perceber a relação entre a Condenação dos Noldor com outra presente no livro de Gênesis, dessa vez a partir do relato de Adão e Eva, os humanos primordiais da teologia judaico-cristã. Lá, Adão e Eva desobedecem às ordens do SENHOR, alimentando-se da árvore do conhecimento do bem e do mal, a qual lhes era proibida. A partir dessa violação do mandamento, eles são condenados também ao exílio do Éden. Segue abaixo trecho dessa condenação, relatada em Gênesis 3.22-24:

Então disse o SENHOR Deus: “Agora o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Não se deve, pois, permitir que ele tome também do fruto da árvore da vida e o coma, e viva para sempre”.

Por isso o SENHOR Deus o mandou embora do jardim do Éden para cultivar o solo do qual fora tirado. Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida (BÍBLIA SAGRADA NVI, 2000, p. 4).

Aqui não houve um fratricídio por parte de Adão e Eva, mas sim uma desobediência às ordens do SENHOR, que fez com que os primeiros seres humanos deixassem a inocência e passassem a conhecer o bem e o mal da existência. As consequências dessa desobediência e desse conhecimento recém adquirido foram vários, mas para as finalidades desta pesquisa se destaca o degrado por parte da divindade, sem chance de retorno, dialogando novamente com a mesma ordem dada por Mandos contra os Noldor (ARANTES, 2016, p. 135). Aqui vale a pena apresentar a proposta da queda como um arquétipo na obra de Tolkien, mas que possui uma perspectiva de redenção (ARANTES, 2016, p. 136). Arantes entende que essa redenção na perspectiva de Tolkien ocorre no retorno às terras imortais. Contudo, como se verifica na própria chance dada por Mandos em sua condenação, de retorno a Valinor para arrependimento, defende-se que a redenção ocorre também nas “terras mortais” da Terra-média, mediante a misericórdia dos Valar, demonstrando as perspectivas *eucatastróficas* de Tolkien.

É inevitável não notar a relação que há na composição de *O Silmarillion* e os mitos bíblicos, com as ideias poéticas de Aristóteles. O filósofo grego entende que a poesia é a composição de mitos que resultam em um caráter ético, o qual se reflete na cultura (VILLAS BOAS, 2016, p. 98). O mito seria resposta às indagações primeiras, portanto seriam imitações (chamadas de *mimesis*) que podem ser compostas de diversas maneiras. Dentro desse campo mimético, há a possibilidade da tragédia, ou seja, “imitação de uma ação completa, com princípio, meio e fim, ação que deveria comportar certa extensão e seu objetivo seria a da *catarse*, ou mais exatamente obter, por meio da piedade e do terror, a purificação ou purgação da emoção teatral” (PALHARES, 2013, p. 15-16). É possível identificar, diretamente ou não, esse trabalho mimético na história de Tolkien, a qual deve ter recebido influências da obra bíblica (CALDAS FILHO, 2003, p. 146). Além disso, visto que é possível perceber essa imitação, pode-se considerar a obra de Tolkien como um mito.

Em síntese: O *Silmarillion* é o esforço consciente de seu autor para, a partir de várias outras mitologias, criar sua própria mitologia, com o intuito de apresentar uma tentativa de compreensão da realidade,

especialmente sua dimensão metafísica, fugindo da prisão do racionalismo que nega espaço à fantasia e à imaginação. (CALDAS FILHO, 2003, p. 150).

Sendo um mito, pode-se afirmar, portanto, que a obra procura imitar a própria realidade da vida, da mesma forma como ocorre nos mitos do Gênesis bíblicos apresentados até aqui. Nessa proposta trágica, a trama é conduzida de tal forma a alcançar a simpatia do leitor (ou do espectador, no caso da tragédia grega), o qual se identificará com as ações dos personagens (PALHARES, 2013, p. 18). Os sentimentos que surgem nesse processo de identificação é que geraram a *catarse*, ou a purificação da alma.

O *logos* da *poiésis* não se restringe a afirmações, mas implica uma dinâmica contemplativa e ativa de modo que seja o *logos* contemplação para ação, provocado pela *mimésis*, que tem como ponto de partida exatamente o *pathos* e como finalidade a depuração deste para um *ethos*, diríamos, que se move do passional ao empático, que a contemplação está em função de refazer a imagem que se tem do outro e a imagem que o outro tem de si, epicentro das paixões, bastante evidentes na paixão da cólera, por exemplo, em que é alimentado por uma autorrepresentação de superioridade em relação ao outro, desprezado de sua condição de par e reduzido a um inferior. [...]. A *poiésis* da *mimésis* está em função de reavivar o *pathos* das pessoas no personagem, pois os mitos devem ser apreensíveis pela memória, recordando assim a identidade a partir da revelação *katharsíca* do *pathos*, ou seja, a verdade se desvela como uma ação sofrida mobilizando a uma [re]invenção [*poiésis*] da consciência [*diké*]. (VILLAS BOAS, 2016, p. 101)

Olhando dessa forma, nota-se que na perspectiva de Villas Boas, a contemplação de mitos trágicos desperta no leitor uma reação na consciência. Isso é possível de ser aplicado aos relatos de Fëanor. O personagem desperta emoções diversas no leitor, apresentado como um elfo poderoso, excelente articulador com as palavras, zeloso pelas tradições e pela liberdade de seu povo. No entanto, não é um personagem “perfeito”, sendo bastante impulsivo e vingativo. Suas escolhas são fruto dessa miscelânea de características que são apresentadas no decorrer de seu relato. Ele tinha ciência de que sua busca pelas *silmarils* não traria paz a ele e sua família, e mesmo assim ele segue por esse caminho. Sua história apresenta toda a estrutura necessária à tragédia. E é exatamente nesse ponto que Tolkien se distingue de Aristóteles, ao apresentar o elemento imprevisível que surge como a salvação dos Noldor na Terra-média. De fato, Fëanor morrerá na primeira batalha contra Morgoth, sem nenhum arrependimento das decisões que tomara em vida. Mas seus filhos e demais parentes viverão os efeitos da *eucatástrofe*.

2.3.2. A *eucatátrofe* sobre os Noldor

As demais histórias que compõem o *Quenta Silmarillion* darão sequência na história a respeito dos demais eventos relacionados à origem da Terra-média. Surgem os Homens, e narrativas de como estes irão se relacionar com os eventos que já estão ocorrendo em Arda. Além disso, são apresentadas as relações que os Noldor desenvolverão com os elfos que habitam a Terra-média, os quais lá no passado escolheram permanecer ali ao invés de acompanhar Oromë rumo a Valinor. Nessas histórias, surge de forma direta e indireta os eventos relacionados às *silmarils*, bem como a busca desenfreada dos Noldor em resgatá-las. Dentro dessas histórias, é possível identificar mais claramente alguns eventos claros que exemplificam a *eucatástrofe*.

Um dos sinais mais evidentes dela são as intervenções dos Valar nos eventos da Terra-média. Mesmo os Noldor desagradando os anseios dos Poderes de Arda, eles procuraram agir em momentos estratégicos da história, estendendo a misericórdia aos exilados. Importante lembrar, conforme já mencionado anteriormente, que Ilúvatar deixou claro que seus desígnios não poderiam ser deturpados nem mesmo por Melkor (TOLKIEN, 2019, p. 42). A criação em si poderia sofrer alterações, mas os propósitos gerais do Criador prevaleceriam sempre. Dessa forma, as posições contrárias dos Noldor em relação aos Ainur são uma aparente contradição aos planos imediatos de Ilúvatar, no entanto, de alguma forma, estão inseridas dentro de sua melodia original.

Uma dessas intervenções dos Valar ocorre através das águias. Fingon, sobrinho de Fëanor, filho de Fingolfin, vai em uma missão resgatar seu primo, Maedhros. No entanto, ao chegar, vê que o resgate de seu primo seria impossível, visto estar pendurado sobre um precipício. Diante dessa situação, a única alternativa seria poupá-lo imediatamente de seu sofrimento, matando-o com uma flechada. Diante dessa situação difícil, grita para Manwë, clamando para que a flecha acerte o alvo, e Maedhros encontre algum descanso (TOLKIEN, 2019, p. 159).

Sua prece foi respondida rapidamente. Pois Manwë, a quem todas as aves são caras e a quem elas trazem notícias, sobre Taniquetil, da Terra-média, enviara a raça das Águias, ordenando-lhes que habitassem as encostas do Norte e vigiassem Morgoth, pois Manwë ainda tinha piedade dos Elfos exilados. E as Águias traziam notícias de

muito do que se passava naqueles dias aos ouvidos tristes de Manwë. Então, na hora em que Fingon curvou seu arco, desceu voando dos altos ares Thorondor, Rei das Águias, mais poderosa de todas as aves que já existiram, cujas asas esticadas mediam trinta braças; e, detendo a mão de Fingon, tomou-o consigo e o carregou até a face da rocha onde pendia Maedhros. (TOLKIEN, 2019, p. 159-160).

Há outros momentos em que as águias surgem, com fins salvíficos, e em momentos nos quais a história parece que conduzirá a uma tremenda catástrofe. Por exemplo, quando Morgoth mata Fingolfin, toma para si o corpo para destruí-lo. Neste momento, surge Thorondor, e acerta a face do vilão de tal forma que as marcas nunca foram curadas. Leva, então, o corpo do falecido rei até uma montanha, onde será velado por seu filho, Turgon (TOLKIEN, 2019, p. 214-215). Elas também se fizeram presentes na cidade de Gondolin, governada por Turgon, filho de Fingolfin. Lá, atuavam diretamente como protetores da cidade, sendo fontes de informação para o rei élfico (FOSTER, 1978, p. 214). A partir desses exemplos, nota-se que elas são aqueles seres que surgem nos momentos de reviravolta da história, a fim de fornecer ajuda aos heróis, ou para salvá-los (VIEIRA, 2009, p. 683). Como servas de Manwë, pode-se afirmar que atuam claramente como interventoras diretas dos Valar a fim de obter um pouco de misericórdia aos Noldor. A intervenção delas desperta no leitor a sensação desejada de uma *eucatástrofe*, sendo uma reviravolta nos rumos da história (STANIFER, 2014, p. 3).

Outra intervenção direta ocorre pelo próprio Ulmo, sobre Tuor, um dos humanos, filho de Huor e Rían, mas que fora criado pelos elfos cinzentos. É dito que fora Ulmo quem colocou no coração deste indivíduo a vontade de sair de sua terra de origem, a fim de ser instrumento dos desígnios do Valar dos Mares (TOLKIEN, 2019, p. 318). Tuor segue para o mar, e chega a Nevrast, onde habita um tempo. Lá, tem um encontro com o Ainur.

Assim, chegou, afinal, aos salões desertos de Vinyamar sob o Monte Taras, e entrou, e achou ali o escudo, e a armadura, e a espada e o elmo que Turgon ali deixara por ordem de Ulmo, havia muito. E ataviou-se com tais armas e desceu à costa. Mas veio uma grande tempestade do oeste, e daquela tempestade Ulmo, o Senhor das Águas, levantou-se em majestade e falou a Tuor enquanto ele estava à beira do mar. E Ulmo mandou que partisse daquele lugar e buscasse o reino oculto de Gondolin; e deu a Tuor uma grande capa para mantê-lo na sombra diante dos olhos de seus inimigos. (TOLKIEN, 2019, p. 319).

Aqui há duas intervenções: a primeira remete à armadura deixada em Vinyamar por Turgon, por orientação do próprio Ulmo, sem motivo aparente na época; a segunda é a condução de Tuor até aquele mesmo lugar (mesmo sem

ter nenhuma relação direta com aquela região), a fim de trajar a armadura e seguir a Gondolin para levar a mensagem de Ulmo até Turgon. O propósito da armadura era ser uma evidência da experiência dele com o Senhor das Águas. A mensagem era simples: a Condenação de Mandos estava se aproximando de Turgon, e por isso ele deveria abandonar Gondolin e seguir para o mar. Indiretamente, entende-se que, de alguma forma, Ulmo o salvaria do trágico destino que acompanhavam os Noldor (TOLKIEN, 2019, p. 321).

No entanto, Turgon não dá ouvidos a mensagem de Ulmo, visto que tem muito apreço pela belíssima cidade de Gondolin, e crê que a segurança da cidade, bem como o fato de ela estar escondida de outros povos, impedirá qualquer tipo de ataque da parte de Morgoth ou de qualquer outro eventual inimigo (ARANTES, 2016, p. 21). Apesar disso, novamente a *eucatástrofe* surge do inesperado: Tuor se apaixona por Idril Celebrindal, filha do rei. Ambos se casam, e tem um filho: Eärendil, um meio-elfo que se destacará por ser um dos que promoverá a destruição definitiva das *silmarils*, sendo um dos salvadores da Terra-média (ARANTES, 2016, p. 21). É *eucatástrofe* pois é uma reviravolta numa história fadada ao fracasso: Tuor não consegue cativar Turgon com sua mensagem, a cidade de Gondolin, última fortaleza élfica, é destruída. No entanto, de toda essa sucessão de derrotas, surge Eärendil, o qual corajosamente se colocará diante dos Valar de forma providencial, ao final da história, clamando que eles se levanten e intervenham para o fim das maldades de Morgoth, na Terra-média.

Outra história que carrega consigo sinais de *eucatástrofe* é a história de Beren e Luthien. Ele, um humano, descendente de Barahir, um dos homens que rivalizava contra Morgoth; ela, uma elfa, filha de Thingol e Melian, herdeira de Doriath, um dos grandes reinos élficos da Terra-média. A história, por si só, já apresenta elementos de um romance trágico: Thingol não apoia um relacionamento entre o casal, por serem de raças diferentes, e, portanto, desafia Beren a uma missão praticamente impossível: tomar uma das *silmarils* que estão sob poder de Morgoth, e trazer até ele. Dessa forma, concederia a mão da sua filha em casamento ao humano. A história apresenta diversas reviravoltas: Luthien vai em auxílio de seu amado, e é por sua canção que Morgoth e seus comparsas adormecem por um tempo suficiente para que Beren tome uma das preciosas gemas (TOLKIEN, 2019, p. 246-247). A união dos dois é necessária,

pois é da linhagem deles que nascerá a esposa de Eärendil, já mencionado como um dos salvadores da Terra-média (ARANTES, 2016, p. 25). Beren acaba morrendo, após um ataque de Carcharot, um lobo enviado por Morgoth (TOLKIEN, 2019, p. 251). Por conta disso, Luthien padece, e seu espírito chega ao Salão de Mandos, onde com uma canção, foi a única entre os seres vivos a alcançar a piedade do juiz dos Valar, a tal ponto que ele permitiu que humano e elfa apaixonados novamente se encontrassem. Além disso, Mandos levou o caso a Manwë, que propôs dois caminhos a Luthien para que escolhesse: ou seguir para Valinor, e esquecer de seu sofrimento, ou voltar à Terra-média junto com Beren, e juntos viverem uma “segunda vida”, opção escolhida por ela (TOLKIEN, 2019, p. 255). Foi nessa “segunda vida”, inesperada e *eucatastrófica* que tiveram Elwing (ARANTES, 2016, p. 77). Além do mais, a vinda da *silmaril* para Doriath era necessária para o contínuo desenlace que acompanharia a Condenação dos Noldor (ARANTES, 2016, p. 73).

2.3.3. O fim das *silmarils*

Por fim, é válido se considerar também o próprio fim das gemas preciosas de Fëanor. A última das histórias do *Quenta Silmarillion* se destina a relatar a ida de Eärendil e sua esposa, Elwing, até Valinor, a fim de clamarem misericórdia aos Valar pelos povos da Terra-média. Deve-se lembrar que Eärendil é filho de Tuor e Idril Celebrindal, enquanto Elwing é descendente direta de Beren e Luthien. Eles vão até os Poderes de Arda numa atitude ousada, de muita coragem, visto que, no caso de Eärendil, era descendente direto de Turgon, um dos Noldor condenados por Mandos; além disso, ambos eram descendentes da linhagem humana. Pelas duas razões, não poderiam adentrar as terras sagradas do Oeste (SOUZA, 2018, p. 88). Ao chegarem lá, Eärendil se dirige aos salões de Valinor, e lá pediu “perdão pelos Noldor, e piedade por suas grandes tristezas, e misericórdia para Homens e Elfos, e socorro para sua necessidade” (TOLKIEN, 2019, p. 331). Mandos recorda aos seus colegas que Eärendil estava violando os decretos divinos. No entanto, Manwë entende que as razões que conduziram o meio-elfo até eles eram justas, e provas de um amor imensurável pelos elfos e homens da Terra-média. A justiça do senhor dos Poderes de Arda transcende regras e condenações (SOUZA, 2018, p. 89). No entanto, por terem chegado até

aquelas terras, o casal terá que escolher seguir o destino dos homens (a mortalidade e um mistério sobre o que ocorre após a morte) ou dos elfos (a imortalidade e a certeza de que, após a morte, poderão voltar a Terra-média ou então descansar eternamente em Valinor). Ambos escolhem permanecer sujeitos ao destino dos elfos, e nunca mais pisaram nas terras mortais (TOLKIEN, 2018, p. 331). Elwing portava a *silmaril* que fora dada por Beren a Thingol, e a joia fora colocada à frente do barco de Eärendil, o qual navegava pelos mares do céu, e brilhava como uma estrela, a tal ponto que fora identificada pelos filhos de Fëanor como uma das *silmarils* (TOLKIEN, 2019, p. 333).

O pedido de Eärendil foi atendido, e Eonwë, arauto de Manwë, liderou os exércitos do Oeste contra Morgoth e seus servos, naquela que ficou conhecida como a Guerra da Ira. O relato dessa batalha não é extenso, e em síntese se pode dizer que junto aos exércitos do oeste se juntaram elfos e homens, os quais unidos destruíram as forças malignas. As duas *silmarils* que ainda restavam sob domínio do Senhor do Escuro foram tomadas por Eonwë. Após isso, o arauto se dirigiu aos elfos:

Então Eonwë, como arauto do Rei Antigo, convocou os Elfos de Beleriand a partirem da Terra-média. Mas Maedhros e Maglor não queriam escutar e se prepararam, ainda que agora com cansaço e desgosto, a tentar, em desespero, o cumprimento de sua jura; pois teriam dado batalha pelas Silmarils, fossem elas retidas até mesmo contra a hoste vitoriosa de Valinor, mesmo se estivessem sozinhos contra todo o mundo. E enviaram uma mensagem, portanto, a Eonwë, pedindo que cedesse então aquelas joias que outrora Fëanor, pai deles, fizera e que Morgoth roubara dele. Mas Eonwë respondeu que o direito à obra do pai, que os filhos de Fëanor anteriormente possuíam, tinha agora perecido por causa de seus muitos e impiedosos atos, estando cegados por seu voto e, acima de tudo, por causa do assassinato de Dior e do assalto aos Portos. A luz das Silmarils deveria agora ir para o Oeste, donde viera no princípio; e a Valinor deviam Maedhros e Maglor retornar e lá aguardar o julgamento dos Valar, por cujo decreto, apenas, Eonwë cederia as joias sob seus cuidados. (TOLKIEN, 2019, p. 335).

Diante da proposta, Maglor e Maedhros começaram a debater: o primeiro desejava se submeter à proposta dos Poderes, visto que apenas os Valar poderiam, de fato, anular o peso do juramento e da condenação que pairavam sobre os filhos de Fëanor. Maedhros, contudo, temia, pois entendia que o juramento fora feito sob o nome do próprio Ilúvatar, e se não conseguissem concretizar seu propósito de tomar as gemas, seriam condenados à escuridão sempiterna. De uma forma ou de outra, estariam condenados por suas ações e escolhas (TOLKIEN, 2019, p. 336). No entanto, a justiça demonstrada por

Eonwë, semelhantemente aquela demonstrado por Manwë a Eärendil e Elwing, são demonstrações da virtude da justiça, a qual pode ser considerada mais uma demonstração da *eucatástrofe* na obra (SOUZA, 2018, p. 91).

Os irmãos, todavia, aguardaram até o anoitecer, e tomaram as *silmarils* à noite. Os guardas do acampamento despertaram, e se levantariam contra eles, mas Eonwë ordenou que não tentassem matar os filhos de Fëanor, deixando-os irem embora. Cada um ficou com uma das gemas, e se separaram. Contudo, o peso do juramento e da condenação pairaram sobre ambos, e Maedhros encontrou seu destino se jogando num abismo cheio de fogo, enquanto Maglor jogou a joia no mar, e permaneceu perambulando, desnorteador, pelas regiões litorâneas da Terra-média. Tais joias se perderam, e nunca mais foram encontradas (TOLKIEN, 2018, p. 337).

Apesar do destino trágico que sofreram os filhos de Fëanor, é inevitável não notar a compaixão dos Valar em diversos momentos da história desse povo, visando o cuidado com elfos e homens. As tentativas de intervenção de Mandos, Ulmo e das águias surgem em momentos em que a catástrofe é inevitável, como um rompante de esperança e júbilo, despertando no leitor a certeza de que os rumos da história ainda podem ser modificados. No entanto, tais intervenções não são impositivas, e todos os personagens envolvidos vivem as consequências das decisões que tomaram. Além disso, percebe-se em toda essa história que, de alguma forma, as *silmarils* precisavam ser destruídas, no final das contas. A existência delas causaria constantes atritos entre as criaturas vivas, visto serem um memorial do que um dia existiu a luz de Valinor fornecidas pelas Duas Árvores, bem como maior obra material produzida por Fëanor. As *silmarils*, apesar de sua natureza bela, despertam nos indivíduos que a circundam impulsos perversos, relacionados à ira, à cobiça e à vingança. A mesma coisa é demonstrada em outra obra de Tolkien, com outro objeto. Em *O Senhor dos Anéis*, o Um Anel, objeto singelo, mas que desperta nas pessoas que o conhecem os diversos impulsos, precisava ser destruído a fim de a paz novamente voltar a existir na Terra-média. A história, assim como em *Silmarillion*, também converge para a necessidade da destruição desse objeto valioso.

[...] a “salvação” do mundo e a própria “salvação” de Frodo é alcançada por sua piedade prévia e seu perdão aos ferimentos. E, qualquer momento qualquer pessoa prudente teria dito a Frodo que Gollum

certamente o trairia e poderia roubá-lo no final. Ter “pena” dele, abster-se de mata-lo, foi uma insensatez, ou uma crença mística no valor-por-si-só fundamental da piedade e da generosidade ainda que desastrosas no mundo temporal. Ele o roubou e o feriu no final – mas, por uma “graça”, essa última traição ocorreu em uma junção precisa, quando a última má ação foi a coisa mais benéfica que alguém poderia ter feito por Frodo! Por uma situação criada por seu “perdão”, ele próprio foi salvo e aliviado do seu fardo. Foram-lhe concedidas com muita justiça as mais altas honras – uma vez que está claro que ele e Sam nunca esconderam o preciso curso dos eventos. (TOLKIEN, 2006, p. 225)

Neste trecho apresentado de uma carta de Tolkien a Michael Straight, nota-se que a ação de Gollum, no final, em trair Frodo, que havia tido misericórdia dele, fora necessária para que o objeto fosse destruído. De fato, Frodo, na beira da Montanha da Perdição, cedeu às tentações do fardo, e desistiu de jogá-lo no abismo. Fora o conflito de Gollum, dominado pela ganância, tentando tomar o objeto a força, que, após ter êxito em sua investida, tropeça e cai em direção ao fogo, onde foi destruído junto com seu objeto de ambição.

A destruição do Um Anel, bem como a destruição das *silmarils* demonstram a necessidade de um fim definitivo para aquilo que despertava nos seres criados desejos e sensações impulsivas, os quais ocasionavam uma caminhada contrária à propagação da vida e do bem-comum. Toda *eucatástrofe* apresentada no *Quenta Silmarillion* rumo para um bom final, longe das dores e sofrimentos oriundos da existência. É a fé neste bom final que permite relacionar a boa catástrofe com a teologia cristã.

4. EUCATÁSTROFE E A QUESTÃO DA PROVIDÊNCIA

No capítulo anterior, viu-se o quanto a obra *O Silmarillion* apresenta entre suas principais tramas a trágica história dos Noldor. Este povo élfico, sofreu com as artimanhas malignas empreendidas contra eles por Morgoth; sofreu com as próprias escolhas que realizaram dentro de seus respectivos contextos, as quais muitas vezes os conduziram por caminhos tortuosos e difíceis; e sofreu com o próprio decreto dos Valar, os quais os condenam por conta do fratricídio que infligem contra os Teleri. No entanto, ao acompanhar a trajetória desse povo durante o seu exílio na Terra-média, nota-se a presença constante dos Poderes de Arda, os quais, de alguma forma, buscam intervir na caminhada desses elfos. Além disso, surgem diversas situações fortuitas, que trazem à trágica história desse povo uma luz de esperança e ânimo. Essas situações fortuitas surgem como se fossem sinais de luz que despontam sobre as trevas em que prevalecem os elfos condenados. Esse artifício é um dos objetivos das histórias de fadas (seria o consolo) conforme visto no primeiro capítulo desse trabalho, e se chama *eucatástrofe*. Esse conceito está associado com a ideia de uma “boa catástrofe”, ou seja, o final inesperado que surge após um evento catastrófico, e que, de alguma forma, é como uma recompensa aos virtuosos (KLAUTAU, 2011, p. 118). Além do mais, Klautau afirma que a *eucatástrofe* é o elo que interliga o Mundo Primário e o Mundo Secundário, e dá como exemplo a ressurreição de Jesus Cristo, evento *eucatastrófico* que ocorre no Mundo Primário. Dessa forma, histórias de fadas são vislumbres dessa consolação dentro do contexto do mundo real, lugar onde humano e divino se reencontram, no que seria um vislumbre do Reino de Deus (KLAUTAU, 2011, p. 118).

Assim a eucatástrofe é a característica que diferencia as histórias de fadas de outros gêneros de narrativa como a tragédia, o drama, a comédia. É essa grande virada, quando tudo parece perdido que se assemelha com a glória da ressurreição. Com isso, os conceitos história de fadas, narrativa da experiência humana no reino Perigoso, Feéria, associado com o de subcriação, é possível conceber reino perigoso como reflexo das escolhas originais do homem. É o Evangelho que dá sentido a todas as outras histórias de fadas, porque na eucatástrofe, a ressurreição se fez história no mundo primário (KLAUTAU, 2011, p. 119).

Através dessa interligação efetuada pela *eucatástrofe* entre o mundo real e o mundo subcriado, nota-se uma possível semelhança com o conceito de *poiesis*. Nessa perspectiva aristotélica, nota-se a importância da “dinâmica

contemplativa e ativa”, ou seja, contempla-se na história imagens que são uma imitação possível do mundo real. Essa contemplação ativa visa uma mudança no indivíduo:

A poiésis da mimesis está em função de reavivar o pathos das pessoas no personagem, pois os mitos devem ser apreensíveis pela memória, recordando assim a identidade a partir da revelação katharsica do pathos, ou seja, a verdade se desvela como uma ação sofrida mobilizando a uma [re]invenção [poiésis] da consciência [diké]. A poiésis, portanto, em Aristóteles pode ser vista como pathodiké, como formação da consciência a partir do pathos, ou ainda, a partir da subjetividade que compõe a intersubjetividade da polis. (VILLAS BOAS, 2016, p. 102).

Segundo Villas Boas, há uma proposta de mudança de consciência no indivíduo que contempla a obra poética. Esse efeito provocado pela *poiésis* pode ser comparado com a *eucatástrofe* de Tolkien, visto que em ambas há uma relação entre o mundo real e o mundo fictício, e em ambos se visa a contemplação ativa que muda o ser: no caso de Tolkien, contempla-se o Reino de Deus, e no caso da proposta aristotélica exposta por Villas Boas, contempla-se a mimesis do mundo real inserida como um mito.

Apesar de não ser um teólogo, Tolkien apresenta uma perspectiva divina a respeito do fim de todas as coisas dentro de seu mundo subcriado. Na sua compreensão, os personagens de suas histórias não são simplesmente vítimas de um destino trágico, largados num mundo à própria sorte. Todos estão convergindo para o “final feliz”, e isso, segundo a própria concepção de subcriação, é um reflexo do que, segundo o autor, ocorre também no Mundo Primário. Talvez os meios divirjam em diversos momentos, mas o final será o mesmo, o cumprimento de uma *eucatástrofe*.

Essa perspectiva, de que as coisas criadas convergem para um propósito bom, para um “final feliz”, pode ser comparada com a concepção teológica de providência divina e seus decretos. Entretanto, para o século XX a teologia teve particular atenção em não dissociar a temática da providência divina das teodiceias, como trabalha Villas Boas sob a perspectiva teopoética, na transição de uma teologia tomista pré-conciliar ao Concílio Vaticano II para uma “nova teologia” que relê toda a tradição procurando superar as justificativas divinas dadas a processos históricos. Nesse sentido, a *eucatástrofe* se insere como uma possibilidade de providência divina que não coincide com a teodiceia, ainda que proposta por um autor conservador, porém em uma dinâmica de conservação da fé muito mais crítica às contradições da modernidade do que apego a um fixismo

teológico, e, nesse sentido, crítico à visão inebriada da ideologia modernista, incapaz de ser autocrítica aos seus efeitos colaterais nefastos no século XX. Portanto, a conservação da fé em Tolkien não coincide com a conservação de privilégios ou anestesia da consciência crítica pela manutenção de uma teodiceia. Na verdade, o autor demonstra uma crítica aos principais sinais da modernidade em seu contexto, como por exemplo, o desenvolvimento intenso das cidades, o que ocasionou um aumento elevado da poluição. Sua crítica era tão intensa, que ele se referia à vida moderna nas cidades inglesas do início do século 20 como sendo “Mordor entre nós” (TOLKIEN, 2006, p. 160-161).

Aqui se segue a perspectiva de Villas Boas, de que a teopoética é também uma denúncia das teodiceias nas tradições teológicas. Para tanto, será feito um breve lembrete histórico dos estudos da teodiceia a partir de alguns teólogos do século 20, e, posteriormente, uma análise de como a literatura pode auxiliar na compreensão teológica da providência.

3.1. A PROVIDÊNCIA DIVINA E SEUS DECRETOS NA TEOLOGIA CRISTÃ

A providência divina e os decretos são conceitos presentes na teologia, os quais tentam explicar a relação de Deus com a sua criação. Grudem a define da seguinte forma:

Deus está continuamente envolvido com todas as coisas criadas de tal forma que (1) as preserva como elementos existentes, que conservam as propriedades com que ele os criou; (2) coopera com as coisas criadas em cada ato, dirigindo as suas propriedades características a fim de fazê-las agir como agem; e (3) as orienta no cumprimento dos seus propósitos. (GRUDEM, 1999, p. 247).

Grudem distingue a providência dos decretos divinos, sendo que estes últimos “são os divinos desígnios eternos por meio dos quais antes da criação do mundo, ele [Deus] determinou realizar tudo o que acontece” (GRUDEM, 1999, p. 262). Apesar da distinção, percebe-se que ambos os conceitos tratam da relação de Deus com a obra criada. A única diferença é que os decretos foram feitos antes da criação, enquanto a providência enfatiza a relação que se sucede ao evento criativo. Para os fins deste trabalho, apesar de haver esta distinção, será usado apenas o conceito de providência abrangendo as duas conceituações fornecidas por Grudem.

As discussões que envolvem a providência trazem ao centro do debate uma discussão sobre como Deus se relaciona com este mundo, onde, muitas

vezes, o mal e o sofrimento se fazem presentes. Além disso, até que ponto a presença deste mal e deste sofrimento podem ser atribuídos a Deus, seja de forma que ele determine sua existência ou a permita, embora não a crie. A esta discussão, denomina-se teodiceia.

Dentro deste campo de discussão, pode-se inferir, inicialmente, que o mal é o não-ser, ou seja, é aquilo que surge no âmbito antropológico, mas que causa dano (QUEIRUGA, 2011, p. 15). Mesmo com a dificuldade de uma definição mais precisa, Queiruga enfatiza que o mal vai além de simples denominações, sendo algo que se sente, por exemplo, ao contemplar pessoas sofrendo com uma doença em hospitais (algo pertinente em tempos pandêmicos como os que se vivem na atualidade) ou os horrores da guerra (QUEIRUGA, 2011, p. 16).

As discussões que buscam explicar o mal e o sofrimento são antigas, conforme Queiruga afirma:

[...] os inumeráveis mitos das origens, [...], são quase sempre também mitos da intrigante origem do mal na criação. Uma criação da qual tudo nos diz que deveria ser boa e perfeita, porém que aparece despedaçada e imperfeita. Por isso se busca uma ‘explicação’ mediante a afirmação da sua bondade inicial e a sua ruptura por uma falta ou uma catástrofe; e por isso tais mitos estão presentes desde sempre e em todas as culturas. (QUEIRUGA, 2011, p. 17).

De fato, percebe-se que os mitos têm esta finalidade, de tentar explicar pela narrativa uma possível origem do mal no mundo. Ricoeur destaca duas características destes mitos que surgem na Antiguidade para se explicar o mal. Primeiro, que estes mitos de origem apresentam uma tensão entre a experiência vivida e o sentido global do universo, a qual só pode ser explicada através dos símbolos que existem como associação à culpa (RICOEUR, 2018, p. 188). A outra característica é a relação entre o sentido total do mundo e o drama original vivido pelo indivíduo (RICOEUR, 2018, p. 188). Para Ricoeur, ainda, o mito é, justamente, uma narrativa que busca englobar a humanidade numa “história exemplar”, sendo, portanto, um arquétipo de toda a humanidade (RICOEUR, 2018, p. 180).

Queiruga, ainda, destaca que esses mitos que explicam o mal eram, em geral, atribuídos à intervenções divinas (QUEIRUGA, 2011, p. 21), ou seja, a divindade, de alguma forma, ou mandava esses males ao mundo, ou então os permitida. A teologia cristã, em seu início, adere a esta perspectiva, onde Deus utiliza o mal para atender aos seus propósitos. Tal pensamento passa por um período de resistência a partida modernidade. Com o advento da razão, bem

como o desenvolvimento de outras ciências humanas, além das próprias vivências existenciais que o século 20 reservou, conforme já apresentado em alguns pontos deste trabalho, a modernidade trouxe novos questionamentos a respeito do mal, o que exigia, também, uma renovação da resposta da presença do mal no mundo.

Com efeito, as objeções são feitas a partir de pressupostos novos, pois nascem dentro da cultura secular, que conta espontaneamente com leis autônomas nas ocorrências do mundo e com autonomia crítica no âmbito do pensamento. Ao contrário, o pressuposto é velho, pois esse tipo de argumentação só tem sentido quando se parte da antiga ideia de um Deus intervencionista, incompatível com essa mesma autonomia (QUEIRUGA, 2011, p. 21-22).

Villas Boas afirma que a teologia, no século 19, “condena toda forma cultural que queira se desligar da teia estética da fé, chegando mesmo a negar o que os medievais entendiam como *via puritudoinis* da salvação, considerando que o Belo, longe da fé, é ledor engano” (VILLAS BOAS, 2016, p. 55). Percebe-se, então, a resistência da teologia em aceitar obras literárias consideradas atualmente clássicas, mas que na época, por começarem a contestar as concepções teológicas, como a própria teodiceia, foram absolutamente rejeitadas pela teologia escolástica que prevalecia. Neste ínterim, Villas Boas relembra a rejeição às obras de Victor Hugo, Stendhal, Flaubert, Balzac, Alexandre Dumas, e tantos outros que apresentam em suas narrativas textos questionadores à intervenção divina e à liberdade humana (VILLAS BOAS, 2016, p. 55). Isso demonstra o quanto a teologia escolástica, até o século 19, resistiu às mudanças em reinterpretar Deus sob a ótica das novas formas de ler a vida. Foi uma teologia que resistiu a se modernizar, a analisar a relação de Deus com um mundo que estava adquirindo sua autonomia.

Portanto, um desafio da modernidade é encontrar respostas novas para a presença do mal no mundo, que respeitem a autonomia dele. A ideia de um Deus intervencionista, característica da teologia escolástica, e até mesmo da teologia reformada em muitos âmbitos, exige uma adaptação com o mundo moderno.

Voltando à discussão geral a respeito da providência, um teólogo protestante do século 20, o alemão Paul Tillich, procura apresentar reflexões a respeito da providência em sua obra, denominando-a “criatividade diretiva de Deus” (TILLICH, 2005, p. 269). Para o autor, definir a finalidade da criação não é uma tarefa simples, pois do ponto de vista da criatura, sua finalidade é a

“realização efetiva de suas potencialidades”, enquanto do ponto de vista do criador, seria a o exercício da própria criatividade intrínseca à criação (TILLICH, 2005, p. 269). Por conta disso, Tillich critica a literalidade da perspectiva reformada de atribuir a finalidade da criação à glória de Deus, pois a partir desse ponto, demonstra-se que Deus depende da sua criação, algo abominável dentro da teologia calvinista (TILLICH, 2005, p. 269). Para Tillich, há muito mais uma perspectiva simbólica no conceito reformado de providência do que uma intenção literal do que se propõe (TILLICH, 2005, p. 269).

O conceito ‘finalidade da criação’ deveria ser substituído por ‘o *telos* da criatividade’ – o desígnio interno de levar à plenitude na realidade efetiva o que, na vida divina, está para além da potencialidade e da efetividade. Uma função da criatividade divina é encaminhar toda criatura para esta plenitude. Assim, deve-se acrescentar a criatividade diretiva à criação originante e mantenedora. Ela é o aspecto da criatividade divina que está relacionado com o futuro. O termo tradicional para designar a criatividade diretiva é ‘providência’ (TILLICH, 2005, p. 269).

Para Tillich, a questão da providência divina possui como principal finalidade fortalecer a fé, dando sentido à existência, mesmo diante de experiências tão negativas como as do início do século 20. Inclusive, o autor menciona o quanto a doutrina da providência precisou ser repensada dentro deste contexto. Busca-se uma fuga da fatalidade que permeou a teologia deste período, e um reencontro com o sentido da própria existência (TILLICH, 2005, p. 271). A fim de alcançar esse fim, o autor afirma:

A providência é uma atividade permanente de Deus. Deus nunca é um espectador; ele sempre dirige tudo à plenitude. Mas a atividade diretiva de Deus sempre cria através da liberdade do ser humano e através da espontaneidade e integralidade estrutural de todas as criaturas. A providência atua através dos elementos polares do ser. Ela atua através das condições da existência individual, social e universal, através da finitude, do não-ser e da ansiedade, através da interdependência de todos os seres finitos, através da resistência que opõem à atividade divina e através das consequências destrutivas desta resistência. Todas as condições existenciais estão incluídas na criatividade diretiva de Deus. Elas não são aumentadas nem diminuídas em seu poder, nem tampouco eliminadas. Providência não é interferência; é criação. Ela usa todos os fatores, tanto os que procedem da liberdade quanto aqueles que procedem do destino, e dirige criativamente todas as coisas à plenitude. [...]. A providência é a ‘condição divina’ que está presente em cada grupo de condições finitas e na totalidade das condições finitas. [...]. É a qualidade da direcionalidade interior presente em toda situação. O ser humano que crê na providência não crê que uma atividade divina especial vá alterar as condições de sua finitude e de sua alienação. Ele crê e afirma, com a coragem da fé, que nenhuma situação, seja qual for, pode frustrar a realização de seu destino último, que nada pode separá-lo do amor de Deus que está em Cristo Jesus (Rm 8). (TILLICH, 2005, p. 272)

Tillich associa determinação e liberdade, afirmando que Deus usa “todos os fatores, tanto os que procedem da liberdade quanto aqueles que procedem do destino, e dirige criativamente todas as coisas à plenitude”. Talvez o exemplo mais claro disso esteja na própria Condenação dos Noldor. Mandos havia decretado que eles, provocados pelo efeito da maldição, trairiam uns aos outros, e nunca encontrariam paz e tranquilidade em nenhuma de suas ações (TOLKIEN, 2019, p. 129-130). Percebe-se que o decreto condenatório, apesar de severo, surge como revelação da atuação de Deus diante dos crimes cometidos pelos Noldor em Valinor, ao agirem de forma impulsiva ao matarem seus parentes, os Teleri, sem desrespeitar a liberdade de escolha dos elfos. Mesmo diante de tantas ofertas de arrependimento, eles insistiram em seguir o caminho da ira e da vingança. Apesar de severa, portanto, as razões da condenação podem ser consideradas justas na perspectiva da história de *O Silmarillion*. No entanto, as ações dos elfos condenados na Terra-média não devem ser atribuídas como culpa única e exclusiva da condenação, justamente porque as intenções das ações não eram atender a justiça divina, mas sim saciar a busca pela vingança. Um exemplo disso foi após a Guerra da Ira, quando Maedhros e Maglor, os últimos filhos de Fëanor ainda vivos, resolvem roubar as *silmarils* por temerem não alcançarem o perdão dos Valar e de Ilúvatar, bem como desejarem finalizar a busca iniciada pelo seu pai, e que agora parecia estar, finalmente, próxima de um fim (TOLKIEN, 2019, p. 335-336). As intenções das personagens estavam permeadas pelo medo, pela mágoa e pela ira que permeava as emoções dos personagens. Eles se condenaram a si mesmos, e não foram reféns de uma intervenção divina.

Outro exemplo pertinente visto em *O Silmarillion* é no fato de Turgon deixar em Nevrast a armadura que seria encontrada futuramente por Tuor. Lá, Turgon recebeu a orientação de Ulmo para que deixasse a armadura lá em Nevrast, pois como estava sob a Condenação dos Noldor, em breve a maldição o alcançaria, e a pessoa que encontrasse o conjunto de objetos iria até onde Turgon estivesse, levando a mensagem de advertência de Ulmo (TOLKIEN, 2019, p. 179). De fato, o Noldor deu ouvido à orientação do Valar, mesmo desconhecendo o futuro. Entendeu que os meios oferecidos seriam um meio de se cumprir os propósitos de Ilúvatar, bem como a sentença dos Valar. Foi uma decisão pessoal de Turgon, a qual resultou na ida futura de Tuor até Gondolin,

onde salvaria a filha do príncipe élfico, com quem se casaria e teria como descendente Eärendil, conforme mencionado no segundo capítulo. Novamente, houve uma atuação ativa da divindade, respeitando-se as liberdades humanas.

Já a respeito da visão providencial nos fatores naturais, Tillich afirma que o controle divino sobre os fatos naturais se torna mais relevante para a fé quando estes elementos são destrutivos. São nesses momentos catastróficos da criação que a humanidade se relaciona mais intimamente com Deus, sentindo-se segura de seu domínio soberano sobre os eventos calamitosos que ocorrem (TILLICH, 2005, p. 273). A fé na providência, nesse caso, pode atuar de duas formas, segundo o teólogo contemporâneo: a certeza de que Deus agirá na situação catastrófica, tornando-a em algo bom; ou, em caso de não mudança do quadro vivido, a experiência transcendental de ter a certeza de que o propósito divino continua prevalecendo, e é bom (TILLICH, 2005, p. 273). Inclusive, essa percepção transcendental, seria uma evidência de uma oração autêntica, ou seja, aquela que transforma a criatura, mesmo quando a situação temporal e catastrófica não é modificada (SANTO, 2016, p. 574).

Essa certeza encontra uma referência na obra tolkieniana na afirmativa de Ilúvatar, de que, mesmo diante das tentativas de Melkor em deturpar sua criação, ele continua no controle de sua criação. Nada foge aos seus bons propósitos. Além disso, em “Do Retorno dos Noldor”, Fingon vai ao resgate de Maedhros, o qual havia sido capturado por Morgoth, e se encontra pendurado num precipício, cantando uma canção como uma resposta aos gritos de Fingon. Maedhros clama que seu parente o mate com uma flechada, a fim de poupá-lo de mais dor. Nisso, Fingon, desolado e aos prantos ao ver seu primo que tanto amava naquele estado, clama a Manwë: “Ó Rei, a quem todas as aves são caras, dai força agora às penas desta flecha e achai alguma misericórdia para os Noldor em apuros!” (TOLKIEN, 2019, p. 159). Como uma resposta dos Valar, Manwë envia Thorondor, Rei das Águias, para tomar Fingon e levá-lo até o lugar em que Maedhros estava preso a fim de libertá-lo. As preces do elfo foram ouvidas, e houve uma intervenção direta do Súlmo.

Sobre oração, a qual se vincula a este aspecto da providência, faz-se importante resgatar um pensamento de Grudem sobre o tema. Ele afirma que Deus age, muitas vezes, apenas após as orações serem feitas (GRUDEM, 1999, p. 306). Demonstra aqui a necessidade, em alguns momentos, de uma

manifestação por parte do indivíduo, clamando a Deus por uma intervenção diante de uma situação difícil de se compreender ou explicar. Também afirma que orações não atendidas, em muitos momentos, não possuem explicação, pois Deus é soberano, e seus planos muitas vezes são ocultos aos seres humanos (GRUDEM, 1999, p. 319).

Ao falar sobre a relação da providência com as catástrofes da vida, Tillich explica que a ideia de teodiceia precisa, de alguma forma, respeitar a liberdade das criaturas. Ele entende que a teodiceia vai além de tentar explicar questões relacionadas ao mal físico (como dor e morte) ou o mal moral (como o pecado), visto que, racionalmente, são, respectivamente, consequências da limitação e da liberdade da criatura (TILLICH, 2005, p. 274). Nessa linha de pensamento, o autor propõe que as tentativas de respostas da teodiceia precisam respeitar os próprios limites intrínsecos à criação de uma forma geral. Queiruga reforça esta ideia, ao afirmar que o mal é um elemento comum da humanidade, indo além de diferenças étnicas, tempos históricos, lugares físicos, religiões diversas e ideologias (QUEIRUGA, 2011, p. 32). Na realidade, o mal manifesta, de forma escancarada, a finitude humana diante das catástrofes naturais, como a morte, diante das catástrofes causadas pelo crime humano.

Aqui, novamente, vê-se uma semelhança com a proposta tolkieniana que é apresentada em *O Silmarillion*: as limitações que são colocadas aos elfos e humanos. Os elfos são apresentados como seres “imortais”, visto que não morrem por longevidade, mas ferimentos e o desânimo pela vida podem levá-los ao falecimento nesta vida, indo para os Salões de Mandos, onde poderão decidir ir para Valinor, passar a eternidade, ou retornarem para Arda, retomando a sua existência. Sobre eles, Tolkien afirma que não são “imortais eternamente”, mas sim para “perdurar com e dentro do mundo criado enquanto a história deste durar” (TOLKIEN, 2006, p. 227). Ou seja, o tempo de vida deles é concernente com o tempo da existência de Arda. Já os humanos são apresentados como seres que morrem pela longevidade também, demonstrando sua finitude. Após sua morte, vão para o Salão de Mandos, e de lá, seguem para um destino obscuro aos seres criados, conhecido apenas por Ilúvatar. Em ambos os casos, Tolkien considera que prevalece a limitação da existência. No caso dos elfos, a limitação está em presenciar a maldade crescer no mundo conforme as eras passam, e não poder fazer algo significativo para mudar isso. Além disso, por

serem imortais, resistem às mudanças que surgem conforme a história avança, e que são inevitáveis no mundo criado e mutável em que habitam. (TOLKIEN, 2006, p. 227). Já entre os humanos, a mortalidade é uma finitude mais conhecida, embora no universo tolkieniano, em especial em *O Silmarillion*, ela seja colocada como uma dádiva de Ilúvatar aos seres humanos, visto que com ela, são liberados das prisões da existência (TOLKIEN, 2006, p. 141-142). Esta perspectiva da morte como uma dádiva ocorre por conta da centralidade da visão élfica na obra. Com base em tudo isso, e analisando a perspectiva de Tillich apresentada acima, conclui-se que a *eucatástrofe* está sujeita também às limitações dos elfos e humanos, visto que a história é construída respeitando a finitude existencial de seus personagens.

Já Tillich entende que a presença do mal na história, e as consequências terríveis que ele trouxe, foram argumentos existenciais que prejudicaram a crença na providência divina (TILLICH, 2005, p. 803). Portanto, integrar o mal seria fundamental, para facilitar a compreensão do conceito, ainda mais numa sociedade que viveu tragédias como as Guerras Mundiais, o desenvolvimento bélico e industrial desenfreado, entre outras mazelas que permearam o início do século 20. Partindo disso, Tillich apresenta duas conclusões que ajudam a elucidar a correlação entre providência e a presença do mal na história: primeiro, que “nenhuma justiça e felicidade futuras podem eliminar a injustiça e sofrimento do passado” (TILLICH, 2005, p. 308). O mal existiu, e não pode ser descartado por conta de um futuro melhor. Nada justifica o mal na história, nem mesmo a bondade que o futuro reserva. Já em segundo lugar, Tillich afirma que “quanto aumenta o poder do bem, também aumenta o poder do mal” (TILLICH, 2005, p. 309), ou seja, como bem e mal são oriundos da liberdade humana, inevitavelmente ambos terão que coexistir nessa existência, e, de alguma forma, submeterem-se à providência divina.

A providência histórica abrange tudo isso e opera criativamente através disso em direção ao novo na história e para além dela. Este conceito de providência histórica implica igualmente a rejeição de um pessimismo reacionário e cínico. Ele proporciona a certeza de que o negativo na história (desintegração, destruição, profanação) nunca prevalecerá contra os alvos temporais e eternos do processo histórico. Este é o sentido das palavras de Paulo sobre a superação dos poderes demoníacos pelo amor de Deus tal qual se manifestou no Cristo (Rm 8). As forças demoníacas não são destruídas, mas elas não podem frustrar o alvo da história, a reunião com o fundamento divino do ser e do sentido. (TILLICH, 2005, p. 309).

Em *O Silmarillion*, é possível perceber essa providência histórica nas *eucatástrofes* que surgem no decorrer da história. De fato, as falhas dos *Noldor* não são justificáveis, e eles são condenados por seus erros; até desfrutam da misericórdia dos Valar em diversos momentos, mas as consequências de suas escolhas, independentemente de serem certas ou erradas, acompanham-nos. Além disso, de fato, o crescimento do bem é proporcional ao do mal, analisando esses conceitos a partir da perspectiva das escolhas responsáveis de cada indivíduo. Ao finalizar o trecho de *Quenta Silmarillion*, mesmo com a presença dos Valar, e sua intervenção direta na Guerra da Ira, o mal continuou presente, como “uma semente que não morre e não pode ser destruída; e de quando em vez brota de novo, e dará fruto sombrio até os últimos dias” (TOLKIEN, 2019, p. 338).

Percebe-se que Tillich entende que o mal existe, e que, de alguma forma, está submetido à providência divina. Ele entende a existência do mal como uma consequência da liberdade humana, que vive num dilema entre o mal e o bem. No entanto, a providência divina transcende essa liberdade, e o fruto das escolhas individuais acabam convergindo para um propósito maior da história, o seu real sentido, o qual só é encontrado em Deus.

3.2. A PROVIDÊNCIA DIVINA SOB A ÓTICA DA TEOPOÉTICA

A obra de Tolkien, como já visto, está inserida no contexto de início do século 20, ou seja, um período conturbado da história, onde muitas questões teológicas precisaram ser repensadas, por conta do esvaziamento de sentido que acompanhou muitas delas. Nessa perspectiva, a proposta da teopoética é enxergar a teologia a partir da ótica da obra literária, a fim de “iluminar/discernir o caminho que a vontade deve trilhar no trajeto que a consciência conseguiu vislumbrar para acolher mais vida” (VILLAS BOAS, 2016, p. 15).

Para Villas Boas, essa tarefa poética da teologia pode convergir com a busca de um sentido para a existência, conforme proposto pelo fundador da logoterapia, Viktor Frankl, que afirma:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores

são “nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações”. Mas, pelo que toca a mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus “mecanismos de defesa”. Tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas “formações reativas”. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores! (FRANKL, 2020, p. 124-125).

Villas Boas, a partir da perspectiva logoterapêutica de Frankl, entende que é no momento em que o sentido deixa de existir, que o ser humano volta os olhos para si mesmo e passa a repensar sua existência (VILLAS BOAS, 2016, p. 17). Além disso, entende que a prática do amor transcende o sofrimento da existência, rumando para um “otimismo trágico”, onde a prática do amor faz o homem transcender o sofrimento. Apesar de parecer semelhante à proposta racional de um otimismo teleológico, não há a busca desenfreada pela felicidade, mas sim de uma prática de amor, independentemente da situação trágica em que se vive a vida.

Percebe-se que a perspectiva da teopoética é de uma busca da vontade de Deus, compreendida através da cultura literária, a fim de nela encontrar meios que auxiliem na busca de um sentido para a existência, mesmo diante das dificuldades que muitas vezes a vida reserva ao humano. Nessa linha de pensamento, Villas Boas segue numa linha crítica à teodiceia como uma resposta ao problema do mal dentro do plano da existência.

Desse modo, o *sensus fidei* como sentido da vida é reduzido a um senso comum, porém que faz uso do mesmo idioma. A busca da vontade de Deus pode ser encontrada no amor aos pobres por São Francisco de Assis, na busca de uma verdade autêntica por São Tomás de Aquino, na postura crítica do discernimento da fé em relação à vida, por Santo Inácio de Loyola e Santa Teresa de Ávila, porém também é lida como se dentro da mesma vontade de Deus coubesse a morte dos muçulmanos nas cruzadas, a aceitação da injustiça social na Revolução Industrial, a intolerância religiosa, a identificação estrita com um regime social, e assim por diante, como fruto do reducionismo da perspectiva, ainda que internamente sempre tenha existido uma crítica constante sob tais questões (VILLAS BOAS, 2016, p. 45).

Para o teólogo, há uma incoerência em atribuir bem e mal à vontade divina de uma forma apática, como se Deus não se importasse com o sofrimento à vida oriundo de seus possíveis decretos. Sua crítica surge a partir da perspectiva existencial da teologia, ou seja, o Deus da escolástica deixa de ser relevante numa sociedade que vive um quadro desenfreado de mortes e sofrimentos oriundos da intolerância (VILLAS BOAS, 2016, p. 58). É necessária uma releitura teológica de Deus, pois o mundo evoluiu, mas a visão teológica dele permaneceu a mesma desde o período medieval, de uma forma geral. Essa visão, segundo o próprio autor, a partir de uma ótica leibniziana, demonstra que o mal é parte de

uma equação matemática, necessária para o alcance dos propósitos divinos (VILLAS BOAS, 2016, p. 62). Para Villas Boas, o problema maior dessa perspectiva é justamente a aparente apatia de Deus diante do sofrimento humano. Essa apatia acaba afetando o próprio indivíduo, que passa a enxergar suas dores, bem como as dores do outro, com o apático olhar de que tudo é apenas o cumprimento da vontade divina, e que no final dos tempos, tudo será explicado. Dessa forma, incentiva-se a dessensibilização social, visto que todos estão subordinados à vontade divina, seja para o bem, seja para o mal (VILLAS BOAS, 2016, p. 86).

Essa visão impede uma transformação do indivíduo, visto que se resigna a permanecer num estado de indiferença existencial. A teopoética surge na contramão, como uma proposta de olhar para a completude da existência, buscando desenvolver um projeto existencial que auxilie na busca de um sentido. Essa análise traçará relações entre a busca do sentido interna e o não-sentido externo, e o fruto desse confronto auxiliará na construção de um sentido para a existência (VILLAS BOAS, 2016, p. 95-96).

Na obra analisada de Tolkien, identifica-se o quanto a falta de um sentido fez com que Fëanor e seus herdeiros não conseguissem lidar com a morte de Finwë, muito menos com o roubo das *silmarils*. De fato, é dito que Fëanor agiu “na loucura de sua cólera e de seu pesar” (TOLKIEN, 2019, p. 119) ao receber a notícia do roubo das joias e da morte de seu pai. No entanto, mesmo posteriormente, com os alertas de Fingolfin e Finarfin (TOLKIEN, 2019, p. 124), com a mensagem de Manwë (TOLKIEN, 2019, p. 126) e com a condenação de Mandos, caso não retrocedessem a Arda (TOLKIEN, 2019, p. 129), Fëanor e seus filhos persistiram em seguir em busca de vingança. Não se deixaram viver a experiência do sofrimento como uma possibilidade de transformação individual.

Pelo que se viu até aqui, sobre a teopoética, percebe-se que a literatura exerce um papel fundamental para auxiliar na busca de respostas teológicas para a existência. Barcellos faz essa reflexão, ao destacar o papel do texto literário em propor reflexões teológicas:

Muito diferente é a relação que se estabelece entre teologia e literatura quando o próprio texto literário é portador de uma reflexão autenticamente teológica. Isso se dá quando as combinações sintagmáticas do texto implicam uma reformulação do subconjunto de paradigmas em que se codifica o discurso religioso ou já o próprio

discurso teológico de uma dada sociedade. Assim, os processos de estranhamento empregados nos obrigam a repensar em profundidade as formas e conteúdos da fé. Nesse caso, já se faz teologia na própria literatura e precisamente a partir da estrutura lingüística que garante esta última sua literariedade. É claro que o produto teológico daí resultante nem sempre será ortodoxo, mas nem por isso perderá seu caráter de reflexão crítica sobre o conteúdo da fé (BARCELLOS, 1999, p. 92).

Barcellos apresenta o texto literário como passível de uma crítica ao conteúdo da fé, ou seja, não aceitar de maneira incontestável as respostas que muitas vezes a teologia dá, mas questioná-las a fim de propor uma reflexão que poderá clarear a busca de um sentido. Nessa perspectiva, valoriza-se mais as questões subjetivas que o texto literário desperta no indivíduo leitor do que as questões objetivas, ou seja, as respostas racionais que a teologia carrega, afastadas da vida real e contextualizada. A subjetividade despertada pela literatura, portanto, valoriza a experiência, procurando desvendar através dela os problemas existenciais (LANGENHORST, 2011, p. 182).

Essa abertura para a subjetividade que surge na relação entre teologia e literatura, na busca por respostas às questões existenciais também na relação do homem com Deus, deve ser permeada pelo diálogo, conforme propõe Manzatto:

Para encontrar-se verdadeiramente com a literatura, respeitando-a no que ela é e sem querer transformá-la em sua serva ou em simples meio de comunicação de suas ideias e propostas religiosas, a teologia deve dispor-se a dialogar com a cultura e o mundo no qual vivem os seres humanos. Dialogar significa também dar voz ao outro e saber ouvir. Em situações de retorno às certezas, de fundamentalismos religiosos, de centralização de decisões e de retomada de dogmatismos e de propostas de dominação da sociedade, tal diálogo parece inviável. [...]. Mas existe, em nosso tempo, a possibilidade de relação entre teologia e literatura porque conhecemos uma teologia disposta ao diálogo e aberta à compreensão do humano. Há possibilidade de se construir uma teologia que participe da compreensão do ser humano justamente com as artes e os outros campos do conhecimento. (MANZATTO, 2012, p. 13-14)

Na proposta de Manzatto, no diálogo entre teologia e literatura não há a subserviência, mas sim a disponibilidade de ouvir, dentro dos respectivos campos de atuação, reflexões a respeito do ser humano. A relação se torna relevante no contexto teológico, pois se nota o quanto as reflexões humanas da arte literária podem trazer sobre a busca do indivíduo para respostas transcendentais. Essa busca, no entanto, não encontra respostas na metafísica, mas sim na própria existência. A hermenêutica, nessa perspectiva, passa a ser na “experiência corpórea” (ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 481).

Aqui se vê, portanto, o quanto a história de Tolkien não surge como uma proposta de simples reafirmações teológicas a respeito da providência. Como se viu, é possível encontrar convergências teológicas de Tillich em *O Silmarillion*. Mas o professor de Oxford, independentemente de suas intenções, conseguiu também inserir questionamentos a essas mesmas perspectivas. Surgem indagações que a teopoética busca explicar, como a reação do indivíduo ao sofrimento e os questionamentos que faz sobre o lugar de seu deus na história. Os Valar não foram apáticos ao sofrimento dos Noldor, revelando isso através de atos misericordiosos que surgem no decorrer de *Quenta Silmarillion*. Mas é essa a impressão de Fëanor e seus filhos, essa é a crise que perpassa estes personagens. Isso demonstra o quanto Tolkien propõe uma saída à teodiceia, ao trazer questões que ela não conseguira responder ainda, problemas que se tornaram visíveis a partir do evento da modernidade. De certa forma, o autor transpassa, mesmo sendo conservador, as questões que envolvem a teodiceia escolástica, indagando problemas que, outrora, não eram tão perceptíveis.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, o teólogo e crítico literário Northrop Frye também considera que a literatura é uma ferramenta essencial para a organização das perspectivas de mundo que um indivíduo pode ter. Para ele, a literatura traz organização para as diversas impressões que surgem durante a existência humana, através de personagens, construção de espaços, descrição de eventos (FRYE, 2017, p. 55). Um exemplo possível, dentro da obra tolkieniana, é o personagem de Fëanor, o qual não deve ser visto como um herói individual que está numa luta ferrenha contra o mal, mas sim como alguém que era dominado pela ira, pela ganância e pelo poder, e sofre uma forte perda, tem esses sentimentos intensificados pela ira e o desejo de vingança. O leitor pode perceber em Fëanor uma parte de si mesmo, e, conforme relata Frye, passa a se identificar com as sensações que permeiam a vida do elfo. Talvez, por conta própria, o indivíduo não conseguisse perceber os sentimentos que prevalecem em sua vida em diversos momentos, mas no momento da leitura, as ideias se organizam, e a identificação começa a trazer questões que buscam um sentido para a própria existência.

Essa perspectiva literária de Frye reforça a percepção subjetiva a partir do símbolo, que o autor define como sendo a “correspondência entre o mundo natural e o humano” (FRYE, 2017, p. 57), ou seja, a utilização de elementos que

trarão um diálogo entre a ficção, o imaginário, e a realidade. Entender o uso do símbolo na literatura pode auxiliar no diálogo entre teologia e literatura, e, conseqüentemente, facilitar a identificação de elementos providenciais a partir das obras literárias. O crítico literário também afirma a importância dessa imaginação, onde prevalecem os símbolos, identificando-a como um lugar de experiências, onde as possibilidades podem ser vistas e analisadas com mais atenção:

Vocês podem perguntar, então, qual é a utilidade de estudar um mundo de imaginação onde tudo é possível e tudo é admissível, onde não há certo e errado e onde todos os argumentos têm o mesmo valor. Uma das utilidades mais óbvias, penso eu, é o incentivo à tolerância: na imaginação as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias. Fanáticos e preconceituosos raramente tentam tirar algum proveito da arte – estão obcecados demais por suas crenças e ações para enxergá-las como talvez simples possibilidades. Também há o outro extremo: o do dileitante eternamente entretido por possibilidades e, assim, desprovido de convicções e poder de ação. Mas estes são bem menos comuns que os fanáticos e, no nosso mundo, bem menos perigosos (FRYE, 2017, p. 68).

Sobre símbolo e imaginação, torna-se pertinente analisar a concepção de Paul Ricoeur a respeito de símbolo, visto que pode agregar maior compreensão a proposta de Frye. Ricoeur define os símbolos como signos capazes, no discurso, de apresentarem um sentido primário e analogicamente um sentido secundário, dependente do primeiro (na obra tolkieniana, poderia se pensar em Mundo Primário e Mundo Secundário) (RICOEUR, 2018, p. 31-32). A assimilação dos sentidos, neste processo, é complexa, e não precisa ser dominada pelo intelecto humano, visto que é na experiência com o sentido primário (ou no Mundo Primário) que se doa o novo sentido que está simbolizado (RICOEUR, 2018, p. 32). Frye e Ricoeur concordam que o símbolo faz uma correspondência entre sentidos. Aplicando a ideia à obra de ficção estudada, pode-se pensar a *eucatástrofe* de Tolkien como um símbolo da providência.

Retomando à perspectiva anterior de Frye, sobre a imaginação, pode-se tentar fazer uma aplicação às questões que envolvem a compreensão de Deus e sua ação no mundo. De fato, como se viu até aqui, há diversas possibilidades hermenêuticas que buscam compreender a divindade e a sua providência. Partindo da proposta de Frye, tais visões podem ser consideradas dentro do campo da literatura, através do auxílio da imaginação, a fim de ali, com os símbolos e com a ausência de limites, possa-se tentar entender melhor o Deus

cristão. Frye afirma ainda que a imaginação engole a realidade, ou seja, dentro de si ela abarca tudo o que existe. Contudo, tal ação não visa despertar a fé daqueles que imaginam, mas, definitivamente, auxilia a entender a fé, visto que ela também foi engolida pela imaginação, e com certeza ali será melhor elucidada (FRYE, 2017, p. 71).

Philip Ryken ratifica essa perspectiva ao afirmar que a o mais sublime propósito da fantasia “é ajudar-nos a viver mais sabiamente a realidade” (RYKEN, 2018, p. 44). Ou seja, a literatura fantástica pode auxiliar a entender questões que englobam a fé. Essa correlação não ocorre através da alegoria, mas sim da aplicabilidade, que seria a liberdade que o leitor tem de identificar na história os aspectos subjetivos que podem ser aplicados à sua vida (RYKEN, 2018, p. 52-53).

Olhando para outros exemplos, além dos Noldor, nota-se esse aprendizado nas personagens de Beren e Luthien, por exemplo. Como visto no segundo capítulo, Beren precisa enfrenar um terrível desafio a fim de poder se casar com a bela Luthien. A elfa ajuda seu amado no cumprimento do desafio, evidenciando o forte amor que sentem um pelo outro. Mesmo tendo em seu poder uma das *silmarils*, o amor supera o desejo de possuírem a gema. Suas ações e emoções são tão louváveis, que cativaram o próprio Mandos a permití-lhes, mesmo após suas respectivas mortes, viverem uma nova experiência de vida, dessa vez tendo ambos como mortais. A história desses personagens é um exemplo, conforme afirmaram Frye e Ryken, de aplicabilidade da existência humana, refletindo sobre como se pode lidar com as dificuldades que a existência apresenta

Viu-se até aqui a importância de um diálogo entre teologia e literatura para uma melhor compreensão das questões da vida, inclusive aquelas que envolvem a fé. É possível encontrar na literatura espaço para a reflexão de questões teológicas complexas, como a providência divina, e o lugar do humano dentro dessa teologia cristã. A proposta teopoética é sair do campo escolástico da providência, e passar a questionar as aparentes respostas incontestadas que as questões teológicas recebem, problematizando-as com o fim de aprofundar a experiência com o sagrado, de tal forma que o indivíduo possa encontrar nos desafios da vida humana o Deus da providência. A teopoética procura trazer a reflexão para o campo da existência humana.

3.3. A *EUCATÁSTROFE* COMO UMA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO DA PROVIDÊNCIA

A partir do que foi apresentado a respeito das propostas teológicas de Paul Tillich e Alex Villas Boas, buscar-se-á na conclusão desse trabalho apresentar a *eucatástrofe* da obra *O Silmarillion* como uma possibilidade de providência, ou seja, um exemplo de uma reflexão às questões teológicas que envolvem esta visão teológica cristã.

No primeiro capítulo desta dissertação, a *eucatástrofe* fora apresentada de forma panorâmica, a partir da obra teórica referencial de Tolkien a respeito das histórias de fadas. Lá, viu-se que a *eucatástrofe* está intimamente ligada ao consolo, um dos objetivos desse tipo de ficção, segundo o professor inglês. Etimologicamente, a palavra possui origens gregas, possuindo o prefixo *eu*, o qual significa “bom” e a palavra *catastrophe*, a qual significa “catástrofe”. A “boa catástrofe” não seria simplesmente o final feliz, mas sim uma mudança inesperada e jubilosa nos rumos da história, que seria uma catástrofe total, sem nada de bom, mas que, com essa mudança, tornou-se em algo bom. Para haver *eucatástrofe*, é necessário haver a catástrofe (STANIFER, 2014, p. 1). Apesar de Tolkien cunhar o termo, e desenvolvê-lo com mais preponderância, essa característica literária está presente em outras obras, apesar de, eventualmente, receber outros nomes (STANIFER, 2014, p. 2-3). Percebe-se, aqui, a semelhança com a providência divina apresentada por Tillich, onde se nota que a partir do momento que o ser humano é dotado de liberdade, inevitavelmente poderá fazer escolhas certas e erradas. No entanto, tais escolhas, em nenhum momento, fugirão do pleno sentido da história, já decretado por Deus. Para Tillich, conforme apresentado no início deste capítulo, a liberdade humana, e as consequências que ela proporciona, não são justificáveis, mas, de alguma forma misteriosa, não anulam o plano geral de Deus.

A *eucatástrofe* nas obras tolkienianas pode ter surgido a partir de duas razões pessoais: pelo relacionamento entre o professor Tolkien e Edith e pela fé do autor (BEAL, 2017, p. 2). Em relação à primeira razão, reforça-se que quando o professor conheceu Edith, houve uma grande resistência do seu tutor em permitir um relacionamento, visto que a moça era de família anglicana, e, além

disso, poderia ser uma distração para o jovem Tolkien. Mesmo depois, quando os estudos do filólogo foram concluídos, ao reencontrar a amada a mesma já estava noiva de outro rapaz. Percebe-se, portanto, o relacionamento de ambos tendia para uma catástrofe, mas de alguma forma miraculosa e inesperada, conseguiram ficar juntos. Já sobre a última razão apresentada por Beal, crê-se que o trabalho já destacou bastante a influência da religião católica sobre a vida do autor. Para Beal, foram essas vivências que fizeram com que o autor olhasse para antigas lendas medievais, e as recontasse a partir da perspectiva da *eucatástrofe*. A autora considera, portanto, que o ineditismo que as histórias de Tolkien trazem às antigas lendas está, justamente, nesse dispositivo literário (BEAL, 2017, p. 2).

Esse argumento de Beal ganha mais força quando se percebe que a alegria de Tolkien em viver um relacionamento com Edith só ocorreu mediante a dor de uma separação que perdurou por anos. Indo para um exemplo de *O Silmarillion*, apresentado no capítulo anterior, pode-se analisar o sofrimento que a busca pela *silmaril* trouxe a Beren e Luthien. Houve dor, morte, separação, tantas mazelas que surgiram, que é difícil imaginar que tal história possa ter um “final feliz”. De certa forma, a tristeza é fundamental para o florescimento da verdade nas histórias de fadas. Ela não pode ser ignorada, e precisa ser analisada em conjunto com o desfecho alegre. A *eucatástrofe* tolkieniana propõe exatamente essa ligação, onde a tristeza não é anulada, mas é real, a fim de conduzir ao final feliz (NEBERMAN, 2016, p. 27). A alegria não pode ser um fim em si mesma, nem mesmo a tristeza. A primeira só pode ser compreendida após a experiência da última, e apenas após isso ocorrer a esperança surge como uma preparação para desfrutar a novidade da alegria. Essa seria a essência da *eucatástrofe* (NEBERMAN, 2016, p. 28). Em Tolkien, em especial, essa ideia é reforçada pela junção feita entre catástrofe e *eucatástrofe*:

No entanto, com o fim de identificar a contraparte da *eucatástrofe* de um momento catastrófico na narrativa ou vice-versa, esses incidentes precisam ser estruturalmente relacionados. Meu argumento, portanto, é que o equilíbrio entre catástrofe e *eucatástrofe*, o que daqui em diante eu chamarei de dualismo estratégico, forma uma narrativa principal de correspondência e oposições (HAUSMAN, 2015, p. 31, tradução livre⁹).

⁹ “However, in order to identify the eucatastrophic counterpart to a catastrophic moment in the narrative or vice versa, these incidents must be structurally related. My argument therefore is that the balance between catastrophe and eucatastrophe, which I will henceforth call strategic duality, forms a central narrative principle of correspondence and oppositions”.

Hausman destaca em seu comentário o quanto a presença da ideia da boa catástrofe está presente na própria construção estrutural da obra literária, não sendo apenas um aspecto subjetivo do leitor, mas uma proposta aparentemente intencional do autor em querer provocar tal reflexão a partir da própria forma textual. Podles afirma também que a *eucatástrofe* só é possível por causa da *discatástrofe*, e argumenta com a ideia de que a ressurreição, que seria um exemplo da primeira, só ocorre por que há morte no mundo, sendo um exemplo da última (PODLES, 2010). Além disso, o autor argumenta que o próprio Reino de Deus só pode ser manifestado através da falha e da morte em um mundo finito, evidenciando que novo céu e nova terra só são uma possibilidade após se viver na atual terra (PODLES, 2010).

Além das questões estruturais, percebe-se também nas obras tolkienianas a relação que há entre as escolhas individuais dos personagens envolvidos, e a ideia de obediência e desobediência. Da mesma forma como foi posto acima, a partir da teologia da providência exposta por Tillich, a providência pode surgir a partir da própria liberdade humana (TILLICH, 2005, p. 272). Aplicando essa ideia ao *O Silmarillion*, as decisões deliberadas pelos personagens que resultarão em uma *eucatástrofe* podem ser relacionadas à “criatividade diretiva” de Eru. Croft, concorda com essa ideia, e entende que esse processo de liberdade manifestado nas escolhas feitas diante das circunstâncias da vida não anula a responsabilidade humana, visto que a presciência de Deus não anularia o livre-arbítrio humano, e isso poderia ser aplicado também em *O Silmarillion* (CROFT, 2009, p. 135). A autora, inclusive, fundamentada na obra de C. S. Lewis, “A Abolição do Homem”, entende que esse senso de liberdade está relacionado ao Tao, que seria a realidade além do universo, além das criações religiosas, que seria a natureza, o caminho a seguir, de forma correta (CROFT, 2009, p. 135). Percebe-se, portanto, que a liberdade vai além dos conceitos de bem e mal, pois Croft prefere entender que, a partir dessa busca por tentar fazer o certo e não o errado, transcende-se a bondade e a maldade, e passa-se a um encontro com a responsabilidade individual de cada um diante daquilo que lhe é apresentado na sua individualidade existencial (CROFT, 2009, p. 136). Isso acaba fazendo mais sentido quando se vê que muitas vezes, desobedecer a uma ordem que não é ética pode ser certo, e obedecer a uma ordem ética pode ser errado. Ela afirma:

Como podemos ver, a desobediência [...] é mais frequentemente sobre olhar para dentro para julgar um curso de ação correto contra uma autoridade que está ordenando algo questionável, em vez de desobedecer a um conjunto de regras. Essa consideração mais madura da desobediência requer julgar as ordens e ações por sua harmonia com o Tao e desobedecer às ordens que entram em conflito com a maneira como o mundo precisa ser. As intenções são de vital importância [...]. (CROFT, 2009, p. 144, tradução livre¹⁰).

Um exemplo clássico na obra de Tolkien, dada pela próprio Croft, e visto no capítulo anterior, é a rebelião de Melkor, ainda na canção primordial, onde seus desejos se opunham aos propósitos dos outros Valar. Enquanto estes procuravam cumprir os desígnios de Ilúvatar, aquele buscava estabelecer sua vontade sobre as criaturas: “Então, a motivação de Melkor, a qual veremos repetidamente na descrição do mal em Tolkien, é o impulso de dominar todas as outros seres de vontade livre” (CROFT, 2009, p. 144, tradução livre¹¹). Ou seja, a desobediência de Melkor é uma escolha “errada”, visto não ser ética, já que sua ação produz opressão aos demais seres livres. No entanto, a *eucatástrofe* surge como uma possibilidade a partir do momento que Ilúvatar decreta que seus preceitos não poderiam ser simplesmente anulados pela irresponsabilidade de Melkor (TOLKIEN, 2019, p. 42), exemplo de providência divina segundo as perspectivas apresentadas neste capítulo.

Outro exemplo que pode ser dado, que foge ao *O Silmarillion*, mas está presente em *O Senhor dos Anéis*, é o episódio em que Boromir tenta tomar o anel de Frodo à força, mesmo tendo feito um juramento de proteger o portador do Um Anel durante sua jornada.

Foi a desobediência apenas uma catástrofe sem bons efeitos? Não totalmente; era o que faltava para convencer Frodo a deixar a sociedade naquele momento, e Boromir foi capaz de redimir a si mesmo defendendo Merry e Pipin dos orques, apesar de não conseguir salvá-los de serem capturados. (CROFT, 2009, p. 142, tradução livre¹²)

Percebe-se aqui que o ato de Boromir fora terrível, ele, de fato, traiu a confiança de Frodo. Esse foi o gatilho que fez com que o portador do Um Anel

¹⁰ “As we can see, disobedience [...] is more often about looking within to judge a right course of action against an authority that is ordering something questionable, rather than disobeying a set of rules. This more mature consideration of disobedience requires judging orders and actions by their harmony with the Tao and disobeying orders that conflict with the way the world needs to be. Intentions are vitally important”.

¹¹ “So Melkor’s motivation, one we will see again and again in Tolkien’s depiction of evil, is the urge to dominate all other free-willed beings”

¹² “Was his disobedience only a catástrofe with no good effects? Not entirely; it was what was needed to convince Frodo to leave the company then and there, and Boromir was able to redeem himself by defending Merry and Pippin from the orcs, though it didn’t save them from capture”

se desvencilhasse da sua fraternidade, e seguisse junto com o fiel Sam para o seu destino. Poderia haver outros caminhos de fazer com que a iniciativa de Frodo fosse provocada. Mas fora este meio o proposto pelo autor, e, de fato, a desobediência de Boromir pode ser considerada mais uma prova da semelhança entre providência e *eucatástrofe* em Tolkien. Além do mais, destaca-se a redenção de tal personagem, o qual lutou para proteger os demais membros que foram atacados por terríveis orques. Nessa empreitada, acaba morrendo pelas terríveis criaturas.

Se os personagens são livres para escolher o certo e o errado, e se há “alvos temporais e eternos do processo histórico” (TILLICH, 2005, p. 804), os quais não podem ser solapados pelos aspectos negativos da história, compreende-se, então, que a dor e o sofrimento que acompanham o desenvolvimento e o desfecho de *O Silmarillion* possuem um sentido:

Assim, o sofrimento tido por gerações, na prática, como um fim em si mesmo ou, ao contrário, como experiência que precisa ser extirpada da existência, adquire contornos em Frankl (1978) de vivência inerente à existência e com potencial de nos ajudar a crescer e a amadurecer; uma verdadeira eucatástrofe existencial. (MENEZES, 2019, p. 241)

Ainda segundo Menezes, é essa capacidade de encontrar sentido na dor da existência que permite ao indivíduo construir a história, pois possui uma “dimensão espiritual saudável que pode fazê-lo superar qualquer circunstância, seja enfrentando-a, seja vivendo-a com dignidade e crescendo com ela, deixando um testemunho pessoal – que vale mais do que qualquer teoria” (MENEZES, 2019, p. 241). Ora, nota-se aqui, mais uma vez, que na *eucatástrofe* tolkieniana, a liberdade humana de fazer escolhas dialoga com os propósitos divinos, de forma misteriosa, rumando para o cumprimento da história.

Menezes afirma, com base nos princípios da logoterapia, que a capacidade de sofrer é uma conquista, desde que se alcance o sentido desse sofrimento, o qual é transcendido através da prática do amor por algo ou alguém (MENEZES, 2019, p. 267). Para a autora:

Sofrer significa agir, crescer, amadurecer, sendo este seu principal produto – e enriquecer-se. Essa conquista faz com que o mundo inteiro seja agraciado por aqueles que têm coragem de suportar seus fardos com dignidade ou pelos que, percebendo-se culpados, elevam-se acima do próprio fracasso momentâneo, e mudam para melhor. Ou, ainda, por todos que, encarando a própria finitude, levam a vida com uma responsabilidade ímpar (MENEZES, 2019, p. 267-268).

A reação ao sofrimento pode despertar o melhor no ser humano, pode permitir a ele demonstrar as virtudes de Deus através da liberdade providencial

que ele inseriu nas criaturas. É isso que se nota na obra de Tolkien, elfos e homens que sofrem, mas que não deixam de, no final das contas, revelar o amor sacrificial que evidencia a bondade de muitas de suas escolhas. Há catástrofe, mas providencialmente, o fim dela é um “final feliz”. Há esperança em meio à dor do mal.

Pode-se verificar com mais força a *eucatástrofe* como providência ao se constatar que desde os primórdios há a presença do sofrimento, da dor e da tristeza. Mesmo assim, estas coisas não detêm a última palavra sobre a finalidade da existência, cabendo este papel a Deus (PODLES, 2010). Ilúvatar, da mesma forma que o Deus cristão, possui uma finalidade plena de sentido às suas criaturas, e procura conduzir os rumos da existência para atender a estes fins. Podles ainda demonstra a importância do amor nesse processo do sofrimento que surge:

A graça opera por meio da misericórdia, e a utiliza para alcançar seus objetivos. A misericórdia é o amor que existe em um mundo onde reina a morte. Tolkien busca justificar os caminhos de Deus para o homem, especialmente aquele que pode ser considerado o mais difícil, a dádiva da morte. Sem a morte, o homem não poderia alcançar o maior amor, o do auto sacrifício, morrer pelo outro, como o próprio Deus decidiu fazer. Deus permitiu a morte no mundo para que ele também pudesse morrer e dar a sua vida às suas criaturas (PODLES, 2010, tradução livre¹³).

Podles apresenta o sofrimento como necessário para a manifestação do amor de Deus. De fato, a mensagem cristã mostra que o amor de Deus se revelou através da entrega do Filho, conforme relata o evangelista João no famoso texto de Jo 3.16. Tal amor só se manifestou num mundo que estava mergulhado em pecado. A *eucatástrofe*, dentro de *O Silmarillion*, também apresenta o amor e a misericórdia em momentos de grande luta e tensão, momentos em que o mal parece prevalecer de forma perpétua. Mas são nesses instantes que a misericórdia de Ilúvatar se manifesta pela ação dos Valar, ou até mesmo de gestos de bondade dos elfos e homens, os quais estão convergindo para um propósito maior além daquilo que seus olhos permitem ver ou sua mente compreender. Um sentido que transcende a razão.

¹³ Grace works through mercy, and uses mercy to achieve its ends. Mercy is love as it exists in a world of death. Tolkien seeks to justify the ways of God to man, especially the way that man finds hardest, the gift of death. Without death, man could not achieve the greatest love, that of self-sacrifice, to die for another, as God himself chose to do. God allowed death in the world so that he, too, could die and give his life to and for his creatures.

Para concluir esse terceiro capítulo, talvez seja pertinente trazer uma fala de Sam para Frodo, presente apenas na obra cinematográfica de *O Senhor dos Anéis*:

- É como nas grandes histórias, senhor Frodo. As que tinham mesmo importância. Eram repletas de escuridão e perigo. E, às vezes, você não queria saber o fim, porque como podiam ter um final feliz? Como podia o mundo voltar a ser o que era depois de tanto mal? Mas, no fim, é só uma coisa passageira. Essa sombra. Até a escuridão tem de passar. Um novo dia virá. E, quando o Sol brilhar, brilhará ainda mais forte. Eram essas as histórias que ficavam na lembrança, que significavam algo. Mesmo que você fosse pequeno o bastante para entender por quê. Mas acho, senhor Frodo, que eu entendo, sim. Agora eu sei. As pessoas dessas histórias tinham várias oportunidades de voltar atrás, mas não voltavam. Elas seguiam em frente, porque tinham no que se agarrar.
- Em que nós nos agarramos, Sam? [pergunta de Frodo]
- No bem que existe neste mundo, senhor Frodo, pelo qual vale a pena lutar. [resposta de Sam] (*O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, 2002).

Apesar de o relato não ser original de Tolkien, a ideia está presente em tudo o que foi visto até aqui neste trabalho. De fato, a *eucatástrofe* é uma possibilidade de explicar a relação que há entre Deus e a liberdade humana de decidir. Existe bondade no mundo, visto que é fruto da criação de Deus, e possui uma finalidade boa. Há dor, há morte e sofrimento, mas há também a manifestação do amor e da misericórdia. As histórias de *O Silmarillion* não são românticas, o final feliz é bastante sofrido. Mas a conclusão da história é de que vale a pena buscar esse final feliz.

De fato, ao analisar a obra do professor Tolkien, percebe-se que o autor apresenta a teodiceia como uma possibilidade de saída rumo à modernidade, resistindo à apatia, e demonstrando que o mal, mesmo não sendo uma criação divina, acaba fazendo parte do mundo, consequência da liberdade de ação dos indivíduos criados. Tolkien questiona a teodiceia vigente, mas sem se desvencilhar de um pensamento teológico agostiniano, onde se entende que o mal faz parte da criação, e evidencia a grandeza da bondade de Deus e da sua graça (AGOSTINHO, 2015, p. 170). Ela precisa ser reinventada, conforma a teologia do século 20 procurou fazer. A Terra-média se reinventa rumando para o cumprimento da grande história designada por Ilúvatar. O mal não tem justificativas, as desgraças e a dor, oriundas da liberdade humana, são terríveis e condenáveis. No entanto, elfos e humanos reagem a essa situação, buscando melhorar a existência. Há redenção a partir das escolhas responsáveis dos personagens. A história divina não cessa, mas continua, a fim de consumir seu

propósito, indo para além do caos. Talvez, teologicamente, Tolkien não entendia como isso ocorria. Contudo, ele busca com suas histórias ressignificar muitos de seus próprios pensamentos a respeito de como Deus e o homem agem no mundo, e como a intervenção de ambos pode afetar a história da existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou resultados satisfatórios para a banca, atendendo aos objetivos propostos. De fato, foi possível compreender mais a *eucatástrofe* a partir de um ponto de vista teológico, encontrando na providência divina uma possibilidade de abertura para uma melhor compreensão desse conceito. De fato, pode-se constatar que o relato de Fëanor e seus familiares, relatado em *O Silmarillion*, traz diversos exemplos de reviravoltas que se assemelham, e muito, com as perspectivas da providência divina apresentadas no terceiro capítulo desta pesquisa.

Constatou-se que a *eucatástrofe* esteve presente com frequência na breve biografia de Tolkien aqui esboçada. O autor perdeu seus pais ainda na infância, foi abandonado pelos demais familiares, sendo criado pelo padre Francis Morgan; sofreu para tentar se relacionar com sua esposa, Edith, dadas as resistências do seu tutor; participou da Primeira Grande Guerra, perdendo diversos de seus grandes amigos no conflito; assistiu aos eventos que envolveram a Segunda Grande Guerra, presenciando as atrocidades do autoritarismo para o mundo, bem como sofrendo a dor de ver seus filhos participando ativamente do conflito; viu cidades se desenvolvendo, e destruindo o ambiente bucólico que tanto apreciava; teve suas histórias não aceitas inicialmente pelas editoras, temendo que o material não fosse bem recebido pelo público. Enfim, foram muitos os desafios vividos pelo autor, mas, conforme se notou na pesquisa, a esperança permanecia desperta, principalmente em suas histórias fantásticas. Nos mundos subcriados por ele, procurou demonstrar que era possível recuperar imagens daquilo que um dia foi bom e belo; que se podia escapar temporariamente do caos da vida moderna, e encontrar na paz de Valinor um pouco de descanso; e que havia consolo nas reviravoltas da existência, quando mesmo próximo do triste fim, de forma miraculosa, os rumos da história mudam, em direção a uma alegria inexplicável. Essa esperança foi fruto do ambiente eclesástico em que o autor passou boa parte de sua adolescência; mesmo não sendo teólogo, conseguiu expressar muitos pensamentos teológicos por conta dessa viva esperança que sua experiência com o Sagrado permitia desfrutar.

Verificou-se que, de fato, há muitas semelhanças entre a *eucatástrofe* e a providência proposta pelo teólogo Paul Tillich e Alex Villas Boas. Verifica-se a relação que há entre a onipotência de Deus e de Ilúvatar. Ambos demonstram ter um propósito original, o qual não pode ser suplantado por nenhum tipo de adversário ou intervenção. Há um plano absoluto, e toda a existência rumo para a concretização desse propósito. No entanto, o cumprimento de tal plano está, de alguma forma misteriosa, alinhado com a própria liberdade humana de tomar decisões neste mundo. A rebelião dos Noldor foi uma calamidade, trouxe muitas tragédias não somente aos Valar, mas a muitas outras criaturas de Arda, bem como à própria região da Terra-média. Não se pode atribuir a decisão pela ira e vingança daqueles elfos a Ilúvatar ou aos Poderes de Arda; muito pelo contrário, Fëanor e seus parentes tinham plena consciência do que estavam fazendo naquele momento, mesmo sendo advertidos em alguns momentos para que se arrependessem, e clamassem perdão aos Valar. No entanto, eles persistiram em seguir o caminho da vingança. Mesmo assim, os propósitos de Ilúvatar não são anulados, e ele continua a, de alguma forma, redimir a criação, e isso é percebido pelas diversas intervenções dos Valar, que buscavam, de alguma forma, reduzir o sofrimento dos exilados. Foi assim com Manwë livrando Maedhros de seu sofrimento; com Ulmo tentando intervir e salvar Gondolin da destruição certa; de Mandos, tendo misericórdia de Luthien e Beren, e lhes dando uma nova chance de viverem a vida que lhes fora tirada de forma brutal. Todas essas intervenções promovidas pelas divindades da Terra-média convergem para aquilo que é proposto na providência.

Percebe-se muita semelhança, em especial, entre o pensamento de Tolkien e de Paul Tillich. Em ambos, a presença do mal é atribuída, em grande parte, às escolhas humanas. Isso não justifica a existência da maldade, ela continua sendo condenável; no entanto, há esperança de que a intervenção divina, de alguma forma, possa transformar a criação de uma forma geral, levando-a à concretização do propósito divino. Nesse sentido, Tolkien apresenta uma possível ressignificação para a teodiceia. O mal não é necessário para a concretização do plano divino, mas uma consequência nefasta da liberdade humana. O plano divino, no entanto, não é anulado por conta da maldade, mas continua seguindo, buscando redimir o ser humano e o resto da criação.

A proposta de Tolkien também dialoga com a teopoética. De fato, o texto literário de Tolkien busca apresentar uma possibilidade de sentido e propósito, em tentar se entender aspectos transcendentais da existência. Essa compreensão também envolve a *eucatástofe*, afinal de contas, a literatura tolkieniana tenta demonstrar como ocorrem as relações entre Deus e suas criaturas dentro do universo subcriado. Valoriza-se, aqui, os aspectos subjetivos, ou seja, a importância do ser humano em buscar respostas para tais questões na experiência com o Sagrado e com o texto, e não simplesmente aceitando uma resposta teológica apática e descontextualizada. Mesmo sendo um conservador católico, Tolkien está aberto a ampliar as respostas que traz para questões que envolvem a experiência com a vida e com Deus. A importância da experiência e da resignificação de sentido são fundamentais para a construção de uma teologia aberta para o diálogo e para a valorização do ser humano como criação divina.

A pesquisa, apesar de cumprir com os objetivos propostos, ratificando a hipótese de que a *eucatástofe* pode dialogar com Tolkien, pode ser ampliada para outros campos de discussão em pesquisas futuras. Pode-se explorar mais outros objetivos que Tolkien propõem para as Histórias de Fadas, a saber, a fantasia, a recuperação e o escape. Estes três possuem associações teológicas, como foi apresentado brevemente no primeiro capítulo, e poderiam ser mais explorados em outros trabalhos acadêmicos. Mesmo aspectos que envolvem o consolo, onde surge a *eucatástofe*, pode ser mais aprofundado para outras obras do *Legendarium*. Talvez fosse interessante levar a discussão da *eucatástofe* para *O Hobbit*, ou para a criação dos anões por Aulë, ou até mesmo na trágica história de Númenor, registrada também em *O Silmarillion*. A discussão poderia se estender também para *O Senhor dos Anéis*, pois a maioria das pesquisas feitas a respeito dessa obra não são na área teológica, conforme já falado na introdução desta dissertação.

Outro aspecto interessante para se aprofundar é na relação que há entre *eucatástofe* e a proposta de Aristóteles em *Poética*, onde o filósofo grego apresenta a tragédia e a comédia gregas. De fato, Tolkien desenvolve o conceito tomando por base as ideias aristotélicas, e isso pode ser aprofundado no futuro.

Há também uma possibilidade de expandir os estudos de Tolkien dentro do campo ecumênico. De fato, foi mencionado a abertura do autor em dialogar

com outros cristianismos, além do Católico Romano. Seria interessante procurar identificar em suas cartas o quanto o autor estava disposto a se abrir para esse novo paradigma que surgia com o Vaticano II, bem como se há evidências disso em suas obras (há poucas expressões religiosas nas obras do *Legendarium*, portanto seria interessante ir nas outras obras de ficção do autor).

Por fim, a última opção de pesquisa que se propõe a partir do que foi abordado aqui a respeito de Tolkien é o quanto as personagens das suas histórias fantásticas podem se assemelhar ao ser humano responsável que é apresentado pelo teólogo protestante Dietrich Bonhoeffer. O autor deste trabalho pesquisou na graduação a ética da vida responsável estrutura por Bonhoeffer em sua obra *Ética*. Percebeu-se durante o desenvolvimento da dissertação que as ações dos personagens em *O Silmarillion* se assemelham, e muito, à proposta de vida responsável do teólogo protestante. A maneira como decisões são tomadas, os motivos que levam a estas escolhas, são assuntos que podem ser amadurecidos, e podem enriquecer a discussão teológica a respeito do tema, trazendo novas perspectivas dentro do estudo da antropologia e da ética teológica.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

Anuário 2020: Tolkien no Brasil. **Tolkienista**, 2020. Disponível em: <https://onfairy.files.wordpress.com/2020/12/tolkienista_anuario_2020-1.pdf> Acessado em 14/01/2021.

ARANTES, Judith Tonioli. **Fantasy e mito em o Silmarillion de J. R. R. Tolkien**. Tese – Universidade Presbiteriana Mackenzie (Curso de Doutorado em Letras). São Paulo, 2016.

ARANTES, Judith Tonioli. Caim e Fëanor: os dois primeiros fraticidas. In: **COLÓQUIO “VERTENTES DO FANTÁSTICO NA LITERATURA”**, 1., 2009, Araraquara/SP. **Anais...** Araraquara/SP: UNESP, 2009, p. 619-628.

As maiores bilheterias da história do cinema. **Adoro Cinema**, 2014. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-108698/?page=12>> Acessado em 14/01/2021.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e teologia: aproximações. **Revista Razões e Fé**, Pelotas/RS, v. 1, n. 2, dez. de 1999, p. 85-96

BEAL, Jane. Tolkien, Eucatastrophe, and the Re-Creation Medieval Legend. **Journal of Tolkien Research**: 2017, v. 4, n. 1, art. 8.

BIHLMAYER, Karl; TÜCHLE, Hermann. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1964-1965. 3 v.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **O Evangelho da Terra-Média: leituras teológico-literárias da obra de J. R. R. Tolkien**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Religião e Literatura – Reflexões sobre o Silmarillion. São Paulo: **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade**, ano 1, n. 1, p. 136-156, 2003.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

CODINA, Victor. **O Vaticano II, um Concílio em Processo de Recepção**. Perspectivas Teológicas, Belo Horizonte, n. 37, 2005, p. 89-104.

CORREIA, Fernanda da Cunha. O Silmarillion: a biografia de uma obra. In: CASAGRANDE, Cristina; KLAUTAU, Diego Genu. **A subcriação dos mundos**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

_____. **O Primeiro Senhor do Escuro: Melkor e as tradições mitológicas em O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien**. Dissertação – Universidade Presbiteriana Mackenzie (Curso de Mestrado em Letras). São Paulo, 2018.

CROFT, Janet Brennan. The Thread on Which Doom Hangs: Free Will, Disobedience, and Eucatastrophe in Tolkien's Middle-earth. **Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature**: vol. 29, n. 1, dez./2009, p. 131-149.

CURRY, Patrick. **Defending Middle-Earth: Tolkien: Myth and Modernity**. London: HarperCollins, 2012, e-book.

DURIEZ, Colin. The Fairy Story: J. R. R. Tolkien and C. S. Lewis. In: HART, Trevor; KHOVACS, Ivan. **Tree of Tales: Tolkien, Literature and Theology**. Baylor University Press, 2007, e-book.

FERREIRA, Thiago Destro Rosa. **Mitologia na Contemporaneidade: o Legendarium de J. R. R. Tolkien**. Dissertação – Universidade Federal de Uberlândia (Curso de Mestrado em História). Uberlândia/MG, 2013.

FOSTER, Robert. **The Complete Guide to Middle-earth: from The Hobbit through The Lord of the Rings and beyond**. New York: Ballantine Books, 1978.

FRYE, Northrop. **A Imaginação Educada**. Campinas/SP: Vide Editorial, 2017.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GOMES, Emanuelle Garcia; SYLVESTRE, Fernanda Aquino. Estudo dos Mitos e da Construção Narrativa em J. R. R. Tolkien. **Téssera**. Uberlândia/MG, v.1, n.1, p.90-109, jul./dez. 2018.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. Tolkien dos anéis: poeta e professor, profeta e pensador. In: CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **O Evangelho da Terra-Média: leituras teológico-literárias da obra de J. R. R. Tolkien**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p. 13-45.

GRUDEM, WAYNE. **Teologia Sistemática**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HART, Trevor. Tolkien, Creation and Creativity. In: HART, Trevor; KHOVACS, Ivan. **Tree of Tales: Tolkien, Literature and Theology**. Baylor University Press, 2007, e-book.

HAUSMANN, Michaela. Parallel Paths and Distorting Mirrors: strategic duality as a narrative principle in Tolkien's Works. **Mallorn: the Journal of the Tolkien Society**, n. 56, 2015, p. 31-35.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html> Acessado em: 15/04/2020.

KLAUTAU, Diego Genu. **O Senhor dos Anéis: a síntese tolkieniana**. In: CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **O Evangelho da Terra-Média: leituras**

teológico-literárias da obra de J. R. R. Tolkien. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p. 81-128.

_____. **O Bem e o Mal na Terra Média A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC/SP, São Paulo, 2007.

_____. Tolkien e suas referências. In: CASAGRANDE, Cristina; KLAUTAU, Diego Genu. **A subcriação dos mundos.** São Paulo: FFLCH/USP, 2019

_____. As estórias de fadas na Cidade de Deus: teoria literária de J. R. R. Tolkien e as virtudes cardeais de Santo Agostinho. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura.** São Paulo, 2007, n. 14, p. 10-23.

_____. **O Condado, a Terra-Média e o Mar – a nostalgia de Tolkien.** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSI_NORELIGIOSO/artigos/8condado.pdf> Acessado em 31 de agosto de 2020.

KYRMSE, Ronald. **Explicando Tolkien.** São Paulo: Martins Fontes, 2003, 180f.

LANGENHORST, Georg. Teología y Literatura: História, hermenéutica y programa desde una perspectiva europea. **Teoliterária:** São Paulo, 2011, v. 1, n. 1, p. 169-185.

LEWIS, C. S. **The Dethronement of Power.** Disponível em: <<https://earthandoak.wordpress.com/2018/01/06/cs-lewis-response-to-critics-of-the-lord-of-the-rings-the-dethronement-of-power/>> Acessado em: 17/09/2020.

MANZATTO, Antonio. Em torno da questão da verdade. **Horizontes:** Belo Horizonte, jan./mar. 2012, v. 10, n. 25, p. 12-28.

MENDE, Lisa Anne. Gondolin, Minas Tirith and the Eucatastrophe. **Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythpoeic Literature:** v. 13, n. 2, p. 37-40.

MENEZES, Camila. O Sentido do Sofrimento em *O Senhor dos Anéis*: uma introdução. In: CASAGRANDE, Cristina; KLAUTAU, Diego Genu. **A subcriação dos mundos.** São Paulo: FFLCH/USP, 2019

NEBERMAN, Skyler. Eucatastrophe: on the necessity of sorrow for the human person. **Mallorn: the Journal of the Tolkien Society,** n. 57, dez./2016, p. 27-28.

Os 10 livros mais vendidos de todos os tempos. **Diário do Estado,** 2020. Disponível em: <<https://diariodoestadogo.com.br/os-10-livros-mais-vendidos-de-todos-os-tempos-76429/>> Acessado em 14/01/2021.

PIO IX. **Quanta Cura**. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembri-1864.html>>. Acessado em 15/04/2020.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar o Mal: da ponerologia à teodiceia**. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAPOSEIRA, Sílvia do Carmo Campos. **“Tree by Tolkien”: J. R. R. Tolkien e a Teoria dos Contos de Fadas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses) – Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa, 2006.

RICOEUR, Paul. **A Simbólica do Mal**. Lisboa: Edições 70, 2013.

RUFO, Aline Duarte. **Melkor, o inimigo do mundo: a constituição do vilão em O Silmarillion de J. R. R. Tolkien**. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos (Curso de Mestrado em Linguística). São Carlos/SP, 2016.

RYKEN, Philip. **O Messias vem à Terra-média**. Brasília/DF: Editora Monergismo, 2018.

SANTO, Eliseu Roque do Espírito. **O Paradoxo da Oração na Teologia Sistemática de Paul Tillich**. Fragmentos de Cultura: Goiânia, v. 26, n. 4, out./dez. 2016, p. 572-578.

SOUZA, Jonas Filipe Matos de Souza. **O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien e as Virtudes Cardeais: literatura fantástica e moral cristã**. Dissertação – Universidade de Brasília (Curso de Mestrado em Teoria Literária). Brasília/DF, 2018.

STANIFER, John. **The Good Catastrophe: Tolkien on the Consolation of the Happy Ending**. Inklings Forever: 2014, v. 9, p. 1-6

STARK, Eduardo. **Tolkien e a Igreja Católica de seu tempo**. Disponível em: <<http://tolkienbrasil.com/2017/04/27/tolkien-e-a-igreja-catolica-de-seu-tempo/>> Acessado em 16/04/2020.

THE 50 greatest British writers since 1945. **The Times**, 2008. Disponível em: <<https://www.thetimes.co.uk/article/the-50-greatest-british-writers-since-1945-ws3q69xrf90>> Acessado em 23/10/2020.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: bPerspectiva, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **As Cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

_____. **Sobre Histórias de Fadas**. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

_____. **O Hobbit**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **O Senhor dos Anéis**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Silmarillion**. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2009.

VIEIRA, Lincoln Rodolfo Muniz. Os tipos de herói nos romances de fantasia *O Hobbit* e *O Silmarillion* de Tolkien. In: **COLÓQUIO “VERTENTES DO FANTÁSTICO NA LITERATURA”**, 1., 2009, Araraquara/SP. **Anais...** Araraquara/SP: UNESP, 2009, p. 673-685.

VILLAS BOAS, Alex Boas. **Teologia em Diálogo com a Literatura: origem e tarefa poética da teologia**. São Paulo: Paulus, 2016

ZEFERINO, Jeferson; FERNANDES, Márcio Luiz. **O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal**. *Teoliterária*: São Paulo, 2020, v. 10, n. 21, p. 470-497.

APÊNDICE A – LISTA DE OBRAS DE J. R. R. TOLKIEN EM ORDEM CRONOLÓGICA

A presente lista de obras de autoria de J. R. R. Tolkien segue a ordem cronológica, conforme disponibilizado pelo site oficial da Tolkien Society, o qual poderá ser acessado pelo seguinte link: <<https://www.tolkiensociety.org/author/books-by-tolkien/>>, acessado em 05/05/2021.

- **A Middle English Vocabulary.** The Clarendon Press, Oxford, 1922.
- **Sir Gawain & The Green Knight.** The Clarendon Press, Oxford, 1925 (versão em inglês moderno da obra homônima, que remonta ao período medieval).
- **The Hobbit: or There and Back Again.** George Allen and Unwin, London, 1937.
- **Farmer Giles of Ham.** George Allen and Unwin, London, 1949.
- **The Fellowship of the Ring: being the first part of The Lord of the Rings.** George Allen and Unwin, London, 1954.
- **The Two Towers: being the second part of The Lord of the Rings.** George Allen and Unwin, London, 1954.
- **The Return of the King: being the third part of The Lord of the Rings.** George Allen and Unwin, London, 1955.
- **The Adventures of Tom Bombadil and Other Verses from the Red Book.** George Allen and Unwin, London, 1962.
- **Ancrene Wisse: The English Text of the Ancrene Riwe.** Early English Text Society, Original Series n. 249. Oxford University Press, London, 1962.
- **Tree and Leaf.** George Allen and Unwin, London, 1964.
- **Smith of Wootton Major.** George Allen and Unwin, 1967.
- **The Road Goes Every On: A Song Cycle.** Houghton Mifflin, Boston, 1967.
- **Bilbo's Last Song.** George Allen and Unwin, London, 1974.

As próximas obras foram editadas, em sua maioria, por Christopher Tolkien, podendo haver, também, auxílio de outros indivíduos, visto que o autor original já havia falecido.

- **Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo.** George Allen and Unwin, London, 1975.
- **The Father Christmas Letters.** George Allen and Unwin, London, 1976.
- **The Silmarillion.** George Allen and Unwin, London, 1977.
- **Pictures by J.R.R. Tolkien.** George Allen and Unwin, London, 1979.
- **Unfinished Tales of Numenor and Middle-earth.** George Allen and Unwin, London, 1980.
- **Letters of J.R.R. Tolkien.** George Allen and Unwin, London, 1981.
- **The Old English 'Exodus'.** The Clarendon Press, Oxford, 1981.
- **Mr. Bliss.** George Allen & Unwin, London, 1982.
- **Finn and Hengest: The Fragment and the Episode.** George Allen and Unwin, London, 1982.
- **The Monsters and the Critics and Other Essays.** George Allen and Unwin, London, 1983.
- **The Book of Lost Tales, Part I.** The History of Middle-earth: Vol. 1. George Allen and Unwin, London, 1983.
- **The Book of Lost Tales, Part II.** The History of Middle-earth: Vol. 2. George Allen and Unwin, London, 1984.
- **The Lays of Beleriand.** The History of Middle-earth: Vol. 3. George Allen and Unwin, London, 1985.
- **The Shaping of Middle-earth.** The History of Middle-earth: Vol. 4. George Allen and Unwin, London, 1986.
- **The Lost Road and Other Writings.** The History of Middle-earth: Vol. 5. Unwin Hyman, London, 1987.
- **The Return of the Shadow.** The History of Middle-earth: Vol. 6. Unwin Hyman, London, 1988.
- **The Treason of Isengard.** The History of Middle-earth: Vol. 7. Unwin Hyman, London, 1989.
- **The War of the Ring.** The History of Middle-earth: Vol. 8. Unwin Hyman, London, 1990.
- **Sauron Defeated.** The History of Middle-earth: Vol. 9. HarperCollins, London, 1992.

- **Morgoth's Ring.** The History of Middle-earth: Vol. 10. HarperCollins, London, 1993.
- **The War of the Jewels.** The History of Middle-earth: Vol. 11. HarperCollins, London, 1994.
- **The Peoples of Middle-earth.** The History of Middle-earth: Vol. 12. HarperCollins, London, 1996.
- **Roverandom.** HarperCollins, London, 1998.
- **Tales from the Perilous Realm.** HarperCollins, London, 1997.
- **The Children of Húrin.** HarperCollins, London, 2007.
- **The Legend of Sigurd and Gudrún.** HarperCollins, London 2009.
- **The Fall of Arthur.** HarperCollins, London 2013.
- **Beowulf: A Translation and Commentary, together with Sellic Spell.** HarperCollins, London, 2014.
- **Tolkien On Fairy-stories.** HarperCollins, London, 2014.
- **The Story of Kullervo.** HarperCollins, London, 2015.
- **The Story of Kullervo.** HarperCollins, London, 2015.
- **The Lay of Aotrou and Itroun.** HarperCollins, London, 2016.
- **Beren and Lúthien.** HarperCollins, London, 2017.
- **The Fall of Gondolin.** HarperCollins, London, 2018.

APÊNDICE B – PERSONAGENS DE O SILMARILLION MENCIONADOS NA DISSERTAÇÃO

- Beren: humano filho de Barahir, o qual conquista o amor da elfa Lúthien, ao cumprir a missão dada pelo pai dela, Thingol, de conseguir uma das *silmarils* que estava sob o poder de Morgoth.
- Eärendil: filho de Tuor, um humano, e de Idril, filha de Turgon, descendente de Fingolfin. Pai de Elrond e Elros. Será aquele quem viajará até Valinor a fim de clamar pela misericórdia dos Valar sobre a Terra-média, a qual persiste em sofrer constantes ataques por parte de Melkor.
- Fëanor: príncipe dos Noldor, primogênito de Finwë e irmão de Fingolfin e Finarfin. Pai de Maedhros, Maglor, Celegorm, Caranthir, Curufin, Amrod e Amras. Criador das *silmarils*, e foi aquele que incitou os Noldor a rumarem à Terra-média para retomarem as joias roubadas por Melkor.
- Finarfin: terceiro filho de Finwë, irmão de Fëanor e Fingolfin. Pai de Finrod, Orodreth, Angrod, Aegnor e Galadriel. Não viajou para a Terra-média, arrependendo-se diante da Condenação de Mandos, e retornando para Aman a fim de conquistar o perdão dos Valar.
- Fingolfin: segundo filho de Finwë, irmão de Fëanor e Finarfin. Pai de Fingon, Turgo e Aredhel. Apesar de ser mal tratado por Fëanor, viaja com seu irmão para a Terra-média a fim de tentar readquirir as *silmarils*. Um dos motivos, também, foi para proteger os diversos Noldor que estavam acompanhando Fëanor na terrível jornada que ele decidira empreender.
- Finwë: um dos primeiros elfos, eleitos como embaixadores dos Noldor para visitar Aman, e verificar a possibilidade de seu clã peregrinar para lá habitar. Pai de Fëanor, Fingolfin e Finarfin.
- Lúthien: elfa filha de Thingol e Melian. Considerada um dos mais belos seres vivos da Terra-média.